

ROSA LEITE DA COSTA

**OS PROFISSIONAIS EGRESSOS DE LETRAS E SEUS DISCURSOS: DA
CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* AOS SENTIDOS SOBRE O CURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – PPGL/ UERN – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza

Pau dos Ferros
2010

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza – UERN
(Presidente)

Prof. Dr. Benjamim Abdala Junior - USP
(1º Examinador)

Prof.^a Dra. Maria Socorro Maia F. Barbosa – UERN
(2ª Examinadora)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Edileuza da Costa - UERN
(Suplente)

Dissertação defendida e aprovada em ____ de _____ de 2010.

A citação de qualquer trecho desta dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Rosa Leite da Costa

DEDICATÓRIA

Em especial, a **Jesus Cristo**, que é digno de toda honra e de toda glória. Pelas oportunidades concedidas, pela saúde preciosa, pela fé que se move dentro de mim. Especialmente, pelo privilégio de ter crescido perto de meus pais, os quais tiveram a sabedoria de fazer conforme a palavra “Ensina a criança o caminho no qual se deve andar”.

A tua benignidade é para sempre!

Ao meu pai, **Francisco Alves da Costa** (*in memoriam*) pela paciência de segurar minha mão para cobrir as primeiras letras, pelas Cartas de ABC compradas, pela insistência de todas as tardes em juntar sílabas, formar palavras, decifrar frases. Até mesmo, pela cobrança da tabuada, pelo martírio que ela me causava. Especialmente, pelos acordes de sua voz, nas muitas vezes que lia e relia as histórias da Bíblia, que, nas noites de chuva, contava as bravuras de Lampião, que sabia fazer três crianças rirem com os cordéis declamados, as piadas contadas. Também pelo prazer de viajar pelos lugares mais distantes do mundo, nestas mesmas noites de chuvas, quando mostrava-nos sua geografia, quando, comigo, travava o desafio de cantar o Hino Nacional, o Hino da Bandeira e muitos outros, contidos no hinário cristão que possuíamos. Por tudo isso!

À minha mãe, **Terezinha Leite da Costa**, que nos acompanhava nestes momentos. A ela que, ao início de mês, chegava em casa com os tão sonhados cadernos de desenho ou as caixas de lápis de cor, um presente de cada vez. Pelas inúmeras vezes que me fazia vestir o odiado uniforme e ir à aula, também por isso. Especialmente, por entender como ninguém mais entende, a minha necessidade de estudar.

Aos dois, por terem insistido, acreditado em mim.

AGRADECIMENTOS

Em especial,

À minha mãe, **Dona Terezinha**, que, durante este período, procurou, da melhor maneira possível, contribuir para a realização deste trabalho, retirando de mim algumas responsabilidades, deixando-me livre para estudar. Aos meus irmãos, **Elias** e **Dedé**, que viram de perto o meu esforço e que não se negaram nas horas que precisei de ajuda.

Ao meu orientador, **Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza**, pela insistência que lhe é peculiar. Desde a especialização, em 2003, ele parece não ter desistido de ser meu orientador: nos concursos, na minha atuação pedagógica, na pesquisa, na vida. Agradeço também pela amizade construída, pelas portas de sua casa abertas, para mim, sempre que preciso. Especialmente, pela compreensão e paciência durante o percurso desta pesquisa.

Às professoras, Dra. **Maria Edileuza da Costa** e Dra. **Maria do Socorro Maia F. Barbosa**, que participaram do exame de qualificação deste trabalho. A elas devo não só as contribuições de ordem teórica, metodológica e de conteúdo, mas também o apoio, a certeza de que eu concluiria este trabalho. Curiosamente, elas nunca se dirigiam a mim, perguntando quando eu o terminaria, quando seria a defesa, esse silêncio acendia em mim o “medo bom”, pois sabia que tinha alguém, um auditório particular, à espera de uma dissertação.

Ao professor, **Dr. Benjamim Abdala Júnior**, pela honra de tê-lo como examinador deste trabalho. Agradeço, especialmente, pela delicadeza do convite aceito, em meio a tanto trabalho e compromissos que tem este notável profissional. A ele, não só eu, aluna, mas também o Corpo Docente do PPGL/UERN e todos os alunos desse Programa devem o reconhecimento de seu empenho para que o sonho do mestrado fosse realizado aqui em Pau dos Ferros.

A Professora **Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio**, pelas contribuições nos rabiscos desta pesquisa (projeto). Lembro-me de suas orientações nas aulas de Metodologia, em especial, no dia em que apresentei um texto enorme pensando que havia feito o “Desenho da pesquisa”, ela, com o sorriso largo, como sempre, disse-me: Você não aprendeu desenhar, desenha-se com imagens, cores, mostra-se figuras. Meu texto era branco! Especialmente, agradeço pela confiança, pelo apoio, pelas muitas conversas, pela receptividade em sua casa, quase diariamente.

Aos primeiros professores do Curso, por não terem medido esforços para que esse Programa pudesse ser uma realidade hoje. Agradeço aos professores das disciplinas que cursei, em especial à professora **Dra. Medianeira Souza**, como foi bom ter sido aluna dela novamente, ela que me viu chegar à UERN. Aos professores **Dr. Iveraldo Santos**, à professora **Dra. Alessandra Cardoso** e aos professores **Dr. Gilton Sampaio**, **Dra Lúcia Pessoa** e **Dra. Edileuza Costa**, já mencionados. E, ainda, à prof. **Dra. Lílian de Oliveira**, com quem não tive o prazer de estudar na Universidade, mas tive o prazer de ser orientada para a vida.

A todos os meus colegas de Curso, pela amizade construída ao longo desse período de dois anos para uns, de mais de dois anos para outros. A **Genário**, pela confiança conquistada, pelas nossas conversas sobre muitos assuntos que nada tinham a ver com a sala de aula. A **Gevildo**, pelo privilégio de conviver com esse ser humano indescritível. A **Lucélio**, meu conterrâneo, pelos momentos de humor, de brincadeiras. A **Wellington**, meu amigo, meu confidente, com quem agora tenho o prazer de trabalhar no mesmo local. A **Redson**, pela tranquilidade que repassava a pessoas aflitas como eu. A **Cid Van**, que era ainda mais tranquilo do que Redson, pela conversa boa dos intervalos, por ter compartilhado conosco o nascimento de sua filha. Às meninas da turma, à **Edneide**, pela beleza da poesia que enobrece a alma de uma menina sonhadora, forte, inteligente. À **Noemi Gamboa**, a ela eu nem sei como agradecer, porque foi quem “aguentou” quase todos os dias as conversas insurportáveis de uma mestranda que se dividia entre o trabalho e a solidão de escrever um texto acadêmico como este. À **Hubeônia**, pelo companheirismo, pelos estudos conjuntos, pelas boas risadas. À **Roselany** pelo conhecimento repassado, pelas angústias divididas. A vocês, que marcaram uma fase de minha vida, fase parecida com aquela do tempo de escola.

Aos **professores do Departamento de Letras do CAMEAM**, que sempre entenderam o quão difícil é cursar uma pós-graduação em pleno exercício do Magistério, especialmente ao Prof. **Jailson José dos Santos**, que acompanhou esse processo mais de perto, mostrando-se prestativo, preocupado até. Também à Prof.^a **Fátima de Carvalho Dantas**, que unindo forças à Professora **Maria do Socorro Maia**, lutou pela minha contratação na UERN, assim como também fez a Prof. **Edileuza Costa**. À **Marta Jacinto**, nossa Martinha, pela compreensão, pela ajuda preciosa, sempre que preciso.

Aos amigos que perguntavam insistentemente se eu já havia terminado a dissertação, entre eles, **Carlos Magno, Ciro Leandro, Crígina Cibelle, Leidiana Alves**. A Carlos, pelas conversas descontraídas. À Crígina por me convidar para sair, para esquecer a dissertação. A Ciro pelas histórias que só ele sabe contar e pela amizade de longas datas. À Leidiana pela doçura de sua voz, de sua calma, pelo conhecimento compartilhado e pela ajuda preciosa nos gráficos deste trabalho.

Também aos amigos **Miriam Marques e Adriano Helder**, que, embora perguntassem pela dissertação, sempre estiveram presentes na minha vida. Miriam porque, literalmente, me viu crescer, crescemos juntas. Adriano, eu o vi crescer, um jovem empreendedor, que sempre viu em mim uma professora, uma estudante de pós-graduação.

Aos amiguinhos que não perguntam pela dissertação e que não convidavam para sair: **Raiane, Eduardo, Erick, Ellen e Gilton Júnior**. A Raiane, por querer ser como a tia, a Eduardo por esperar a minha volta para casa todos os sábados com um sorriso no rosto e um abraço mais forte do que o meu, a Erick, por também esperar na calçada com um sorriso lindo nos lábios e a pergunta pronta: Vai demorar em casa? À Ellen, que mesmo tão pequena, me dá forças para voltar logo para casa depois de uma semana de cansaço. A Gilton Júnior, que me emociona todas as vezes que diz “Flor”, como só ele sabe dizer. A estas crianças lindas!

Aos amigos que oram: **Evilázia, Janaina, Elizama, Silvana, Diná, Eduardo**, pelas muitas vezes que sei que fui e sou apresentada ao Senhor, pelo incentivo, pela amizade verdadeira.

De modo muito especial, a **Nado Almeida**, por perguntar todos os dias pela dissertação, por aconselhar: organiza-te! Por me fazer rir, por compartilhar as alegrias e tristezas do cotidiano, principalmente, por orar por mim. Ninguém mais do que ele, esteve presente na minha vida durante este percurso.

Aos **egressos do Curso de Letras do CAMEAM**. Sem eles, esta pesquisa não seria possível.

A **Deus**, por tudo que acabei de descrever!

COSTA, R. L. da. **Os profissionais de Letras e seus discursos:** da constituição do *ethos* aos sentidos sobre o curso. 171 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2010.

RESUMO

Nesta dissertação, investiga-se o discurso dos egressos do Curso de Letras do *Campus* Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia, CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, observando a constituição da imagem (*ethos*) desses egressos como ex-alunos e/ou profissionais atuantes, e ainda os sentidos que eles atribuem ao próprio curso em que se formaram. O termo *ethos* adquire aqui o sentido de adequação do orador ao auditório e, para se chegar ao *ethos* desses egressos, observa-se todo o processo retórico/argumentativo: 1) os valores apresentados diante do auditório, 2) os lugares da argumentação, 3) as teses e a natureza dos argumentos empregados no discurso. E para os sentidos atribuídos ao Curso, observam-se: 1) os posicionamentos desses egressos, na condição de oradores, em relação às teses (questões) apresentadas pelos pesquisadores, considerando a existência ou não de um acordo inicial entre as partes do discurso (orador/auditório), 2) a defesa ou não dessas teses, e 3) os valores e/ou lugares da argumentação que o orador emprega para fundamentar suas opiniões, para atribuir sentidos ao curso mediante os auditórios constituídos no discurso. Nesse sentido, esse trabalho toma como orientação geral a noção de dialogismo (BAKHTIN 1997, 2002) por ser a linguagem constitutivamente dialógica, de maneira que os discursos sempre se reportam a outros discursos. É nesse aspecto que os resultados apontam para um verdadeiro diálogo entre os discursos dos egressos dos anos de 2001 e 2005. Ainda por esse caráter dialógico é possível a existência de acordos entre essa noção de dialogismo e a Nova Retórica ou Teoria da Argumentação, a qual orienta esse trabalho fornecendo as bases para se chegar às constatações. Assim sendo, toma-se como pressupostos fundamentais para esse trabalho A Nova Retórica (PERELMAN, 1993; PERELMAN E TYTECA, 1996), os estudos nesse campo da linguagem (ABREU, 1999; REBOUL, 1998; AMOSSY, 2005; MEYER, 2007; SOUZA, 2008; dentre outros), e a própria noção de dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, (BAKHTIN 1997, 2002). A constituição do *corpus* se deu por meio da aplicação e coleta de instrumentais de pesquisa (questionário) aos egressos dos anos de 2001 e 2005 do Curso de Letras do *Campus* supracitado, durante o ano de 2007. As análises revelaram algumas aproximações entre os discursos dos egressos desses dois diferentes anos e diferenças bastante acentuadas em torno das imagens construídas para si, *ethos*, e, especialmente, nos sentidos constituídos sobre o próprio Curso de Letras do CAMEAM, constatações motivadas pelas instâncias de produção dos discursos, isto é, as condições de existência do Curso de Letras e, principalmente, pela influência dos interlocutores (auditórios) no discurso desses egressos constituídos oradores. Esta pesquisa contribui para as discussões em torno da política de formação dos cursos de licenciatura, e especificamente, para a discussão sobre o Curso de Letras tomado como referente neste trabalho, no que concerne à formação oferecida a seus alunos e o reflexo desta para o mercado de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso dos egressos. *Ethos*. Sentidos.

COSTA, R. L. de. **Os profissionais de Letras e seus discursos: da constituição do *ethos* aos sentidos sobre o curso.** 171 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2010.

ABSTRACT

In this work we research the discourse of graduated students that went out of Curso de Letras from *Campus Avançado* Professora Maria Eliza de Albuquerque Maia – CAMEAM, at Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN, observing the image constitution (*ethos*) of that students as not more students and professionals, beside this we see the meaning they give to the own Course in which they were graduated. The word *ethos* is applied here as the adequate from locator to auditorium and to acquire the right comprehensions of students' *ethos* we try to understand the whole rhetorical argumentative process: 1) the value showed in front of the auditorium, 2) the argumentation place, 3) the thesis and the nature of arguments applied in their discourses. To the meaning they give to the course we saw: 1) the position of the students, in the orator condition, related to thesis (questions) showed by researchers, considering or not the existence of a initial commitment among the parts of discourse (orator/auditorium), 2) the defense or not of these thesis, and 3) the values or places of argumentation that the orator apply background their opinions, to attribute meaning to the Course in front of the auditorium constructed at discourses. In this sense this work take as general orientation the notion of dialogism (BAKHTIN 1997, 2002) that see language as essentially dialogical, in a way that discourses are always constructed from other ones. It is exactly in this aspect that the results point out a true dialog between discourses from the interviewed students from years 2001 and 2005. Still based on this dialogical aspect is possible point out the existence of commitments between the notion of dialogism and the New Rhetoric or Argumentation Theory that guide this work giving it theoretical basis to its acquirements. This way we took the propositions from New Rhetoric (PERELMAN, 1993; PERELMAN E TYTECA, 1996), the studies in this language field (ABREU, 1999; REBOUL, 1998; AMOSSY, 2005; MEYER, 2007; SOUZA, 2008; among others), and the own notion of dialogism as constitutive of language, (BAKHTIN 1997, 2002). The *corpus* was formed by questionnaires to students that leave the University in 2001 and 2005 in Curso de Letras from CAMEAM/UERN, along 2007. The analyzes showed that concordances between discourses from students in these different years considered differences around images constructed form they own, *ethos*, especially about the meaning they construct about Curso de Letras at CAMEAM. These identifications moved by production discourse institution, i. e., the existence conditions of Curso de Letras mainly by interlocutors influence (auditorium) in those students constructed as orators. This research contribute to discussions around a policy of Graduate Course formation, especially to the discussion about Letras Course taken as reference in this work, in what is concerned to the education offered to their students and the consequences or reflexes at the field of action, at their work as professionals.

Key words: Discourse from graduated students. *Ethos*. Meaning.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

GRÁFICOS

Gráfico	01	-	Total	de	egressos	por	ano.
.....							
57							
Gráfico	02	-	Egressos	de	2001:		formação
.....							
57							
Gráfico	03	-	Egressos	de	2005:		formação
.....							
58							

QUADROS

Quadro		01-		Questões			aplicadas..
.....							
55							
Quadro	02	-	Critérios	de	análise	egressos	2001.
.....							
56							
Quadro	03	-	Critérios	de	análise	egressos	2005
.....							
56							
Quadro		04	-	<i>Ethos</i>			2001(graduados).
.....							
61							
Quadro		05	-	<i>Ethos</i>			2005(graduados)
.....							
62							
Quadro	06	-	<i>Ethos</i>	2001(cursando			pós-graduação).
.....							
63							
Quadro	07	-	<i>Ethos</i>	2005(cursando			pós-graduação).
.....							
64							
Quadro		08	-	<i>Ethos</i>			2001(pós-graduados).

65

Quadro 09 - A influência do auditório no discurso sobre a formação - graduados/2001

66

Quadro 10 - A influência do auditório no discurso sobre a formação - graduados/2005

67

Quadro 11 - A influência do auditório no discurso sobre a formação - egressos cursando pós-graduação /2001..

68

Quadro 12 - A influência do auditório no discurso sobre a formação - egressos cursando pós-graduação /2005.

68

Quadro 13 - A influência do auditório no discurso sobre a formação - egressos pós-graduados 2001.

69

Quadro 14 - A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso - egressos 2001 graduados..

69

Quadro 15 - A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso - egressos 2005 graduados..

70

Quadro 16 - A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso - egressos 2001 cursando pós-graduação.

71

Quadro 17 - A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso - egressos 2005 cursando pós-graduação..

71

Quadro 18 - A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso - egressos 2001 pós-graduados.

72

Quadro 19 - *Ethos* do egresso 04G/2001

83

Quadro 20 - *Ethos* do egresso 07G/2001.

83

Quadro	21	-	<i>Ethos</i>	do	egresso	10G/2001.
.....						
	83					
Quadro	22	-	<i>Ethos</i>	do	egresso	09G/2001.
.....						
	84					
Quadro	23	-	<i>Ethos</i>	do	egresso	05G/2001.
.....						
	84					
Quadro	24	-	Os discursos sobre a formação	-	egressos	2001/graduados.
.....						
	87					
Quadro	25	-	Os discursos sobre o Curso	-	egressos	2001/graduados
.....						
	92					
Quadro	26	-	Do <i>ethos</i> aos sentidos sobre o Curso	-	Egressos	2001/graduados
.....						
	93					
Quadro	27	-	<i>Ethos</i>	do	egresso	01G/2005.
.....						
	101					
Quadro	28	-	<i>Ethos</i> dos egressos	06G/2005	e	08G/2005.
.....						
	101					
Quadro	29	-	<i>Ethos</i>	do	egresso	03G/200
.....						
	101					
Quadro	30	-	<i>Ethos</i>	do	egresso	04G/2005
.....						
	102					
Quadro	31	-	Os discursos sobre a formação	-	egressos	2005/graduados.
.....						
	105					
Quadro	32	-	Os discursos sobre o Curso	-	egressos	2005/graduados
.....						
	109					
Quadro	33	-	Do <i>ethos</i> aos sentidos sobre o Curso	-	Egressos	2005/graduados
.....						
	111					
Quadro	34	-	<i>Ethos</i>	do	egresso	02CPG/2001.
.....						
	115					
Quadro	35	-	Os discursos sobre a formação	-	egressos	2001/cursando pós-graduação.
.....						
	116					
Quadro	36	-	Os discursos sobre o Curso	-	egressos	2001/cursando pós-graduação

.....
117

Quadro 37 - Do *ethos* aos sentidos sobre o Curso - Egressos 2001/cursando pós-graduação

.....
117

Quadro 38 - *Ethos* do egresso 06CPG/2005

.....
124

Quadro 39 - *Ethos* do egresso 14CPG/2005.

.....
124

Quadro 40 - *Ethos* do egresso 17CPG/2005.

.....
124

Quadro 41 - *Ethos* do egresso 23CPG/2005.

.....
125

Quadro 42 - *Ethos* do egresso 12CPG/2005

.....
125

Quadro 43 - Os discursos sobre a formação - egressos 2005/cursando pós-graduação.

.....
129

Quadro 44 - Os discursos sobre o Curso - egressos 2005/cursando pós-graduação

.....
133

Quadro 45 - Do *ethos* aos sentidos sobre o Curso - Egressos 2005/cursando pós-graduação.

.....
135

Quadro 46 - *Ethos* do egresso 01PG/2001

.....
140

Quadro 47 - *Ethos* do egresso 07PG/2001

.....
141

Quadro 48 - *Ethos* do egresso 03PG/2001

.....
141

Quadro 49 - *Ethos* do egresso 04PG/2001

.....
141

Quadro 50 - *Ethos* do egresso 06PG/2001

.....
141

Quadro 51 - Os discursos sobre a formação - egressos 2005/graduados

.....
145

Quadro 52 - Os discursos sobre o Curso - egressos 2005/graduados

.....
148

Quadro 53 - Do *ethos* aos sentidos sobre o Curso - Egressos 2001/graduados

.....
149

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

.....
15

CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: UM DIÁLOGO ENTRE ÉPOCAS E LUGARES DIFERENTES

.....
20

1.1 Aos possíveis interlocutores:

.....
20

1.1.1 Àqueles que bem conhecem

.....
20

1.1.2 Àqueles que pouco conhecem

.....
21

1.1.3 A linguagem na visão sócio-interacionista

.....
21

1.2 Estabelecendo o diálogo: a argumentação no discurso

.....
26

1.2.1 Retóricas: um diálogo entre os séculos

.....
27

1.2.2 A tradição retórica

27						
1.2.3	A	Retórica	de				Aristóteles
28						
1.2.4	Uma	Nova	Retórica:	no	âmbito	da	argumentação
30						
1.3	A	noção	de	<i>ethos</i>	na	Nova	Retórica
32						
1.4	A	importância	do				auditório
35						
1.4.1						O	Acordo
37						
1.4.2			Os			Valores	
38						
1.4.3	Os	Lugares	da				Argumentação
39						
1.5	As	teses	e	as	técnicas	argumentativas	na
	construção	de	sentidos				
41						
1.5.1			Os			argumentos	quase-lógicos
41						
1.5.2	Os	argumentos	baseados	na	estrutura	do	real
45						
1.5.3	Os	argumentos	que	fundam	a	estrutura	do
							real
47						
1.5.4	Os	argumentos	por	dissociação	de	noções	
48						

CAPÍTULO II - DESENHANDO A PESQUISA: ASPECTOS METODLÓGICOS

51

2.1 **Caracterização da pesquisa e universo de estudo**

51

2.2	O	<i>corpus</i>	se	constitui:	os	dados	tomam	forma
.....								
54								
2.3	Os			questionários				
.....								
54								
2.4	Visualizando		os		egressos			
.....								
56								
2.5	O	Curso	de	Letras	do	CAMEAM		
.....								
58								
2.6	Análise	e		interpretação		dos	dados	
.....								
60								

CAPÍTULO III – OS PROFESSORES E SUA FORMAÇÃO: O DISCURSO REVELADO PELAS LETRAS

.....								
74								
3.1	O discurso dos egressos de 2001: imagens e sentidos de quem/por quem ainda não voltou à universidade							
.....								
74								
3.1.1	As	imagens		no	discurso			
.....								
75								
3.1.2	Ainda	sobre		o	<i>ethos</i>			
.....								
80								
3.1.3	A influência do auditório no discurso sobre a formação dos egressos da graduação de 2001							
.....								
84								
3.1.4	O Curso de Letras pelos egressos da graduação de 2001: a influência do auditório							
.....								
88								
3.1.5	Os egressos de 2001 e sua formação: do <i>ethos</i> aos sentidos sobre o Curso							
.....								
92								

3.2 O discurso dos egressos de 2005: imagens e sentidos de quem/por quem ainda não voltou à universidade

94

3.2.1 As imagens no discurso

94

3.2.2 Ainda sobre o *ethos*

98

3.2.3 A influência do auditório no discurso sobre a formação dos egressos da graduação de 2005

102

3.2.4 O Curso de Letras pelos egressos da graduação de 2005: a influência do auditório

106

3.2.5 - Os egressos de 2005 e sua formação: do *ethos* aos sentidos sobre o Curso

110

CAPÍTULO IV – OS PROFESSORES E SUA FORMAÇÃO: O DISCURSO REVELADO (A)PÓS AS LETRAS

113

4.1 O discurso dos egressos de 2001 em formação: imagens e sentidos de quem/por quem voltou à universidade

113

4.1.1As imagens no discurso

113

4.1.2 Ainda sobre o *ethos*

114

4.1.3 A influência do auditório no discurso sobre a formação: egressos de 2001 cursando pós-graduação

115

4.1.4 O Curso de Letras pelos egressos de 2001/cursando pós-graduação

116

4.1.5 Os egressos de 2001 em formação: do *ethos* aos sentidos sobre o Curso

117

4.2 O discurso dos egressos de 2005 em formação: imagens e sentidos de quem/por quem voltou à universidade

118

4.2.1. As imagens no discurso

118

4.2.2 Ainda sobre o *ethos*

121

4.2.3 A influência do auditório no discurso sobre a formação: egressos de 2005 cursando pós-graduação

125

4.2.4 O Curso de Letras pelos egressos de 2005 cursando pós-graduação: a influência do auditório

130

4.2.5 Os egressos de 2005 em formação: do *ethos* aos sentidos sobre o Curso

134

4.3 O *ethos* dos egressos de 2001 pós-graduados: imagens e sentidos de quem/por quem voltou à universidade

135

4.3.1 As imagens no discurso

136

4.3.2 Ainda sobre o *ethos*

138

4.3.3 O discurso sobre a formação pelos egressos da graduação de 2001 pós-graduados

142

4.3.4 O Curso de Letras pelos egressos da graduação de 2001 pós-graduados

145

4.3.5 Os egressos de 2001 já pós-graduados: do *ethos* aos sentidos sobre o Curso

149

CAPÍTULO V – QUEM SOU EU COM ESSA FORMAÇÃO? RASTROS DE DISCURSOS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ÁREA DE LETRAS

151

5.1 As imagens no/pelo discurso: aproximações e distanciamentos

.....
151

5.1.1 Em nível de graduação

.....
 153

5.1.2 Cursando pós-graduação

.....
 155

5.1.3 Em nível de pós-graduação

.....
 156

5.1.4 Algumas reflexões

.....
 156

5.2 “Os cursos” nos/pelos discursos

.....
158

5.2.1 A formação oferecida

.....
 158

5.2.2 A avaliação sobre o Curso

.....
 160

CONCLUSÃO

.....
163

REFERÊNCIAS

.....
169

ANEXOS

INTRODUÇÃO

Investigamos, neste trabalho, a constituição da imagem (*ethos*) dos egressos do Curso de Letras¹, anos 2001 e 2005, do *Campus* Avançado “Prof.^a Maria Eliza de A. Maia” - CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, observando, também, como eles atribuem sentidos ao próprio Curso em que se formaram.

Foi por meio das experiências de leitura sobre discurso, numa perspectiva retórico-argumentativa, e de linguagem como interação social, adquiridas por ocasião do trabalho monográfico do Curso de Especialização em Linguística Aplicada (COSTA, 2005) e, ainda, mediante participação nos estudos e discussões do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto - GPET, cadastrado no Diretório do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, e Certificado pela UERN, que surgiu o interesse em compreender, com base no material já coletado² (questionários), a imagem que os egressos de Letras do CAMEAM apresentam de si, como ex-alunos e/ou profissionais, e de sua formação em nível superior nesse Curso. Assim sendo, elegemos como questão central de pesquisa a pergunta: “Que imagem ou imagens os egressos do Curso de Letras do CAMEAM fazem de si como ex-alunos e/ou como profissionais formados por esse Curso? E em desdobramento desta, interrogamos: “Como esses egressos constituem sentidos sobre o Curso de Letras?”

A opção por essa temática justifica-se, principalmente, pela necessidade de maiores discussões sobre os cursos de formação de professores na área de Letras, e pelo interesse em conhecer o que pensam os seus egressos sobre suas próprias formações, atuações no mercado de trabalho e sobre os cursos pelos quais foram formados. Além disso, são urgentes

¹ Na época da coleta de dados (2007), o Curso de Letras do Campus ‘Prof.^a Maria Eliza de Albuquerque Maia’ constava apenas com as habilitações de Língua Portuguesa e respectivas literaturas e Língua Inglesa e respectivas literaturas. A habilitação em Língua Espanhola foi implantada no ano de 2005 e ainda não há egressos

² Os questionários pertencem ao banco de dados do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto – GPET, onde se encontram também dados dessa mesma natureza referentes aos anos de 2002, 2003 e 2004. Maiores detalhes sobre os dados podem ser verificados em Souza, 2007.

discussões sobre as novas diretrizes curriculares para as licenciaturas, no intuito de estabelecer uma articulação entre teoria e prática nos cursos de Letras e o campo de trabalho aberto para os professores dessa área.

Desse modo, consideramos que uma pesquisa que revele, por meio do discurso dos próprios egressos, a forma como se veem diante de seus possíveis interlocutores é extremamente relevante, tendo em vista que as constatações encontradas nesses discursos poderão servir de reflexão para os profissionais do referido curso, contribuindo para discussões sobre a formação teórica e prática desse curso.

Essa pesquisa nos permitirá também comparar ou entrever se houve ou não mudanças relativas à formação desses profissionais, cuja conclusão de curso se deu em períodos diferentes (anos 2001 e 2005). Esse aspecto também justifica nosso recorte (os anos 2001/2005), considerando que o Curso de Letras do CAMEAM, conforme seu Projeto Político de Curso, PPC, alterou, nesse intervalo, a grade curricular, intensificando ou diminuindo a carga horária de algumas disciplinas e de outras atividades curriculares. Daí a necessidade de compreendermos quais as consequências dessas mudanças propostas pela Universidade, pelo Projeto Pedagógico de Curso - PPC, na formação dos seus egressos, conseqüentemente, na atuação destes no mercado de trabalho.

Sabemos que sobre a formação de professores, especialmente de professores de línguas, há discursos historicamente construídos, tais como os discursos de que esses professores são hábeis (e somente) professores de gramática e de que a formação literária se restringe aos clássicos literários e às escolas literárias, e, dentre tantos preconceitos, a descrença nos cursos de formação de professores, por estes não fazerem parte da escala socialmente prestigiada, na qual estão a Medicina, o Direito, a Engenharia, etc. Tudo isso cria um perfil social para o profissional formado em Letras, que ao longo dos anos foi perdendo ainda mais a credibilidade, porque o ensino/aprendizagem de línguas tem dado provas da perenidade de sua atuação na vida de grande parte dos educandos dos níveis básicos de ensino.

Mediante essas necessidades, e por acreditarmos no princípio dialógico da linguagem, pelo qual os sujeitos se constroem no discurso diante de seus interlocutores, desenvolvemos esta pesquisa tomando como base teórica os conceitos da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação (PERELMAN, 1993; PERELMAN E TYTECA, 1996), os estudos sobre essa teoria e sobre a noção de *ethos* (ABREU, 1999; REBOUL, 1998; AMOSSY, 2005; MEYER, 2007; SOUZA, 2008;) dentre outros, e a noção de dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, sob a tese de que a orientação dialógica se apresenta como um fenômeno

característico de todo discurso, uma condição da interação humana nas mais diversas esferas da comunicação, toda vez que um interlocutor toma a palavra escrita ou falada e a lança ao outro (BAKHTIN 1997/2002).

Nosso trabalho elege os seguintes objetivos

Objetivo Geral

Analisar os discursos de egressos do Curso de Letras do CAMEAM/UERN, com foco na imagem (*ethos*) que esses egressos constroem de si como profissionais (professores habilitados) que atuam (ou deveriam atuar) no ensino de línguas na Educação Básica, assim como nos sentidos sobre o próprio Curso de Letras.

Objetivos Específicos

Identificar a imagem (*ethos*) dos egressos do Curso de Letras do CAMEAM com base em respostas dadas a questões relativas à formação em nível superior e à atuação profissional desses egressos;

Analisar o *ethos* desses egressos considerando os aspectos do processo argumentativo dos seus discursos: os lugares da argumentação, os valores apresentados diante do auditório e as técnicas argumentativas;

Verificar, mediante os possíveis interlocutores, os sentidos que os egressos, pelo processo argumentativo, atribuem ao Curso em que se formaram, considerando o ano e o nível de formação e a imagem que constroem de si mesmos (*ethos*);

Observar os distanciamentos e/ou aproximações entre os *ethos* constituídos nos discursos dos anos de 2001 e de 2005, considerando o nível de formação dos egressos; bem como entre os sentidos sobre o Curso por esses mesmos egressos.

Refletir sobre a formação dos professores de Letras, considerando aspectos como a imagem que os egressos têm de si (*ethos*) e os sentidos sobre o Curso, com base na formação teórico-prática ofertada e os valores de juízo a ele atribuídos.

Postos nossos objetivos, discutiremos as etapas concernentes ao desenvolvimento de cada um deles no capítulo metodológico. Este trabalho compõe-se de cinco capítulos, divididos entre os pressupostos teóricos (capítulo I), os procedimentos metodológicos (capítulo II) e as análises do *corpus* e discussões sobre ele (capítulos III, IV e V).

CAPÍTULO I
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: UM DIÁLOGO
ENTRE ÉPOCAS E LUGARES DIFERENTES

CAPÍTULO I - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: UM DIÁLOGO ENTRE ÉPOCAS E LUGARES DIFERENTES

1. 1 Aos possíveis interlocutores:

1.1.2 Àqueles que bem conhecem

Difícil hoje estudantes de cursos de Letras e/ou de Linguística, graduação ou pós-graduação, não conhecerem o estatuto sócio-interacional da linguagem (ou não terem ouvido falar dele), o qual toma o dialogismo como princípio constitutivo dos discursos, dos mais elaborados aos mais banais. Ao primeiro olhar, parece desnecessário falar para tais interlocutores sobre a Linguagem como Interação Social, sobre diálogo, nos termos propostos por Bakhtin, uma vez que tantas obras, no mercado bibliográfico, discutem essa questão, algumas vezes de forma rápida, contrapondo-a as duas outras concepções de linguagem: Língua(gem) como Expressão do Pensamento e Língua(gem) como Instrumento de Comunicação; outras vezes optam por aprofundar a discussão, trazendo à tona toda a complexidade de conceitos aí envolvidos.

Mediante essa riqueza teórica, não podemos escapar das perguntas “Por que escrever sobre o sócio-interacionismo (bakhtiniano), sobre o diálogo entre interlocutores, entre discursos, se já há tanto sobre essa problemática?” Em outras palavras, “Por que iniciar um trabalho discutindo o já-dito?” Como resposta, afirmamos que estamos procurando “resposta” para os discursos que circulam entre nós, que estão em nosso dia a dia, que nos inquietam. O que nos coloca diante da interrogação “Para que serviria uma teoria se não nos for possível entendê-la frente às mais diferentes situações (neste caso, de uso da linguagem)? E, ainda, “Por que não tomaríamos a palavra e a tornaríamos concreta?” “Por que não a passaríamos

pela intersubjetividade?” “Por que não a dialogaríamos novamente com vocês, já que estamos em um novo contexto enunciativo?”

Assim, sendo, não iremos, em nossa pesquisa, nos determos ao trabalho de análise discursiva tomando um ou outro conceito bakhtiniano. Antes, nosso trabalho assume o dialogismo, como princípio constitutivo da linguagem, sob a tese de que ele se apresenta como um fenômeno característico a todo e qualquer discurso, como uma condição da interação humana, nas mais diversas esferas da comunicação.

1.1.3 Àqueles que pouco conhecem

Nossa discussão sobre a linguagem como interação social consiste em tomar o dialogismo (BAKHTIN, 1997/2002) como princípio básico para nortear nosso trabalho na análise e interpretação dos dados, estabelecendo, para tanto, um diálogo necessário com a Teoria da Argumentação, também conhecida como Nova Retórica (PERELMAN, 1993; PERELMAN E TYTECA, 1996), uma vez que consideramos a linguagem não apenas do ponto de vista racional, argumentativo, mas em princípio dialógica e ideológica. Nosso diálogo, palavra que sucessivas vezes repetiremos neste trabalho, contempla também vocês que, porventura, estejam enveredando pelos caminhos fascinantes dos estudos da linguagem.

1.1.4 A linguagem na visão sócio-interacionista

A pergunta “O que é língua(gem)?” é comparável – e alguns diriam tão profunda quanto – a “O que é a vida?”, cujas pressuposições circunscrevem e unificam as ciências biológicas. Evidentemente “O que é a vida?” não é o tipo de pergunta que um biólogo tenha constantemente diante de si em seu trabalho cotidiano. Tem uma natureza muito mais filosófica. [...] O mesmo ocorre com o linguista em relação à pergunta “O que é a língua(gem)?” (LYONS, 1987, p.15).

A linguagem surgiu da necessidade de comunicação inerente ao homem. Segundo os especialistas, o organismo humano consta de todo um aparato para desenvolver o exercício da linguagem, desde a nossa capacidade de movimentar os membros superiores, passando pelo aparelho fônico, até às nossas faculdades cognitivas, estamos adaptados a falar, a exprimir sons e pensamentos.

Se optarmos pelo mito da Torre de Babel, veremos mais uma vez que linguagem é sinônimo de necessidade, que, como tal, envolve a ideia de interação, de compreensão, de

reciprocidade. É certo que, no campo da Linguística, há diferentes maneiras de estudarmos a língua(gem). Sem dúvida, a visão estruturalista que nos legou Saussure e seus seguidores, especialmente pelos ensinamentos do Curso de Linguística Geral, bem como a Teoria Gerativista, que teve em Noam Chomsky um dos seus principais nomes, e ainda o estudo e estabelecimento do sistema de regras entre nós consagrado como Gramática Normativa tem cada uma, a seu modo, sua importância. A própria visão de sócio-interacionismo que nos legou Bakhtin parte da crítica ao sistema abstrato da língua, da crítica aos postulados de Saussure (BAKHTIN, 2002).

É dessa necessidade de “comunicar” que hoje não podemos deixar de falar do caráter sócio-interativo, dialógico, da linguagem, cujas bases teóricas encontram-se nos ensinamentos de Bakhtin, no seu sócio-interacionismo, o que, segundo Morato (2004), em muito difere do interacionismo cognitivo postulado por Piaget ou por Vygotsky e ainda da Teoria da Comunicação, já que Bakhtin concebe a interação como um processo que provém do social, isto é, que aflora do exterior para o interior, trazendo entre outros conceitos, a discussão acerca dos gêneros do discurso como principal ponto para tratar dos problemas concernentes à linguagem em seu sentido mais amplo.

Diferentemente da perspectiva comunicacional ou psicológica de interação, Bakhtin vincula as interações verbais às interações sociais mais amplas, relacionando a noção não apenas com as situações face a face, mas às situações enunciativas, aos processos dialógicos, aos gêneros discursivos, à dimensão estilística dos gêneros. Na perspectiva bakhtiniana, a interação verbal “é a realidade fundamental da língua”, e o discurso o modo pelo qual os sujeitos produzem essa interação, um modo de produção social da língua. (MORATO, 2004, p.330).

Assim sendo, já não podemos mais considerar o signo (palavra) como simples forma linguística. A interação social dá ao signo o *status* de signo ideológico, palavra proferida em situações concretas de uso da linguagem. É, pois dessa não-neutralidade do signo que as práticas de linguagem se efetivam. O homem, considerado sujeito social, não toma a palavra estrutura para expressar o que sente, o que pensa, mas faz uso da palavra ideológica para manifestar aptidões diversas. Segundo Bakhtin:

A consciência linguística dos sujeitos falantes não tem o que fazer com a forma linguística enquanto tal, nem com a própria língua como tal. De fato a forma linguística, como acabamos de mostrar, sempre se apresenta aos locutores no contexto ideológico preciso. Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra*

está sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2002, p. 95, grifo do autor).

Nestes termos, Bakhtin (2002, p. 123) propõe que a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da comunicação. Na verdade, para Bakhtin, a palavra ao ser enunciada sempre será nova. Uma das justificativas para essa afirmação é o fato da linguagem está presente em todas as esferas sociais, tanto nas situações mais simples, como a conversa cotidiana no lar, no mercado, no trabalho, como nas situações mais formais, como as assembleias ou fóruns em que os interlocutores propõem discutir algo de interesse coletivo. Outra é que a palavra dirige-se sempre a um interlocutor, de forma que nada é dito ou escrito para perder-se no vazio. Como propõe Bakhtin (2002, p. 113), “A palavra constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte.”

Embora estejamos falando, aqui, de palavras como signo ideológico não podemos esquecer que, para Bakhtin, não só a palavra é ideológica, ela é sim o signo ideológico por excelência, pois “Tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. (BAKHTIN, 2002 p.31). Essa célebre afirmação do autor nos faz entender que o conceito de signo se estende a todas as instâncias da vida em sociedade, sejam elas de caráter científico, religioso, político, artístico ou quaisquer outras. Para Bakhtin, um corpo físico, um produto de consumo, um instrumento de produção podem se transformar em signo ideológico, pois, no momento em que são colocados em quaisquer das instâncias sociais, isto é, no momento da enunciação, adquirem um valor representativo, simbolizando uma nova realidade, que está para além da sua de origem, deixando de serem simples corpos, instrumentos, produtos etc.

Assim, diante do construto complexo que é a enunciação, nos termos bakhtinianos, a qual envolve, entre outros aspectos, a plurissignificação da palavra, o valor ideológico dos signos (palavra ou não) e os sujeitos sociais, precisamos compreender que é o dialogismo, termo genérico, que sintetiza a ideia de diálogo, no sentido bakhtiniano. Mas o que podemos entender por esse dialogismo e qual a importância dele hoje para os estudos da linguagem?

Contrariando o senso comum, que compreende o diálogo como produto da interação verbal no sentido estrito do termo, diálogo face a face, com interlocutores reais, a interação verbal diz respeito a seres situados e marcados pela história, um diálogo social entre locutor e interlocutor, em qualquer enunciação falada ou escrita, dirigido ou não a um público imediato.

É nesta esfera que a língua acontece, que a linguagem torna-se a base das relações humanas. Assim, a palavra, “fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN, 2002, p. 36), pertencendo, unicamente, ao sistema da língua, é neutra³, não tem valor ideológico nenhum. Somente no momento em que o falante/ escritor a coloca no contexto da enunciação reveste-se de ideologia e, o que antes era apenas forma linguística, passa a significar, a estabelecer relação com outras palavras, outros discursos que circulam socialmente.

Sendo assim, o falante, ao enunciar, reflete e refrata as suas condições histórico-sociais e isto faz com que ele não seja visto apenas como um indivíduo limitado à capacidade de produzir sons, mas um sujeito atuante no mundo, que toma a palavra, em princípio neutra, e a transforma em signo ideológico, usando-a para se defender, acusar, ordenar; enfim, participar ativamente da vida social.

É por esta capacidade de revestir-se de sentido durante a enunciação, nas práticas sociais, que a palavra (entenda-se discurso/linguagem) atende às mais diversas ideologias, revelando-se um instrumento que conflitua interesses e posições. Como diz Bakhtin (2002, p. 46) “a arena onde se desenvolve a luta de classes”. Assim, quando o falante inscreve-se no discurso, trava um diálogo com seu possível interlocutor (ou possíveis interlocutores) o qual (os quais) constitui (constituem) o seu auditório social. Aliás, não podemos compreender o conceito de dialogismo sem compreendermos o de auditório, sobre o qual falaremos, estabelecendo a ponte entre Bakhtin e os estudos retóricos-argumentativos, pois tanto Bakhtin (2002), que busca na linguagem a essência ideológica e social, como Perelman e Tyteca (1996), que recuperam os conceitos da tradição retórica, enfatizam a importância do auditório durante a efetivação do discurso, por considerar que ele exerce influência decisiva na produção deste.

Embora o diálogo no sentido em que estamos falando tenha, em princípio, essa definição de interação entre os interlocutores do discurso, não é somente com seus interlocutores que o falante/escritor dialoga. Dialogismo é também a relação com os outros discursos que circulam socialmente, isto ocorre porque os discursos são recobertos pela memória de outros. Bakhtin (1997, p. 316) diz: “Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente”. Devemos entender que um discurso é sempre heterogêneo, que um enunciado é uma resposta a outros enunciados e a outro(s) interlocutor(es).

³ Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin atribui à palavra três estatutos: a palavra minha, a palavra do outro e a palavra neutra. Essa neutralidade seria o fato da palavra servir a qualquer significação, isto é, conforme o contexto ela adquire significação.

Assim sendo, o falante/escritor no ato da enunciação apodera-se de discursos que circulam socialmente (discursos de outros interlocutores, outros discursos), fazendo com que um enunciado jamais seja novo, mas seja renovado, constituído nas práticas discursivas, as quais pertencem a gêneros do discurso específicos, os quais se definem pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional (BAKHTIN, 1997). Os gêneros discursivos surgem das necessidades de comunicação existentes entre interlocutores, o que significa que eles existem em grande número, variando (mediante o aparecimento ou desaparecimento) de acordo com o tempo e os meios de comunicação vigentes. São, portanto, práticas sociais de linguagem.

Mediante esta problemática, é importante atentarmos para a questão: Se o enunciador, ao falar, faz uso dos discursos sociais onde fica, então, a subjetividade? Bakhtin (2002) responde que a palavra tem uma função particular – a minha palavra, o que não significa a vontade do falante, mas a sua expressividade na enunciação porque, de fato, existe por trás deste falante toda uma carga ideológica, fazendo que até mesmo a consciência seja um fato sócio-ideológico (BAKHTIN, 2002, p. 35). A subjetividade, dessa forma, passaria pela intersubjetividade e estaria, então, ligada ao contexto da enunciação. Nisto, fica claro também que toda palavra (enunciado/discurso) adquire uma significação específica no contexto, o próprio Bakhtin explica isto ao dizer que algo tão simples como a pergunta “Que horas são?” tem um sentido diferente cada vez que é usada, pois depende da situação histórica e concreta em que é enunciada (BAKHTIN, 2002, p. 128).

Nestes termos, a interação social só pode ser concebida quando é compreendido o conceito de falante / locutor a partir da noção de deslocamento do sujeito. O sujeito perde o seu papel de centro e é substituído por múltiplas vozes, as quais fazem dele um sujeito histórico e ideológico.

Assim, interação, aqui, não é sinônimo de processo de comunicação em sentido estrito, mas é algo constituído na ordem do social, do cultural e do histórico. Ela se dá em instâncias de enunciação específicas, em contextos quaisquer, de maneira que os interlocutores ali envolvidos presencialmente (falantes/ouvintes) ou não presencialmente (escritores/leitores) tornam-se sujeitos sociais e não meros participantes que trocam informações ou que usam a linguagem apenas para verbalizar suas emoções e opiniões. Esses contextos estão ligados à história desses sujeitos, às ideologias políticas, artístico-culturais, religiosas, científicas, que permeiam a existência das sociedades em geral, por meio de uma linguagem que não se limita a um conjunto de signos linguísticos, a sinais gráficos ou sons.

É nesta perspectiva que a palavra se liga a outras já pronunciadas, que circulam na sociedade, bem como se liga a outros possíveis discursos que serão constituídos em torno da mesma temática, fazendo com que haja sempre um já-dito no dito, um dado no novo. Nas palavras de Bakhtin, “o enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados” (BAKHTIN, 1997, p. 316), com o propósito de confirmá-los ou refutá-los. Eis, portanto, o ponto mais profundo que constitui o chamado diálogo, na acepção da linguagem como interação social.

Por mais monológico que seja um enunciado (uma obra científica ou filosófica, por exemplo) por mais que se concentre no seu objeto, ele não pode deixar de ser também, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema [...]. (BAKHTIN, 1997, p. 317).

Toda essa discussão de Bakhtin em torno do dialogismo, contrapondo o ideológico/social ao linguístico é o princípio da interação social, pois, com efeito, no momento em que nos colocamos como participantes ativos do processo de comunicação, estamos muito mais interessados nos efeitos que nossas palavras produzirão do que na constituição linguística delas, o que é profundamente verdadeiro tanto em situações de oralidade como em situações de escrita, pouco adianta a preocupação com as questões linguísticas se o que foi escrito não é compreendido pelo interlocutor ou se as palavras e/ou expressões juntas, não formam um enunciado concreto. Daí a razão de Bakhtin dizer que, no estudo da língua, primeiro devem ser estudadas as formas e os tipos de interação verbal, consoante às condições concretas em que se realizam, passando pelos distintos enunciados particulares, atrelados à enunciação imediata, e somente por último às formas da língua, vistas como algo evolutivo e contextual (BAKHTIN, 2002).

Portanto, considerando que não se pode omitir o caráter dialógico e ideológico da língua, é certo que estudá-la é lidar com significações. A linguagem é o produto da interação social e sua ubiquidade torna inadmissível separá-la das situações reais de uso. Dessa forma, não existe língua sem realidade, fora das práticas da linguagem. E admitir este fato é admitir toda a complexidade das relações humanas, considerando homem, história e tempo uma relação indissociável.

1.2 Estabelecendo o diálogo: a argumentação no discurso

Antes de iniciarmos nossas discussões sobre a argumentação em si, temos a preocupação de mostrar que há diferentes perspectivas teóricas preocupadas com as questões argumentativas da linguagem, que, de uma forma geral, podem ser classificadas em duas instâncias:

a) Teoria da argumentação na língua (TAL), cuja atuação se dá por compreender o funcionamento argumentativo de elementos linguísticos inerentes à estrutura da língua e que tem como maior expoente o lingüista francês Oswald Ducrot (1987), com seus trabalhos sobre a semântica argumentativa;

b) Teoria da argumentação no discurso (TAD), que propõe uma abordagem discursiva da argumentação, pois parte do princípio da interação entre os interlocutores do discurso, compreendendo este discurso como também de uma instância social, discursiva e ideológica na qual os sujeitos estão envolvidos. E é sobre esta última que nos deteremos neste trabalho.

A argumentação no discurso, representada hoje especialmente pela Nova Retórica, de Chaim Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), recupera da retórica aristotélica conceitos como orador, auditório, entre outros, e os aplica à funcionalidade de todos os gêneros do discursos, pois não interessa mais restringir-se aos discursos judiciário, deliberativo e epidíctico, característicos dos estudos daquela época.

Para esses autores, e, ainda, conforme estudos de Souza (2008), a argumentação deve ser entendida como uma ação humana, com o objetivo de convencer o outro sobre a validade de uma opinião defendida; uma ação que, para ser efetivada, necessita de uma interação entre o orador e um auditório, em situações reais de uso da linguagem.

Exatamente por se definir como uma ação humana, a argumentação no discurso pode ser vista também como uma teoria de caráter sócio/interativo. Nisto, nossa visão se alarga ao colocá-la mediante as orientações de Bakhtin, encontrando, inclusive, o ponto comum entre a Nova Retórica, de Perelman e Tyteca, e a Teoria social de Bakhtin, no que concerne à conceituação de interlocutores, de auditório, conforme veremos neste trabalho.

1.2.1 Retóricas: um diálogo entre os séculos

Se é vergonhoso não poder defender-se com o próprio corpo, seria absurdo que não houvesse vergonha em não poder defender-se com a palavra, cujo uso é mais próprio ao homem que o do corpo. (ARISTÓTELES)

Para sabermos ao certo o que é Nova Retórica ou Teoria da Argumentação, necessário é um passeio, ainda que breve, pela origem da Retórica, passando, especialmente, pela Retórica Clássica, de modo a entender o diálogo entre o filósofo grego Aristóteles e Chaim Perelman, de quem tomamos as bases dessa “nova” maneira de enxergar o discurso.

1.2.2 A Tradição Retórica

Segundo Reboul (1998), a história da retórica deve ser compreendida a partir da observação de que ela é anterior à sua própria história, pois é inaceitável que os homens não tenham utilizado a linguagem para persuadir. Ao contrário do que muitos pensam, a retórica nasceu na Sicília, Itália, por volta de 465 a.C, quando os tiranos foram expulsos, e não em Atenas, na Grécia. Os cidadãos despojados pelos tiranos reclamaram seus bens e isso fez com que surgissem vários conflitos judiciais, o que também desautoriza a ideia de que a retórica tem origem literária.

Como não existiam advogados e se faziam necessários meios para defender esses cidadãos, os logógrafos, espécie de escrivão público, redigiam as queixas que seriam lidas diante do tribunal. Os retores ofereciam tanto aos litigantes quanto a esses escrivãos uma retórica que consideravam imbatível, que argumentava não com base na verdade, mas no verossímil (*eikos*), do que pode vir a ser verdadeiro, portanto. A atribuição do surgimento da retórica à Atenas deve-se ao fato dessas duas cidades manterem estreitos laços, transportando rapidamente essa técnica de defesa para o povo ateniense (REBOUL, 1998, p. 02).

Assim, por volta de 427 a.C, os gregos viveram a primeira experiência de democracia registrada na História e, em consequência, tiveram de explorar publicamente suas ideias nos tribunais, fóruns e praças públicas, cabendo-lhes a responsabilidade de manejar habilmente a palavra. Para atender a essa necessidade, fluíram à Atenas mestres itinerantes que tinham competência para ensinar a arte de persuadir. Eram os chamados sofistas, sábios; termo este que, tempos depois, adquiriu um tom pejorativo - pessoa de má fé que procura enganar utilizando-se de argumentos falsos.

Até então os gregos identificam literatura apenas com poesia, restringindo a prosa à transcrição da linguagem oral, comum. Ocorre que da origem judiciária, a retórica invade o campo da poesia, da literatura. Górgias, um dos mais importantes mestres daquele tempo, encantou os atenienses com sua retórica, com sua poética.

Segundo Reboul (1998), em pouco tempo, a retórica chegava às escolas como uma importante disciplina. O método consistia em trabalhar as palavras de maneira que elas se

tornassem convincentes e elegantes, um elo entre a arte e o espírito. Nascia a retórica de caráter pedagógico, pois começavam os gregos a estudar o discurso. Surgem, então, as grandes escolas de Retórica.

1.2.3 A Retórica de Aristóteles

Segundo Souza (2003), Aristóteles se propôs a estudar o discurso considerando que a tradição retórica (Górgias, Isócrates, Platão, Sócrates) limitava-se à oratória forense. Haveria de estudar as razões porque os oradores que pronunciavam seus discursos, algumas vezes tinham êxito e outras não.

Aristóteles partiu da definição da dialética e da retórica, duas coisas opostas. A primeira, o jogo com a linguagem, a maneira como locutor e interlocutor utilizam convincentemente a língua mediante uma causa, a segunda a aplicação da língua a uma causa social. Para este filósofo, a retórica não era simples persuasão, como previa a tradição retórica⁴, mas a distinção e escolha dos meios adequados para persuadir o auditório, o que provoca a recorrência aos três tipos de provas técnicas: quais sejam, o *ethos* (quando orador produz confiança, fê), o *pathos* (quando o orador leva o auditório à emoção, à paixão) e o *logos* (quando o orador mostra o verossímil, o raciocínio).

É também Aristóteles quem propõe a constituição do sistema retórico, estabelecendo suas partes, que, de acordo com Reboul (1998), seriam a invenção, a disposição (ou narração) a elocução e a ação.

A primeira delas, a invenção, consiste em encontrar argumentos relativos à questão tratada, ao gênero de discurso que será proferido, gêneros estes que, para Aristóteles, se classificavam em judiciário, deliberativo (ou político) e epidíctico, este último seria o discurso do elogio. Dessa forma, Aristóteles considera que os argumentos são buscados conforme os fins dos gêneros do discurso (julgamento, aprovação, louvor), os lugares, *topoys* (herdados da Antiga Retórica) e o auditório. Segundo Meyer (2007, p. 46), ao ser encontrada a resposta relativa aos fins, é preciso a ordenação dos argumentos, o que consiste na disposição, o cerne do edifício retórico, composto pelo exórdio, pela narração, pela argumentação ou demonstração com a exposição do pró e do contra, e pelo epílogo também chamado de conclusão.

⁴ Aristóteles estudou os tratados deixados por Górgias (REBOUL, 1998; SOUZA, 2003).

O exórdio é o início do discurso: ele dispõe (a) e prepara o espírito do ouvinte ou do juiz para escutar. A narração (b) expõe o desenrolar dos fatos como eles acontecem ou podem acontecer. Na divisão dos argumentos, elucidamos os pontos de acordo e os de desacordo, e expomos aquilo sobre o que falaremos. A confirmação (c) expõe, com base em prova, *ossos* argumentos. A refutação (c) deduz os tópicos básicos da conclusão adversa. A conclusão (d) fecha com maestria o discurso. (ARISTÓTELES I, p.3, apud MEYER, 2007, p. 47).

No que se refere à elocução, segundo Souza (2003, p. 53) é a própria redação, oralização, do discurso, a sua expressão, o ponto onde se dá o encontro da Retórica com a Literatura, e ainda com o estilo do autor. Em se tratando de estilo, podemos encontrar na obra “Arte Poética” uma série de recomendações, através do tom de aconselhamento e do caráter analítico que Aristóteles desempenha em relação ao texto literário, ao gênero poético. Infelizmente, foi esta parte do discurso, a elocução, que, posteriormente, permitiu uma Retórica das Figuras, reduzindo os estudos retóricos, muitas vezes, a essa problemática, em especial aos casos da metáfora e da metonímia, perdendo, assim, o discurso em convencimento e persuasão (MEYER, 1993, apud SOUZA, 2003, p. 53). A questão da elocução é importante também para o estatuto do *ethos*, sobre o qual discorreremos mais adiante.

Por fim, a ação se define como o fechamento do discurso, isto é, seu arremate final. De acordo com Reboul:

O conteúdo da ação hoje é mais simples e flexível. Mas a ação continua sendo indispensável, aliás mais do que nunca, numa época em que o discurso oral, graças aos meios de comunicação de massa, readquiriu importância capital. Certas regras antigas permanecem, como a impostação de voz, o domínio da respiração, a variedade do tom e da elocução, regras sem as quais o discurso não passa. (1998, p. 67).

Importante observarmos nessa definição que, embora a ação em si seja parte integrante do *logos*, ela está ligada ao *ethos* do orador, à atuação deste no discurso, de maneira a provocar a adesão dos interlocutores. Sobre o *ethos* nos ocupamos, neste trabalho, com vistas a compreender sua importância no discurso.

1.2.4 Uma Nova Retórica: no âmbito da argumentação

Pelo que vimos até aqui, já podemos empreender a relação entre os primeiros passos da Retórica e a Retórica de Aristóteles. Não podemos dizer que Aristóteles fundou uma nova

disciplina, pois as bases já existiam, mas que ele criou uma retórica nova a partir do estabelecimento de críticas a um objeto já existente, reformulando-o. A Retórica Aristotélica, também, legou as bases à Nova Retórica ou Teoria da Argumentação, pois muitos dos conceitos e preceitos são os mesmos. Como dissemos, são as bases, significando que a Nova Retórica mantém, em alguns pontos, distanciamentos.

Passado o adormecimento da retórica, que começa ainda na Idade Média, por ocasião do valor, da evidência (dos fatos, das ideias, dos sentimentos), que culminam no Protestantismo, no Cartesianismo e no Empirismo (SOUZA, 2002, p. 33), até chegar ao século XIX, quando deixou de ser matéria obrigatória nas escolas e universidades francesas, surgem, a partir de 1960, as teorias retóricas modernas, com a ajuda da Linguística, da Semiologia e da Pragmática.

Neste sentido, vemos uma verdadeira “proliferação” da retórica. Estamos falando, aqui, do seu campo de atuação, que, na verdade, é a grande diferença entre esta fase da retórica e as anteriores. A retórica, agora, não se limita ao discurso judiciário ou poético, característicos da Antiga Retórica, nem aos três gêneros do discurso propostos por Aristóteles: o judiciário, o deliberativo (ou político) e o epidíctico. Ela vai mais a fundo, propondo-se a investigar todas as formas do discurso moderno, desde a publicidade até o cinema e a música. Nas palavras de Reboul (1998, p. 82), “a nova retórica não contente com reivindicar todo o campo do discurso vai bem além, pois se apodera de todas as espécies de produções não verbais, elaborando-se assim uma retórica do cartaz, do cinema, da música e do inconsciente”.

Assim sendo, o Tratado de Argumentação, obra mais importante de Perelman e Tyteca, escrito em 1958, com aceitação na década de 1970, traz o mais significativo estudo sobre a argumentação. Dentre os conceitos expostos, devemos observar o resgate de auditório, agora classificado em universal e particular. Auditório, para a Nova Retórica, pode ser um grupo grande de pessoas, um grupo pequeno, uma nação ou somente uma pessoa. Sobre essa noção falaremos mais adiante, quando estabelecermos o diálogo entre a Teoria da Argumentação, de Perelman e Tyteca, e a teoria sócio-interacionista, de Bakhtin.

Chegamos, então, no acordo entre as retóricas, em especial, entre Perelman e Aristóteles. Embora não seja nossa intenção comparar estas retóricas, o diálogo entre elas existe e a retórica nova se desenha como a Teoria da Argumentação. Assim, quando falamos das partes constitutivas do discurso na perspectiva de Aristóteles, deixamos claro que a invenção, consiste em encontrar argumentos, relativos à questão tratada, considerando o papel do gênero do discurso, sua utilidade. Perelman também parte da invenção desses argumentos

para a defesa de uma tese. Nisto, o orador busca de imediato um acordo prévio com seu auditório e vai buscar, nos lugares da argumentação e nos próprios argumentos, a defesa dessa tese.

Desse modo, argumentar torna-se um processo que intenta convencer e/ou persuadir as pessoas envolvidas nas mais variadas situações de comunicação. Convencer pela necessidade de fazer aderir às teses levantadas, de semear ideias, ideologias, convicções, de ganhar adesões. Persuadir pela necessidade e/ou vontade de levar o outro a agir, a praticar os atos que o orador quer que o auditório pratique. Perelman e Tyteca (1996) consideram que argumentar é preparar o auditório para a aceitação dessas duas nuances e que para isto é necessário o esforço do orador, valendo-se do conhecimento que tem sobre seu auditório, da adaptação a ele, no sentido de se apresentar com os valores que este auditório acredita e de, obviamente, mostrar uma tese a qual tenha condições de defender através de argumentos plausíveis, partindo não da verdade absoluta, vinda lá de fora, mas da “verdade” que se constrói no momento do discurso, pois, no âmbito da argumentação, os fatos, os acontecimentos, as ideias são sempre verossímeis; prováveis, portanto.

Por toda essa problemática em torno do uso da linguagem, do discurso, o ato de argumentar vai ser sempre uma ação retórica que envolve tanto uma tese, isto é, a ideia que pretendemos defender, a parte racional do discurso (*logos*), um orador que se envolva na causa, e ao mesmo tempo defenda sua imagem (*ethos*), e o auditório, que, mediante a ação desse orador, o ouve, comove-se ou não, aceita ou não (*phatos*) a tese apresentada. São esses, portanto, os três pilares da argumentação.

1.3 A noção de *ethos* na Nova Retórica

[...] O sujeito, mergulhado nas múltiplas relações e dimensões dialógicas da interação socioideológica, vai-se constituindo discursivamente, assimilando vozes sociais e, ao mesmo tempo, suas relações dialógicas. É nesse sentido que Bakhtin várias vezes diz, figurativamente, que não tomamos nossas palavras do dicionário, mas dos lábios dos outros. (FARACO, 2009, p. 84).

Conforme vimos, rapidamente, no tópico anterior, o *ethos* é constituinte do discurso. O lugar que o acolhe é o *logos* do orador e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele.

Dessa forma, o ato de tomar a palavra envolve sempre uma imagem do orador e, por esta razão, diferentes perspectivas de estudos do discurso, desde a Linguística da Enunciação, passando pelas correntes pragmáticas até chegar à Análise do discurso de Linha Francesa

consideram a importância de estudar a imagem daquele que fala, pois as marcas do *ethos* fazem parte da constituição de sentido do discurso e são constitutivas da própria realidade que se apresenta aos interlocutores.

Nos estudos retórico-argumentativos, o *ethos* é tido como a imagem do orador construída perante seu auditório, na perspectiva de envolver este auditório, contribuindo para o convencimento e persuasão acerca das teses apresentadas. Perelman e Tyteca no Tratado da Argumentação não usam o termo *ethos*, no entanto, se referem o tempo inteiro à adaptação do orador ao auditório, deixando clara a importância desse orador em se apresentar com bons olhos, de partilhar, no momento do discurso, dos valores desse auditório. A importância dessa adequação, da influência da imagem é tanta, que os autores afirmam que percebemos melhor uma argumentação quando ela é desenvolvida por um orador que se dirige verbalmente a um auditório, do que quando está contida num livro posto à venda (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 21). Para Perelman e Tyteca, essa “qualidade do orador”, sem a qual não será ouvido, ou mesmo autorizado a falar pode variar conforme as situações.

Às vezes bastará apresentar-se como ser humano, decentemente vestido, às vezes cumprirá ser adulto, às vezes simples membro de um grupo constituído, às vezes porta-voz desse grupo. Há funções que autorizam – e só elas – a tomar a palavra em certos casos, ou perante certos auditórios, há campos em que tais problemas de habilitação são minuciosamente regulamentados. (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 21).

Vemos, desse modo, que qualquer que seja a situação de comunicação se faz necessário o orador, seja ele autor ou falante, construir a melhor imagem possível diante de quem o lê ou o escuta, de quem, de alguma maneira, dialoga com ele. Assim sendo, o *ethos*, como bem coloca Meyer (2007), já não se limita àquele que fala pessoalmente, nem tampouco a um autor de texto, cuja presença pouco importa, ele se apresenta de maneira geral como aquele com quem o auditório, interlocutor(es) imediato(s), se identifica(m), e, em última instância, se apresenta a todos os interlocutores envolvidos no processo de interação verbal, a um auditório menos particular, portanto. “O *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que, então, se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo” (Meyer 2007).

Assim, conforme Souza (2008), no contexto da argumentação, a dinâmica do discurso consiste em o orador tentar convencer o auditório da validade de suas teses (*logos*), construindo a sua imagem (*ethos*) e, ao mesmo tempo, a imagem deste auditório (*pathos*), mediante as paixões suscitadas (amor, compreensão, simpatia, etc.), visando persuadi-lo.

Aristóteles (sd), na Arte Retórica, já propunha que a conquista da confiança desse auditório depende de algumas características como a prudência, a virtude e a benevolência do orador, uma vez que, para este filósofo, *ethos* é sinal de moralidade (ARISTÓTELES, sd, p. 189). A esse respeito, Reboul (1998) nos diz que o *ethos* é um termo moral, “ético”, e que é definido como o caráter moral que o orador deve parecer ter, mesmo que não o tenha de veras; é a ética do orador que se apresenta, pelo discurso, aos seus interlocutores.

Nos termos em que propõem Perelman e Tyteca, *ethos* é uma questão de adaptação, conforme já dissemos, pela necessidade que o orador tem de ganhar a confiança do seu auditório, o que, segundo Amossy (2005), é por isso mesmo, que este orador realça, consciente ou inconscientemente, a construção de uma imagem de si no discurso. O *ethos* constitui uma prova do discurso (e também o *pathos*) está ligado à problemática específica de uma situação e, sobretudo, aos indivíduos nela implicados (AMOSSY, 2005, p. 41).

Ainda concernente a essa imagem, a esse caráter do orador, há alguns aspectos que devemos considerar (e também analisar) na constituição do *ethos*, entre eles, podemos dizer que o acordo inicial postulado entre as partes do discurso já contribui para a efetivação das imagens do orador, que, no decorrer da argumentação, seleciona os argumentos mais eficientes para a defesa de suas teses, principalmente aqueles que possam trazer à presença comprovação do que está falando ou apoio ao seu discurso.

Assim, se atentarmos para os grupos de argumentos, isto é, para as técnicas argumentativas, vamos perceber que os argumentos ligados à pessoa e seus atos (ligações de sucessão – argumentos com base no real), bem como os argumentos pelo exemplo, pela ilustração e pelo modelo (argumentos que fundam o real) podem ser usados como recursos do orador para sua autodefesa perante seu auditório. Tais recursos atuam diretamente sobre a sensibilidade do auditório, aumentando-lhe a adesão em relação às teses propostas, ao mesmo tempo em que constrói o *ethos* desse orador.

Na dinâmica do discurso, à medida que esse orador se apresenta, projeta seu *ethos*, ele se coloca numa posição de autoridade. O auditório espera dele uma resposta aos seus anseios, pois parte do princípio de que ele, o orador deveria ter o conhecimento necessário para discutir satisfatoriamente sobre o que se propõe. Segundo Meyer

O *éthos* é a capacidade de pôr termo a uma interrogação potencialmente infinita. Para chegar a isso, o orador deve dar prova de um saber particular: ele deve saber que algumas das respostas que ele conhece a propósito *daquilo* (grifo do autor) de *que* ele trata são igualmente conhecidas do interlocutor, que na falta delas, repetirá a interrogação. (MEYER, 2007, p. 43).

O *ethos*, então, demanda um saber específico, ele se institucionaliza nos profissionais e/ou no homem comum, é capaz de despertar o interesse dos interlocutores do discurso e, de certa forma, pressupõe a verdade, embora, em se tratando da argumentação, já não seja possível falar em verdades absolutas, mas em fatos verossímeis, ou seja, aquilo que é pressuposto como verdadeiro no momento da enunciação do discurso. O *ethos* é, portanto, a fonte das respostas aos diversos anseios de quem dialoga com ele.

1.4 A importância do auditório

Se a Retórica Clássica, em parte, caiu em descrédito por considerar a linguagem ornamental como um dos principais fatores para a composição dos discursos, primando pela beleza e elegância de estilo (MONTEIRO, 1991), é preciso entendermos que tal descrédito ocorreu por não se considerar o papel decisivo do auditório, do(s) interlocutor(es), na instância de produção do discurso.

Com efeito, nenhum discurso alcança sua finalidade se não for bem direcionado, se não visar os seus interlocutores. Se não for assim, perdem os empregos os vendedores, os líderes religiosos ficam sem fiéis, as emissoras de rádio e televisão não permanecem no ar, pois o público é quem os sustenta. Em parte, é com esse importante papel do auditório que a Nova Retórica assume o compromisso de tratar de toda problemática que envolve a argumentação no discurso. Como vimos, a Nova Retórica ou Teoria da Argumentação se aplica a quaisquer campos do conhecimento humano e a quaisquer gêneros do discurso, permitindo que suas categorias de análise se inscrevam dentro do caráter sócio-interacional da linguagem (BAKHTIN, 1997/2002).

Assim, Perelman e Tyteca (1996), em seu Tratado de Argumentação, recuperam o conceito de auditório (*pathos*) estabelecido por Aristóteles, agora auditório universal e auditório particular. O primeiro é composto por toda a humanidade; o segundo por uma equipe de ouvintes com desejos conjugados ou não (heterogêneo), ou ainda por um único e exclusivo interlocutor, para quem se dirige a palavra em situações particulares.

A diferença entre eles é que o primeiro representa um grupo de pessoas sobre as quais o orador não tem controle. O público de um programa de televisão, por exemplo, consiste em um auditório universal, pois quem se utiliza desse programa para falar está expondo suas

ideias para homens e mulheres de diferentes classes sociais, idades, profissões e regiões demográficas. Já o auditório particular consiste em um conjunto de pessoas que, de alguma maneira, o orador controla. Uma reunião de professores é um auditório particular, pois se trata de profissionais da mesma classe com um interesse em comum – o ensino.

A importância de considerar o auditório na análise de discursos é pertinente também aos estudiosos, pois, para o orador, logo de imediato, na constituição de seu discurso, se faz necessário iniciar um acordo com o(s) interlocutor(es), considerando os valores ou o conhecimento que acredita que seu auditório tem, para só então conseguir a adesão necessária à tese (*logos*) que pretende defender. A esse respeito, Souza (2008, p. 61) diz:

Considerando que toda pessoa ao argumentar, ao escrever ou ao falar o seu texto e ao defender uma tese, já tem em mente o auditório ao qual está direcionado o seu discurso, supomos, então, que qualquer discurso ao ser falado/escrito, já traz em si influências recebidas de seus possíveis leitores/interlocutores.

Segundo Souza (2008), portanto, é neste ponto em que se dá a correspondência entre a Nova Retórica de Perelman o Sócio-interacionismo de Bakhtin, pois Bakhtin também trabalha com o conceito de auditório, auditório social (BAKHTIN, 2002), que se assemelha ao auditório particular perelmaniano; e auditório médio (BAKHTIN, 2002), que corresponde ao universal de Perelman. Ambos consideram a linguagem como dialógica, como um movimento temporal e intersubjetivo, capaz de produzir efeitos de sentido, de forma que não há, portanto, palavra que não seja direcionada a um interlocutor e que não estabeleça um diálogo social que leve em conta o contexto imediato e/ou amplo da enunciação.

O conjunto daqueles que o orador quer influenciar pela sua argumentação. Que conjunto é esse? É muito variável, e pode ir do próprio orador, no caso de uma deliberação íntima, quando se trata de tomar decisão numa situação delicada, até a humanidade inteira ou, pelo menos, aos membros que são competentes e razoáveis e que qualifica como auditório universal, passando por uma variedade infinita de auditórios particulares. (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 184).

O mundo inteiro e a reflexão de cada indivíduo tem um **auditório social** próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica. (BAKHTIN, 1995, p. 112).

No contexto da argumentação, o essencial, para o orador, é que seu auditório se convença das teses levantadas, que suscite-lhe as paixões. É, pois, desse trabalho do orador junto ao auditório, que Perelman e Tyteca (1996) falam da importância do orador considerar os valores do auditório, para que seja convencido e/ou persuadido acerca das teses apresentadas. Para estes autores, argumentar, em linhas gerais é a arte de convencer e persuadir, mas, com efeito, dependendo do auditório e das razões/intenções do orador o efeito da argumentação pode está em um ou outro, um auditório convencido pode não ser um auditório persuadido. Convencer estaria, assim, no campo das ideias ao passo que persuadir é atuar no nível das emoções, das paixões, do *pathos*, portanto. O efeito é de tal maneira que um auditório convencido é um auditório que pensa como seu orador e um auditório persuadido é um auditório que age como o orador deseja. Osakabe (2002, p. 182) resume esta distinção na afirmação de que ela funda-se na natureza do ouvinte presumido pelo locutor. Isso significa que o orador, ao enunciar, cria uma imagem do seu auditório supondo a ele o que considera útil e preferencial para aquele contexto.

Desta forma, é indispensável, na constituição dos discursos, o orador ganhar a confiança de seu auditório, estabelecendo o acordo inicial (tese de adesão inicial) que, por vezes, se constitui com base nos valores que o auditório acredita. Dessa forma, é preciso o orador dominar os valores de seu auditório particular, para criar, entre ambos um vínculo de confiança e aceitabilidade, uma predisposição do auditório em escutar (ler, ouvir) aquele que fala, da mesma maneira que este orador deve apresentar-se com um *ethos* adequado à situação de comunicação, e ainda, buscar os argumentos que sejam pertinentes para aquela ocasião, por vezes, recorrendo aos lugares da argumentação e/ou aos recursos de presença.

Assim, no contexto da argumentação, é o auditório que “dita as normas”. Se por um lado, o *ethos* persuade, provoca as paixões, por outro lado podemos dizer que essas paixões só são possíveis, ali, na instância do discurso, porque o auditório “impõe” uma postura ao orador, pois não basta apenas falar ou escrever, cumpre ainda ser ouvido, ser lido (Perelman e Tyteca, 1996, p. 19).

1.4.1 O Acordo

Sem dúvidas, é no acordo inicial que o processo argumentativo se estabelece. Contudo, precisamos entender que acordo, nos termos da argumentação, significa também a disponibilidade do auditório para ouvir o orador. Com efeito, quando estamos diante de alguém que nos vá apresentar algum assunto, muitas das vezes, por antecipação, conhecemos

a tese que irá ser apresentada, temos opiniões formadas sobre ela (discordamos dela) e mesmo assim nos colocamos na condição de ouvintes. É justamente essa predisposição que, de início, podemos chamar de acordo prévio.

Estabelecido, então, o primeiro passo para a argumentação, podemos dizer que o acordo se efetiva ou é delimitado por objetos que colocam orador e auditório numa mesma esfera de compreensão. Estamos aqui falando dos fatos, os quais serão tratados durante o processo argumentativo que permeia as várias situações de comunicação do cotidiano. Segundo Perelman e Tyteca (1996, p. 75) só estamos na presença de um fato do ponto de vista argumentativo se pudermos postular a seu respeito um acordo universal, não controverso, e uma vez comprovado o fato, ele só pode ser contestado através de outros fatos. Mas os autores alertam que este tipo de acordo sempre pode ser questionado, pois o auditório pode não enxergar o fato como sendo realmente um fato. A esse respeito, Reboul (1998, p. 142), acredita que até mesmo o desacordo só é possível no âmbito de um acordo comum. O autor cita como exemplo as controvérsias entre católicos e protestantes no século XVII, quando partiam de um postulado comum: a verdade do cristianismo, cada uma das partes à sua maneira.

Em se tratando dos processos argumentativos onde estão em jogo discussões de nível teórico-científico dizemos que existe nestes enunciados um conteúdo de verdade que liga os fatos. Assim, o acordo está nas verdades atribuídas a essas questões, um acordo que consiste em tornar verdades (admitidas por um auditório) em fatos. Para Perelman e Tyteca (1996) há ainda uma outra forma de estabelecer este contrato, este acordo, trata-se das presunções, que são ideias criadas com base no que é verossímil, constituindo-se, portanto, fatos, até que se prove o contrário. Para Abreu (1999), não devemos iniciar um processo argumentativo usando o convencimento, não devemos propor de imediato a tese principal, a ideia que queremos vender, devemos preparar o terreno para ela, propondo alguma tese com a qual o nosso auditório possa antes concordar.

O mais das vezes as presunções são admitidas de imediato, como ponto de partida das argumentações. Veremos mesmo que algumas podem ser impostas a auditórios ligados por convenções. [...] O uso das presunções resulta em enunciados cuja verossimilhança não deriva de um cálculo aplicado a dados de fato e não poderia derivar de semelhante cálculo, mesmo aperfeiçoado. (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 79)

Nestes termos, as presunções constituem uma confiança que o orador busca ganhar ou construir junto ao seu auditório, de maneira que ele precisa dominar os valores de seu auditório particular, pois cada auditório tem seus valores.

1.4.2 Os Valores

Qualquer que seja o auditório, o orador deve considerar que ele tem seus valores, que acredita em determinadas ideologias, que possui suas crenças, que valoriza pessoas, coisas, ideias, em maior ou menor escala ou em detrimento de outros seres da mesma espécie. Perelman e Tyteca, a exemplo do que ocorre ao *ethos*, quando preferem a adaptação do orador ao auditório, também não usam o termo *pathos* para falar das paixões que esse auditório pode desenvolver em relação ao orador, ao *ethos* e em relação às teses apresentadas. Todavia, ao tratarem de valores é o *pathos* que está em questão, pois os valores de um auditório permitem uma aceitação, uma aversão ao que está sendo apresentado.

Para Perelman e Tyteca (1996) os valores são também acordos, por isso, o bom orador deve conhecer os valores desse auditório, os quais podem ser abstratos ou concretos. São abstratos valores que envolvem, por exemplo, a razão, a justiça e a verdade e são concretos os valores que exigem comportamentos e virtudes, tais como a amizade, o amor, a noção de lealdade, de disciplina, a relação entre pais e filhos, entre irmãos, a honestidade, a seriedade, enfim tudo aquilo que pode ser admitido por um auditório como sendo uma qualidade.

Ao argumentar, o orador, mediante as circunstâncias, utiliza-se ora dos valores abstratos, ora dos valores concretos. Segundo Perelman e Tyteca (1996, p. 92), mais importante do que admitir esses valores é saber a hierarquização que eles ocupam no processo argumentativo. Isso ocorre porque não são os valores que caracterizam o auditório, mas a forma como ele os hierarquiza. As hierarquias variam de pessoa para pessoa, em função da cultura e das ideologias e isso faz com que um auditório formado por mais de uma pessoa se torne, por vezes, heterogêneo. Segundo Meyer:

Encontrar as questões implicadas no *pathos* é tirar partido dos valores do auditório, da hierarquia do preferível, que é a sua. É *o que* o enraivece, *o que* ele aprecia, *o que* detesta, *o que despreza*, ou contra *o que* ele se indigna, *o que* ele deseja, e assim por diante, que fazem do *pathos* do auditório a dimensão retórica da interlocução. (MEYER, 2007. p. 39).

Assim, o orador no processo de adaptação ao auditório deve hierarquizar os valores, segundo a preferência de seus interlocutores. Para hierarquizar os valores do auditório, o orador pode utilizar-se de algumas técnicas persuasivas conhecidas como lugares da argumentação, que servem para reforçar a adesão do auditório às teses apresentadas.

1.4.3 Os Lugares da Argumentação

A noção de lugar, como vimos, vem da invenção, de que nos fala Aristóteles, pois é nesta parte do discurso que o orador vai buscar seus argumentos, conforme os gêneros do discurso, e as necessidades que estes gêneros propõem. De acordo com Breton (2003, p. 86), os gregos, já na antiguidade, consideravam três valores como essenciais: o verdadeiro, o belo e o bom, que segundo o autor além de ideias que o homem deve buscar, são normas argumentativas, são argumentos. Nestes, os lugares da argumentação buscam o preferível, para apresentá-lo sob forma de argumento no discurso.

Assim, é que surge o lugar da quantidade, que consiste em afirmar que qualquer coisa vale mais que outra em função de razões quantitativas. Notamos que neste lugar de quantidade se encontram alguns dos fundamentos da democracia, como a eleição de um candidato ou a aprovação de uma lei, por maioria de votos. Nas sociedades em geral, este lugar gera argumentos que se colocam como valores que comportam a ideia de superioridade. No entanto, Perelman e Tyteca (1996, p. 97) advertem que essa noção de superioridade aplica-se tanto aos valores positivos como aos negativos, uma vez que um mal duradouro pode ser visto como um mal maior do que um mal passageiro. Tudo depende da maneira como o orador coloca os argumentos e da própria situação em que a argumentação ocorre.

Contrapondo-se a este conceito, surge o lugar da qualidade. Neste, a valorização da quantidade inexistente, abre-se espaço para priorizar o que é raro ou o que é único. “Apresentar algo como difícil ou raro é um meio de valorizá-lo”. Perelman e Tyteca (1996, p. 101) consideram que a unicidade de um ser ou de um objeto é decorrente da maneira pela qual o indivíduo mantém relação com ele, para uns se trata de um ser único, especial; para outros, este ser é apenas mais um em meio a outro da mesma espécie. No discurso, atribuir qualidades e/ou características a um ser, a um objeto, podem colocá-lo no lugar da qualidade ou quando essas características são negativas negam-lhe esse lugar, constituindo um antimodelo de ser, de objeto, que não pode ser apreciado.

Neste processo contratual, existem também os lugares da ordem, do existente, da essência e da pessoa, sobre os quais Perelman e Tyteca afirmam ser possível reduzi-los aos

lugares da quantidade e da qualidade, mas consideram importante tomá-los como unidades independentes por funcionarem como ponto de partida no processo da argumentação.

O lugar de ordem defende a superioridade do anterior sobre o posterior, das causas sobre os efeitos, dos princípios sobre a finalidade etc. Neste conceito, enquadram-se os fundamentos das competições e jogos e a valorização das grandes invenções da humanidade, o número, no lugar da ordem, é um valor perante a sociedade, de maneira a influenciar o auditório nas causas e questões nas quais se precisa “decidir”, e/ou valorizar as ações de alguém.

O lugar do existente dá preferência àquilo que já existe, em detrimento daquilo que não existe, mesmo diante da possibilidade de vir a existir, são argumentos que fundamentam, por exemplo, o adágio de que mais vale um pássaro na mão do que dois voando, pois esse lugar da argumentação foge da idealização, em virtude de não ser real.

Por sua vez, o lugar de essência valoriza indivíduos como representantes bem caracterizados de uma espécie, consiste em eleger um ser como a perfeição esperada daquela categoria de seres da qual ele faz parte. A eleição de misses, os vultos históricos e até os objetos de consumo tidos como legítimos, bons e caros servem para exemplificar o lugar da essência, conforme nos diz Abreu (1999).

Por fim, o lugar da pessoa afirma a superioridade daquilo que está ligado às pessoas em contrapartida às coisas. Perelman (1993, p.48) diz que muitos raciocínios partem dessa ideia de superioridade, pela qual o homem é superior aos animais e os deuses superiores aos homens. São, portanto, valores vinculados à dignidade, ao mérito e à autonomia. Por este lugar fundamenta-se, por exemplo, os direitos humanos e os estatutos de direito de determinados grupos sociais.

1.5 As teses e as técnicas argumentativas na construção de sentidos

Para falarmos de teses, o melhor exemplo que temos é a tese defendida por Perelman e Tyteca (1996), quando dizem que o objetivo de toda argumentação deve ser provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 50)

Para conduzir o ouvinte/leitor à adesão, entra no contexto enunciativo o papel das técnicas argumentativas, que servem de ligação entre as teses de adesão inicial e a tese principal e/ou constituem as próprias teses. Elas compreendem quatro grandes grupos: os

argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real, os argumentos que fundam a estrutura do real e os argumentos por dissociação de noções.

1.5.1 Os argumentos quase-lógicos

Na primeira técnica os “argumentos quase-lógicos” partem da ideia de logicidade. São argumentos comparáveis a raciocínios matemáticos, no entanto, também podem ser refutados, uma vez que não são puramente lógicos, pois a argumentação em si, diferentemente da demonstração científica, ocorre nas línguas naturais. Eis os principais:

a) Contradições e incompatibilidade

A contradição e a incompatibilidade consistem, para o orador, em mostrar que a tese de adesão com a qual o auditório concordou inicialmente é compatível ou incompatível com a tese principal.

Segundo Reboul (1998, p. 169), a incompatibilidade vincula-se à retorsão, que consiste em retomar o argumento do adversário mostrando que, na verdade, este aplica-se a ele mesmo. Assim, é que um professor de música, por exemplo, ao se impor contra um aluno que tenha faltado a algumas aulas, argumentando que, naquele momento, nada é mais importante do que a música e que a falta de assiduidade e a indisciplina são intoleráveis, em hipótese alguma poderá faltar, por vezes, ou seguidamente, às aulas, alegando outras atividades. Esses argumentos voltar-se-iam contra o primeiro e contra o próprio professor. Haveria, então, uma retorsão.

Outro caso ainda mais eficiente é o chamado autofasia. Este consiste em mostrar que o enunciado do adversário se destrói por si mesmo. É uma batalha que o orador trava com o outro (entenda-se outro discurso ou mesmo outro orador), refutando-lhe a argumentação, provando a ineficácia e a fragilidade dela, em prol da tese.

Ainda concernente à incompatibilidade, temos o argumento do ridículo, que consiste em criar uma situação irônica ao adotarmos, de forma provisória, um argumento do outro, extraíndo-lhe todas as conclusões possíveis, por mais absurdas que possam ser. Nesse argumento é necessário demonstrar uma incompatibilidade, e a ironia é a figura que lhe serve de construção, promovendo o riso.

De acordo com Reboul (1998, p. 171), quando a incompatibilidade é nociva, ela já não é ridícula e sim odiosa. O ridículo é o odioso desvenenado, que ao invés de provocar ódio provoca riso. Perelman e Tyteca (1996, p. 235) afirmam que o ridículo insiste em admitir momentaneamente uma tese oposta àquela que se deseja defender, em desenvolver-lhe as consequências, em mostrar a incompatibilidade destas com o que se crê por outro lado e em pretender passar daí a verdade que se sustenta. O certo é que o argumento pelo ridículo expõe a tese do outro a condição de infundada e/ou irrelevante.

b) Argumentos por definição

Esta técnica consiste em definir um termo dando-lhe uma identificação, ou seja, a substituição de um termo por outro, de maneira que, aparentemente, não há prejuízo de sentidos. Porém, a identificação de um termo em relação a outro, por mais próximo ou verossímil que seja, jamais revela uma identidade pura, sempre será uma preferência ou um posicionamento do orador. Eis o caráter argumentativo quase-lógico desta técnica. Perelman e Tyteca (1996, p. 243) mostram a fragilidade da sinonímia quando dizem:

Vê-se imediatamente que se, admitindo-se a igualdade de duas expressões, quisermos conceder por juízo analítico em juízo que permita substituí-la, cada vez, uma pela outra, sem que o valor de verdade das proposições em que essas expressões aparecem seja modificado, a analiticidade de um juízo só pode ser afirmado com constância, sem risco de erro, numa língua em que novos usos lingüísticos já não ameçam introduzir, ou seja, em definitivo numa linguagem formalizada.

Um caso específico de definição, que também faz parte dos argumentos por definição, é a tautologia. Neste tipo de argumento, a aparente repetição liberal de um termo é apenas formal, pois pressupõe uma diferença de sentidos, uma distinção semântica. Assim, ao se dizer “uma mulher é sempre uma mulher” não só cabe a interpretação de que todas as mulheres são iguais e nem é essa a versão mais forte, mas que uma mulher deve-se portar como tal. Os argumentos por tautologia só adquirem significado quando são aplicados em uma situação concreta, na qual o sentido passa a ser específico.

c) A regra de justiça

A estruturação deste tipo de argumento parte do princípio de que os seres da mesma espécie devem ter direitos iguais, isto significa que na identidade está a legítima causa para a justiça, a qual permite julgar como justos ou injustos os atos de alguém. No entanto, este tipo de argumentação suscita conflitos por que não existe uma identidade unívoca entre os seres ou porque não se sabe, ao certo, até onde essa identidade é possível.

Para que a regra de justiça constitua o fundamento de uma demonstração rigorosa, os objetivos para os quais ela se aplica deveriam ser idênticos, ou seja, completamente combináveis. Mas, na verdade, isso nunca acontece. Os objetivos sempre diferem em algum aspecto, e o grande problema, o que suscita a maioria das controvérsias, é decidir se as diferenças constatadas são ou não irrelevantes. (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 248).

d) Argumento de transitividade, de inclusão e de divisão

Alguns argumentos quase-lógicos, podemos dizer, apóiam-se no raciocínio matemático para chegar a uma conclusão. São assim os argumentos por transitividade, quando uma ideia ou noção transita de uma situação a outra ou de um termo a outro. Simbolicamente, Perelman e Tyteca (1996, p. 257) afirmam que esses argumentos se constituem por que a mesma relação existente entre os termos “a” “b” e onde $a = b$, $b = c$, de alguma maneira mantém, uma ligação entre os termos a e c, logo $a = c$.

Para uma melhor compreensão, Reboul (1998, p. 171) simplifica algebricamente esta definição utilizando a máxima: “Os amigos de seus amigos são meus amigos”.

+ x + = + Os amigos de meus amigos são meus amigos.
 + x - = - Os amigos de meus inimigos são meus inimigos.
 - x + = - Os inimigos de meus amigos são meus inimigos.
 - x - = + Os inimigos de meus inimigos são meus amigos.

Observamos, nesse sentido, que existe uma mesma relação entre os termos, de forma que a mesma ideia transita entre eles. Os argumentos por transitividade comportam as relações de igualdade, superioridade, inclusão e ascendência. São quase-lógicos porque na passagem de uma afirmação a outra se faz necessária uma elaboração.

São também argumentos quase-matemáticos o argumento de divisão e o argumento de inclusão. O primeiro consiste em mostrar que um todo pode ser provado por parte, pois tem a

mesma propriedade. Contudo, esse argumento só é rigoroso quando o todo e as partes são homogêneas. Assim, a máxima “quem pode o mais pode o pouco” só vale se o poder for de uma mesma natureza: o diretor pode tanto quanto o professor em sua área de conhecimento?

Quando racionalmente chega-se a conclusão de que os dois termos de uma alternativa levam à mesma consequência, instaura-se o dilema, neste caso, a situação se reduz a uma alternativa: escolher a parte que constitui o mal menor.

O argumento de inclusão fundamenta-se na ideia de totalidade para afirmar que o todo vale mais do que uma parte ou o que não cabe a ele, também não é cabível à parte.

e) Os argumentos de comparação

A comparação é uma das grandes armas da argumentação. Através dela, é possível avaliarmos e julgarmos vários objetos (coisas, pessoas, etc.) um em relação ao outro. No entanto, esses argumentos devem ser entendidos como distintos dos argumentos por identificação (já vistos) e dos argumentos por analogia, por comparar realidades concretas, atribuindo valores a elas. Isso se justifica pela ideia de medida que esses argumentos comportam. Segundo Perelman e Tyteca (1996, p. 247), o caráter quase-lógico deles deriva dessa aparente medição, tornando-os constatações de fatos, pois a relação de igualdade ou desigualdade é pretendida pelo orador.

Dessa categoria podemos ressaltar duas importantes formas de argumentação: o argumento pelo sacrifício e o argumento pelas probabilidades. O primeiro consiste em estabelecer o valor de uma causa pelo sacrifício que são ou serão feitos por ela. O segundo originou-se da ideia de que a probabilidade de uma melhor escolha advém do número de soluções possíveis e disponíveis a esta escolha, restando, então, compará-las e decidirmos pela que oferece mais ou melhores resultados.

1.5.2 Os argumentos baseados na estrutura do real

Esses argumentos, ao contrário dos primeiros, não se baseiam na lógica, mas na experiência, nas ligações existentes entre as coisas do mundo real. Tais ligações podem ser por sucessão, por coexistência e por relações simbólicas, conforme abaixo.

a) As ligações de sucessão

As ligações de sucessão estimulam a argumentação a partir da constatação de um nexo causal capaz de explicar ou justificar as teses que se quer defender. Os argumentos construídos por essas ligações estruturam-se nas relações de causa / efeito, consequência / finalidade.

Assim é que o argumento pragmático permite apreciar um ato ou um acontecimento em função de suas consequências favoráveis ou desfavoráveis (PERELMAM E TYTECA, 1996, p. 358). Para Reboul (1998, p. 174) esse argumento goza de tal verossimilhança que de imediato presume confiança.

O argumento por finalidade fundamenta-se na ideia de que o valor de uma coisa depende da finalidade a que se destina e não do meio que a originou. Isso faz com que a ideia de causalidade, embora não possa ser descartada, não seja colocada em primeiro lugar.

A finalidade comporta o argumento do desperdício que consiste em dizer que uma vez iniciado um trabalho é preciso ir até o fim para não perdermos o tempo e o investimento; comporta também o argumento de direção pelo qual uma coisa, mesmo admitida a sua inofensividade, é rejeitada porque servirá de meio para um fim que não desejado. Comporta ainda o argumento da superação, este parte da insatisfação inerente ao valor: nunca ninguém é bom demais, justo demais ou desinteressado demais, etc., mas pode adquirir uma progressão que o situe em um patamar mais elevado.

O que vale não é realizar certo objetivo, alcançar certa etapa, mas continuar, superar, transcender, no sentido indicado por dois ou por vários pontos de referência. O importante não é um objetivo bem definido: cada situação serve, ao contrário, de ponto de referência e de trampolim que permitem prosseguir indefinidamente numa certa direção. (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 328).

b) As ligações de coexistência

Para Perelman e Tyteca (1996) as ligações de coexistência buscam através da relação ato / pessoa estabelecer um vínculo entre realidades diferentes, mas que estão ligadas às próprias pessoas e aos seus atos. É através dessa interação que construímos a imagem de uma pessoa, atribuindo-lhe um julgamento de valor. Dessa maneira, surge o argumento de autoridade, o qual consiste em usar o valor de uma pessoa ou de um grupo de pessoas para conseguir a adesão do auditório à tese principal. A autoridade baseia-se na vida e na moralidade visando à credibilidade. Perelman e Tyteca (1996, p. 352) dizem que muitas em

muitos casos a luta contra o argumento de autoridade é, na verdade, uma mudança de autoridade.

Para restringir o efeito dessa argumentação, é necessário recorrer às técnicas de ruptura e de travagem. As técnicas de travagem tentam restringir o alcance do ato da pessoa, pois, muitas das vezes, quando ligamos o ato à pessoa, o ato é interpretado de acordo com o que pensamos sobre essa pessoa, de maneira preconceituosa.

c) As ligações simbólicas

Para o orador não correr o risco de falar no vazio, ele deve considerar os símbolos do seu auditório, isto porque eles têm um caráter social-cultural que varia conforme o meio.

Segundo Perelman e Tyteca (1996, p. 378), as ligações simbólicas podem juntar-se às ligações de coexistência na argumentação, despertando uma relação de amor ou ódio ou ainda de aceitação ou negação. São assim os símbolos que representam o Cristianismo, a Pátria e o Estado (a cruz, a bandeira, a pessoa do rei).

Quando a simbologia adquire um valor em detrimento de outro, os argumentos são construídos por uma dupla hierarquia, são complexos porque consistem em estabelecer uma escala de valores entre termos, relacionando com outra escala já existente “o que pertence a Deus é preferível ao que pertence ao homem” (Perelman, 1993). Os argumentos de duplas hierarquias podem também surgir a partir das diferenças de grau e de ordem.

1.5.3 Os argumentos que fundam a estrutura do real

Na terceira técnica, Perelman e Tyteca apresentam argumentos que também são empíricos, mas não se apóiam na estrutura do real porque criam-na ou porque, pelo menos, a completam, de maneira que entre as coisas apareçam ligações não vistas.

a) O argumento pelo exemplo e por ilustração, por modelo e antimodelo

O argumento pelo exemplo refere-se a um caso particular e vai do fato à regra, isto é, mostra algo (um acontecimento, um caso) para se chegar a uma proposição maior, a uma conclusão, a qual objetiva a adesão do auditório. “Assim se diz nos Estados Unidos da América afirma-se que certo jornaleirozinho ficou bilionário para dizer que qualquer um pode ser bilionário” (REBOUL, 1998, p. 181).

A argumentação pela ilustração, ao contrário do exemplo que deve ser concreto e por isso incontestável, pode basear-se em algo fictício já que a função não é provar a regra, mas dar-lhe “presença na consciência”, mexer com a imaginação, para invocar a adesão.

Por sua vez, o argumento pelo modelo ocorre quando se sugere a imitação das ações de certas pessoas, numa escala que vai da celebridade à pessoa comum. Dessa forma, a condição para que alguém seja citado como modelo é a admiração que ela exerce sobre o orador ou o prestígio social que esta possui. Inversamente, funciona o antimodelo, este, como o próprio nome sugere, indica algo a ser evitado; se alguém é citado é para que se extraia justamente o contrário do que essa pessoa seja ou tenha feito.

b) Analogia e metáfora

Para argumentarmos por analogia devemos utilizar como tese de adesão inicial um fato que tenha uma semelhança de relações com a tese principal. Esse tipo de argumentação tem por objetivo esclarecer aquilo que se quer provar – o tema, algo abstrato, através de algo concreto – o foro.

Em suma, a analogia não é simplesmente uma comparação porque ela sempre lida com realidades diferentes, uma concreta outra abstrata, ao contrário da comparação, que lida com realidades concretas. “Assim como os olhos dos morcegos são ofuscados pela luz do dia, a inteligência de nossa alma é ofuscada pelas coisas mais naturalmente evidentes”. (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 424).

Uma importante forma de argumentar por analogia é pela utilização de metáfora, esta tem por função expressar certos elementos do tema ou do foro omitindo outros, como no exemplo “A velhice é a noite do dia”. – Logo: a velhice é para a vida o que a noite é para o dia (termo omitido - dia).

1.5.4 Os argumentos por dissociação de noções

Contrariamente às três técnicas argumentativas já apresentadas, as quais propunham a associação de noções ou de aspectos aparentemente independentes, esta última consiste em

dissociar ou romper noções em pares hierarquizados, alegando que a todo discurso pode ser contraposto outro. O objetivo principal é remover incompatibilidades.

Um dos mais eficazes argumentos dessa natureza é o centrado no par aparência/realidade. A dissociação entre essas noções faz com que onde exista apenas uma realidade, sejam vista duas: a aparente e a verdadeira, isso porque nem sempre a realidade aparente constitui a verdade. Para uma melhor compreensão, Perelman e Tyteca (1996, p. 472) exemplificam dizendo que um bastão parcialmente mergulhado na água aparenta ser curvo quando apenas o olhamos, mas é reto quando o tocamos. A impossibilidade dele ser as duas coisas permite afirmar que aparência e realidade são incompatíveis.

Vários outros pares são constituídos por analogia com o par aparência/realidade, que permite identificar em cada um aquilo que os filósofos chamam de termo I – ser aparente, imediato, conhecido diretamente, e termo II – ser real, critério de valor e de verdade do termo I. Os mais frequentes são: meio/fim, consequência/princípio, ato/pessoa, ocasião/causa, subjetivo/objetivo, múltiplo/uno, individual/universal, particular/geral, teoria/prática, linguagem/pensamento, entre outros.

Todas as técnicas argumentativas apresentadas procuram dar conta da maneira como argumentamos, do próprio *logos*. No entanto, não existe argumento infalível, pois todo e qualquer argumento pode ser refutado por outro. O que vale realmente é usar as palavras a favor daquilo que queremos defender.

CAPÍTULO II

DESENHANDO A PESQUISA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

CAPÍTULO II: DESENHANDO A PESQUISA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 Caracterização da pesquisa e universo de estudo

As atividades de pesquisa, independentes de sua finalidade [...] não produzem conhecimento “ao acaso”, mas contribuem – tendo em vista as representações, as ideias e as teorias imbuídas nessas atividades, para a formação da visão de mundo de cada um e, portanto, para uma nova compreensão do mundo e do ser humano. (PÁDUA, 2004, p. 38).

A pesquisa “Os profissionais egressos de Letras e o seu discurso: da constituição do *ethos* aos sentidos sobre o curso” consiste em analisar os discursos dos egressos do Curso de Letras do *Campus* Avançado professora Maria Elisa de Albuquerque Maia, CAMEAM/UERN⁵.

⁵ O Curso de Letras do CAMEAM, em 2007, constava com as habilitações Língua Portuguesa e respectivas literaturas, Língua Inglesa e respectivas literaturas e língua Espanhola e respectivas literaturas. No entanto, os egressos que compõem o universo dessa pesquisa são apenas das habilitações de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, uma vez que a habilitação Língua Espanhola foi implantada durante o semestre 02 do ano de 2006.

Neste sentido, o foco da pesquisa está na análise dos discursos dos egressos de 2001 e de 2005, com vistas a detectar o *ethos* desses egressos, bem como a constituição de sentidos para o Curso de Letras pelo qual foram diplomados. O *corpus* constituído é parte de uma pesquisa institucional (SOUZA, 2007) e faz parte do banco de dados do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto – GPET/UERN, cadastrado no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e certificado pela UERN. A opção por esses dados justifica-se pela necessidade de conhecimento sobre a comunidade acadêmica, no que concerne ao próprio ato de formar da universidade, instância considerada máxima na formação de profissionais e pesquisadores. Segundo Ferreira:

Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, *nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar um problema da vida prática* (FERREIRA, 1994, p. 17, grifo do autor).

Assim, inquietou-nos investigar sobre a própria realidade, isto é, os discursos dos egressos do Curso de Letras do CAMEAM, atentando para a imagem que eles apresentam de si, no discurso, como profissionais ou como ex-alunos desse curso. Daí a busca de resposta para a questão central de pesquisa “Que imagem ou imagens os egressos do Curso de Letras do CAMEAM fazem de si como ex-alunos e/ou como profissionais formados por esse Curso? E para a questão que surge em desdobramento dessa: “Como esses egressos constituem sentidos sobre o Curso de Letras?”

A(s) resposta(s) para essas indagações considera(m) os períodos correspondentes à formação dos egressos e o intervalo de quatro (04) anos entre estes períodos, como critérios de seleção para alcançar a cientificidade do estudo, em consonância com a pertinência social do mesmo.

Dessa forma, a escolha da temática justifica-se, principalmente, pela necessidade de maiores discussões sobre os cursos de formação de professores na área de Letras e pelo interesse em conhecer o que pensam os seus egressos sobre suas próprias formações, atuações e sobre o curso pelo qual foram formados. Além disso, são urgentes discussões sobre as novas diretrizes curriculares para as licenciaturas, no intuito de estabelecer uma articulação entre teoria-prática nos Cursos de Letras e o campo de trabalho aberto para os professores dessa área.

Assim, nosso trabalho destaca-se pela oportunidade de dá a esses egressos formados em período diferentes, a maioria já atuando no mundo do trabalho, a oportunidade de falar sobre o próprio curso concluído. Nisto, não podemos deixar de enfatizar a riqueza do *corpus*, pela própria instância de produção, são discursos de egressos de anos e de níveis de formação diferentes e mais que isso, são discursos de sujeitos residentes em diferentes localizações geográficas, haja vista que o *campus* onde estudaram atende uma clientela oriunda de diferentes localidades. Nesse sentido, de posse de documentos cedidos pela secretaria do Curso de Letras do CAMEAM, esses egressos foram localizados em diferentes estados da federação (especialmente Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba), por meio de todos os meios e/ou recursos possíveis para manter o primeiro contato: contato por telefone, endereços eletrônicos, sites de relacionamentos e, principalmente, visitas às residências e locais de trabalho destes. A aplicação e coleta dos instrumentais de pesquisa, em sua quase totalidade, ocorreram por meio de visitas aos egressos, permitindo o contato destes com os pesquisadores.

Dado o objeto de estudo, o discurso dos egressos com foco no *ethos* destes egressos de Letras CAMEAM/UERN e nos sentidos constituídos sobre o curso de Letras do CAMEAM, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de caráter qualitativo, haja vista que nossa prioridade está na interpretação dos dados, portanto essa abordagem é “uma orientação para descrever e explicar o uso linguístico, situando-o em contextos sociais e culturais que efetivamente existem” (TRASK, 2004, p. 16). Segundo Oliveira (2005, p. 41) a abordagem qualitativa “implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva.”

Como toda pesquisa apóia-se em um determinado método de análise, uma questão determinada pela própria pesquisa - pela seleção dos objetivos definidos, pela escolha antecipada de uma perspectiva teórica e pela natureza do *corpus* – nosso trabalho toma por validação científica o Método Dedutivo de análise, que segundo Oliveira (2005. p. 54) é sempre definido como sendo o procedimento de estudo que vai do geral para o particular, isto é, parte dos princípios já conhecidos para chegar a determinadas conclusões.

Assim sendo, partimos do pressuposto de que os discursos argumentativamente construídos pelos egressos que compõem o universo da pesquisa permitirão constatar como eles se vêem (*ethos*) como ex-alunos ou professores formados pelo Curso de Letras do CAMEAM/UERN. Também nos permitirão ver como esses egressos enxergam o professor de línguas e a própria formação, tudo isso atrelado ao momento histórico em que frequentaram o

curso, refletindo, assim, nos sentidos que esses egressos constroem sobre o Curso de Letras do CAMEAM.

Além dessa caracterização em torno da abordagem e do método científico adotados, nossa pesquisa se inscreve dentro da perspectiva de estudos do discurso, haja vista que é uma pesquisa em Análise de Discurso, que toma como perspectivas teóricas, de uma forma macro, a noção de diálogo social presente no sócio-interacionismo de Bakhtin (1997/2002) e de forma detalhada os conceitos da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação, de Perelman e Tyteca (1996), considerando a contribuição e atualização desses estudos por diversos estudiosos e pesquisadores, entre eles: Reboul (1998), Amossy (2005), Meyer (2007), Souza (2008), dentre outros.

2.2 O corpus se constitui: os dados tomam forma

O pesquisador não nega, naturalmente, sua inserção social e histórica, mas tem a obrigação de manter com relação a ela e ao seu objeto (que podem ser “sujeitos”) uma atitude exotópica. (SOBRAL, IN BRAIT 2008, p. 116)

No período compreendido entre fevereiro e agosto de 2007, aplicamos os questionários para os egressos dos anos de 2001 e de 2005 ⁶ do Curso de Letras do CAMEAM. Como podemos ver, a aplicação do questionário ocorreu antes mesmo de a pesquisadora ingressar no mestrado. Recortamos, para esse trabalho, os dados de 2001 e de 2005 com vistas a investigar sobre a imagem que os egressos constroem de si no discurso,

⁶ A coleta foi referente aos anos de 2001, 2002, 2003, 2004, 2005 para a realização da Pesquisa “O perfil dos egressos do curso de Letras do CAMEAM” (SOUZA, 2007), financiada pelo CNPq e realizada no ano de 2007. Trabalhamos com um recorte desses dados, com objetivos diferentes e novo objeto de estudo, uma vez que antes se tratava de uma pesquisa descritiva sobre a situação dos egressos de Letras dos anos de 2001 a 2005, ao passo que o foco da nossa pesquisa recaí sobre o *ethos* dos egressos no discurso e sobre a constituição de sentidos para o curso no qual forma diplomados, fundamentada nas teorias de discurso, o Sócio-interacionismo e a Teoria da Argumentação.

considerando o ano de formação e sobre como eles avaliam o Curso de Letras que fizeram, de forma a responder nossa questão de pesquisa.

Os procedimentos metodológicos relativos à coleta e tabulação dos dados contemplaram as etapas abaixo descritas:

- Coleta e consulta a documentos oficiais/institucionais: referentes à relação dos alunos concluintes dos anos de 2001 e de 2005 e às fichas individuais, onde constam endereços e telefones dos egressos que compõem o universo da pesquisa.
- Aplicação de instrumental composto por questões abertas e fechadas, cuja entrega se deu por meio de visitas aos endereços residencial e/ou de trabalho desses egressos e cujo recebimento se deu, na maioria dos casos, também de forma presencial em datas diferentes das de entrega.
- Elaboração de gráficos, considerando: 1) anos de conclusão (2001 e 2005); 2) formação (graduação, pós-graduação em andamento, pós-graduação concluída).

2.3 Os questionários

O questionário pode ser definido como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador(a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo (OLIVEIRA, 2005, p. 89).

Para efetivar nosso trabalho, utilizamos os questionários respondidos em 2007 por egressos do Curso de Letras do CAMEAM, dados estes arquivados no GPET- Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto. Trabalhamos com os questionários referentes aos egressos dos anos de 2001 e 2005, especificamente com quatro das questões respondidas pelos egressos. Vejamos as questões descritas. A numeração indicada no início de cada uma delas obedece à numeração do questionário elaborado na época. Salientamos que o questionário aplicado é amplo, por isso mostraremos aqui só as partes que interessam a esse estudo, uma vez que são elas que encontram-se em anexo.

NÚMERO	QUESTÃO
3.2	A sua formação em nível superior (título), no Curso de Letras, está contribuindo para a sua atuação no mercado de trabalho? () Sim () Não - Justifique.
3.3	As teorias e as experiências práticas adquiridas por ocasião do Curso de Letras/ CAMEAM contribuíram e/ou estão contribuindo para sua atuação no

	mercado de trabalho? ()Sim () Não – Comente.
3.4	Em formação de curso de nível superior, é pertinente que haja teorias, atividades práticas, atividades extensionistas, pesquisas (com iniciação científica), monografia, entre outras, que busquem formar e estimular o egresso da graduação para dar continuidade em sua formação, em nível de pós-graduação (<i>lato</i> e <i>stricto sensu</i>). Na graduação em Letras que você cursou no CAMEAM existiam atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos em nível de pós-graduação? ()Sim ()Não . Comente.
3.5	Como você avalia o Curso de graduação em Letras pelo qual foi diplomado no CAMEAM?

Quadro número 01- Questões aplicadas. Fonte: Souza, 2007.

Após mostrarmos as questões com as quais trabalhamos, deixamos claro que, segundo nossos objetivos, os procedimentos de análise tomam como critério uma categorização dos discursos dos egressos no que se refere à formação e ano de conclusão do Curso, informados durante a época da coleta de dados, conforme abaixo:

ANO DE FORMAÇÃO	SITUAÇÃO DO EGRESSO – FORMAÇÃO
2001	Discursos de egressos apenas graduados
2001	Discursos de egressos cursando pós-graduação <i>lato ou stricto sensu</i>
2001	Discursos de egressos com pós-graduação <i>lato ou stricto sensu</i> concluídas

Quadro 02 – Critérios de análise egressos 2001.

ANO DE FORMAÇÃO	SITUAÇÃO DO EGRESSO – FORMAÇÃO
2005	Discursos de egressos apenas graduados
2005	Discursos de egressos cursando pós-graduação <i>lato ou stricto sensu</i>
2005	Discursos de egressos com pós-graduação <i>lato ou stricto sensu</i> concluídas

Quadro 03 – Critérios de análise egressos 2005.

Os questionários, sessenta (60) ao todo, se encontram enumerados conforme os critérios supracitados, com base na sequenciação que se encontra no banco de dados, considerando os anos de formação dos egressos (25 em 2001, 35 em 2005). Essa numeração obedece à seguinte ordem: número do egresso, situação, isto é, nível de formação, e ano. O

nível de formação está codificado da seguinte maneira: G = graduado, CPG = cursando pós-graduação, PG = pós-graduado.

2.4 Visualizando os egressos

A imagem, com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito mas poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais (LOIZOS IN BAUER; GASKELL, 2004, p. 137)

Para a realização da pesquisa, apresentamos, aqui, os dados referentes ao número de egressos por ano, já que nosso objeto de estudo é o discurso destes. Egressos que, no momento da aplicação dos questionários, apresentavam apenas graduação, que estavam cursando pós-graduação (*lato e/ou stricto-sensu*) e/ou que haviam concluído pós-graduação. Essa especificação está em consonância com nossos objetivos geral/específicos, bem como com os critérios de análise estabelecidos para nosso trabalho. Salientamos que a tabulação desses dados obedece à devolução dos questionários (no período de fevereiro a agosto de 2007). Segundo os arquivos, foram aplicados 40 (quarenta) questionários relativos ao ano de 2001 e foram devolvidos 25 (vinte e cinco). De 2005, foram enviados 35 (trinta e cinco) questionários e todos foram devolvidos

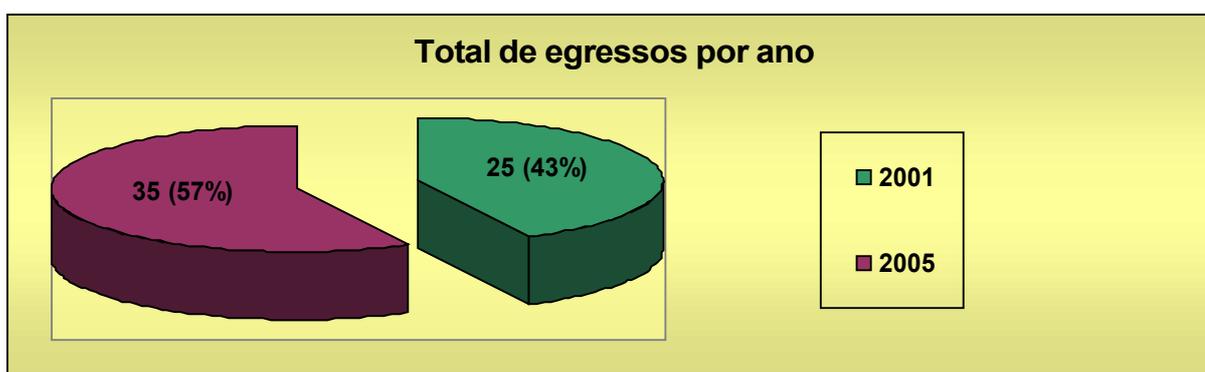


Gráfico 01- Total de egressos por ano. Fonte: Souza, 2007.

Como podemos ver, os egressos do ano de 2005 nos atenderam prontamente, todos eles tiveram a preocupação de nos devolver o questionário aplicado, significando um avanço considerável em relação aos egressos do ano de 2001. Em termos de percentual, vemos que o ano de 2001 consta com 43% do total de egressos que compõe o universo da pesquisa e o ano de 2005 com o percentual de 57%. Essa tabulação é importante porque atende ao objetivo geral de nossa pesquisa, que é analisar e interpretar o discurso dos egressos dos anos

supracitados, recaindo, em específico, no objetivo que visa comparar os resultados desses dois anos.

O gráfico abaixo informa o nível de formação dos egressos de 2001 durante a etapa de constituição do *corpus*.

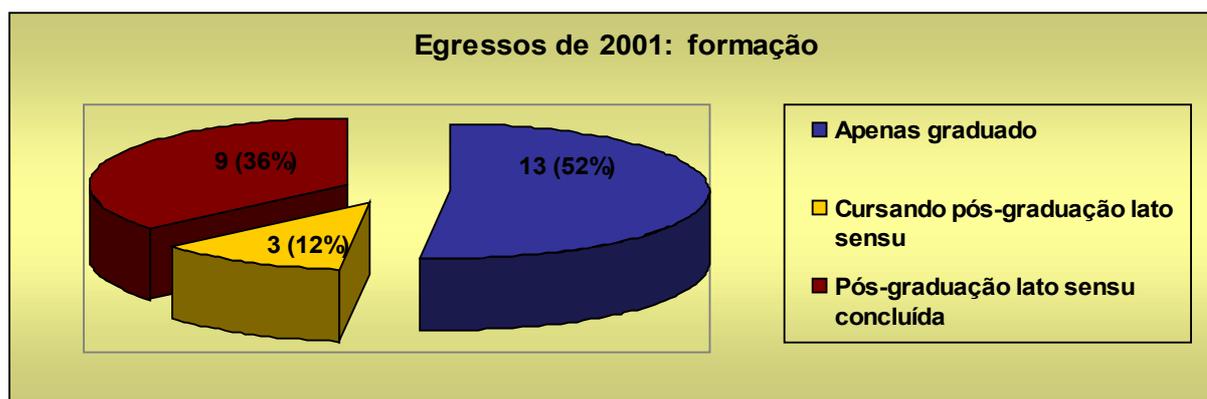


Gráfico 02- Egressos de 2001: formação. Fonte: Souza, 2007.

Os indicadores desse gráfico atendem aos critérios estabelecidos para nossa pesquisa: a formação dos egressos do ano de 2001, durante a etapa de coleta dos dados (período de fevereiro a agosto de 2007). Assim, constatamos que a maioria desse universo de 2001 era de egressos apenas graduado (52%), acompanhada de um número considerável de egressos com pós-graduação *lato sensu* concluída (36%) e um pequeno número (12%) que se encontrava cursando uma pós-graduação *lato sensu*. Conforme nossos objetivos, essa delimitação (nível de formação), atua como critério para a análise e interpretação dos dados de cada ano em específico.

O gráfico abaixo também atende aos critérios de formação dos egressos, desta vez do ano de 2005. Vejamos:

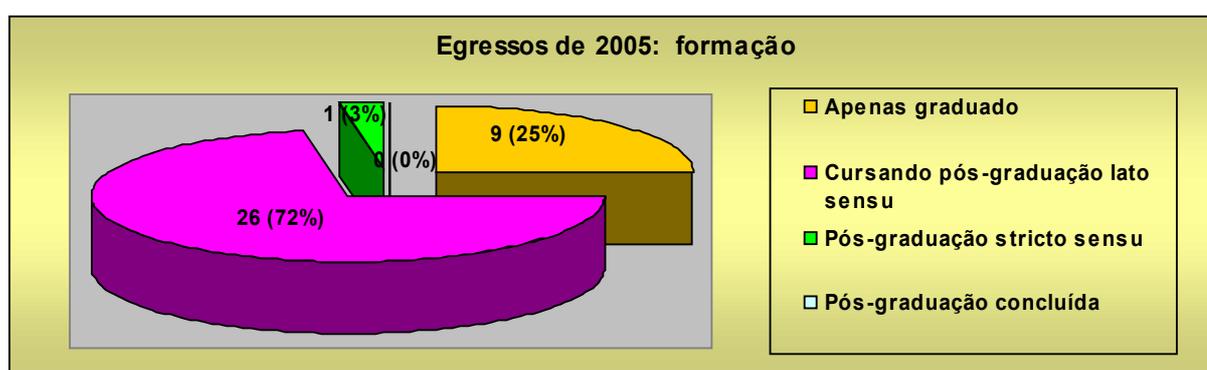


Gráfico 03 – Egressos de 2005: formação. Fonte: Souza, 2007.

Diferentemente do ano de 2001, constatamos, agora, um grande número de egressos cursando pós-graduação na época em que a pesquisa foi aplicada. De um universo de 35 (tinta e cinco) 26 egressos (72%) cursavam pós-graduação *lato sensu*, sendo que 01 (um) deles (03%) cursava, concomitantemente, pós-graduação *lato sensu* e pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado. Apenas 09 (nove) deles (25%) de 2005 permaneciam fora de um curso de pós-graduação. Até aquele momento não havia egressos de 2005 que tivessem concluído algum curso de pós-graduação. Neste sentido, nossas hipóteses consistem em que essas diferenças refletirão nas imagens dos egressos (seu *ethos*), bem como nos sentidos que atribuem ao Curso de Letras do CAMEAM.

2.5 O Curso de Letras do CAMEAM

Consideramos, neste trabalho, a necessidade de uma rápida apresentação do Curso de Letras que nos discursos analisados é tomado como referente.

O Curso de Letras sobre o qual interrogamos é ofertado pela Universidade do Estado do Rio grande do Norte – UERN, e funciona no *Campus* Avançado “Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, localizado na cidade de Pau dos Ferros, atendendo uma clientela oriunda dos estados do Rio Grande do Norte, do Ceará e da Paraíba.

Criado pelo Conselho Universitário, em reunião de 27 de outubro de 1976, foi oficialmente instalado em 19 de dezembro daquele ano, tendo sido realizado o primeiro vestibular em janeiro de 1977 e as aulas iniciadas em 1º de março. Inicialmente foi ofertada a licenciatura com dupla habilitação: Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas literaturas. Com a Resolução nº 15/1994 - CONSEPE/UERN, de 10 de agosto de 1994, o Curso passou a oferecer habilitações em áreas específicas: Língua Portuguesa, Língua Inglesa com suas respectivas literaturas e Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas literaturas, dando ao aluno a possibilidade de optar por uma dessas três habilitações.

Segundo o Projeto Político do Curso - PPC, ainda em fase de implantação, foi a necessidade de atender à formação docente numa área definida, objetivando uma maior qualidade no ensino e um investimento maior na formação específica do aluno, que levou o Curso a passar por uma modificação em sua oferta de habilitações. Desse modo, a habilitação dupla deixou de ser ofertada e as duas habilitações em áreas específicas continuaram funcionando no turno noturno.

De acordo com o documento (PPC), em 2006, o Departamento de Letras considerou mais uma vez a necessidade de criação de expandir a oferta do Curso de Letras, e assim a partir do segundo semestre do ano de 2006, priorizou a oferta de vagas no turno matutino, passando a oferecer a habilitação de Língua Espanhola e respectivas literaturas e ainda a habilitação de Língua Portuguesa e literaturas também nesse turno. Em virtude destas ofertas, o referido curso, neste mesmo ano, modificou a grade curricular das habilitações já existentes, que era de 2003, através da inserção de algumas novas disciplinas, ou reformulação de outras, aumentando ou reduzindo suas cargas-horárias e/ou promovendo mudanças de nomes em algumas delas. Vale salientar que o Curso de Letras do CAMEAM passou a exigir o Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, a partir da grade curricular de 2003, portanto, os egressos de 2001 não contam com essa produção científica relativa ao Curso de Letras/ CAMEAM em seus currículos.

Atualmente, o Curso de Letras, ofertado pelo Departamento de Letras do CAMEAM, além das atividades de ensino, contempla atividades de pesquisa e extensão, através de monitorias, iniciação científica, que englobam a participação de bolsistas PIBIC/CNPq e PIBIC/UERN, e ainda através da criação de Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq e certificados pela Instituição. O Núcleo de Ensino de Línguas, NELL, que oferece cursos de extensão, é uma realidade de longas datas, que já contemplava os egressos das grades anteriores a 2003, assim como também a Semana de Estudos Linguísticos e Literários de Pau dos Ferros, SELLP, vem sendo realizada há 12 anos, ocorrendo a cada dois anos.

Segundo o Projeto Político do Curso – PPC, é objetivo geral do Curso de Letras do CAMEAM:

Formar profissionais na área de linguagem, através de discussões teóricas e vivências práticas em atividades de ensino e pesquisa, proporcionando ao graduando oportunidades para refletir, compreender, criticar e aplicar diferentes teorias e abordagens de ensino, de modo que possa atuar conscientemente na construção de conhecimentos sobre línguas e literaturas, com vistas a uma pedagogia culturalmente sensível (PPC, 2008, p. 22)

Entre os objetivos específicos, destaca assegurar ao graduando a integração entre teoria e prática, através das disciplinas e demais componentes curriculares; e proporcionar condições necessárias à formação do graduando do Curso de Letras, enquanto futuro professor de Língua e Literatura Nacional ou Estrangeira. Com isto, espera formar professores capazes de atuar com competência no mercado de trabalho destinado a esses profissionais.

2.6 Análise e interpretação dos dados

Necessita, sim, o pesquisador de sua própria bússola e de saber o que procura. Não do saber as respostas, mas do saber perguntar ao que lhe vier pela frente, na perspectiva do tema-central do seu desejo de mais e melhor saber e sob o contínuo acicate e a inspiração da hipótese guia de seus passos (MARQUES, 2003, p. 115)

Considerando a natureza da pesquisa, os critérios estabelecidos, e os objetivos traçados, os quais se encontram na introdução deste trabalho, a resposta para o nosso problema de pesquisa se encontra em três etapas:

- Na primeira etapa, fizemos a interpretação do *corpus* referente aos anos de 2001 e 2005, conforme os critérios relativos ao nível de formação (tópico 2.3), quando nos preocupamos em buscar a imagem (*ethos*) dos egressos a partir de suas colocações sobre a contribuição da formação em nível superior (Curso de Letras) para a atuação no mercado, considerando como inerentes à construção das imagens os aspectos do processo argumentativo dos seus discursos: os lugares da argumentação, os valores apresentados diante do auditório e a utilização das técnicas argumentativas (objetivos específicos 01 e 02)

É nesta etapa que constatamos as diferentes imagens, *ethos*, constituídos nos discursos. Do universo de egressos apenas graduados de 2001 (13 egressos), pelos discursos, os *ethos* encontrados agrupam-se em diferentes categorias, elaboradas com base nas recorrências, da maneira como estes egressos, enquanto oradores, se apresentaram no discurso, ao se posicionarem sobre as questões 3.2 e 3.3 (tópico 2.3). O quadro abaixo traz as constatações relativas ao ano de 2001, nível de formação graduados.

2001 - <i>ETHOS</i> /CATEGORIA (GRADUADOS)		EGRESSO
01	RECONHECE SER UM PROFESSOR, UM PROFISSIONAL ATUANTE E COMPETENTE	-----
a)	Atua na sua área de formação, assume-se professor de Língua(s)	02G/2001
		04G/2001
		07G/2001

b)	Não faz a relação habilitação/área de atuação.	12G/2001
02	TRABALHA NA EDUCAÇÃO, MAS NÃO CONSTRÓI UM <i>ETHOS</i> DE UM PROFESSOR/EDUCADOR	01G/2001
		03G/2001
		06G/2001
		10G/2001
03	RECONHECE SER UM PROFISSIONAL DE OUTRA ÁREA	08G/2001
		09G/2001
04	OUTROS <i>ETHOS</i>	05G/2001
		11G/2001
		13G/2001

Quadro 04. *Ethos* 2001(graduados).

O quadro mostra os treze (13) egressos de 2001, que durante a coleta de dados, em 2007, não haviam cursado ou não estavam cursando especialização, quatro (04) deles se apresentam com o *ethos* de professores atuantes e competentes, sendo dois (02) que se colocam como professores de uma dada língua e dois (02) que não fazem a relação habilitação/ área de atuação. O quadro mostra também a categoria de *ethos* composta por quatro (04) egressos que, apesar de trabalharem na educação, não constroem um *ethos* de um professor educador (pois não se veem como professores, ou porque se veem como estagiários ou porque atuam em disciplinas distantes de sua formação). Também constatamos dois (02) *ethos* constituídos como profissionais de outras áreas (por se definirem muito bem no discurso como profissionais e, não, por exemplo, como tendo um ofício, um emprego, embora tenham uma formação em Letras) e, por fim, o que chamamos de outros *ethos*, (03), haja vista a indefinição em torno de sua atuação no mercado de trabalho.

Em se tratando dos discursos dos oito (08) egressos graduados de 2005, os resultados contemplam as imagens (*ethos*) descritas no quadro abaixo:

2005 - <i>ETHOS</i> /CATEGORIA (GRADUADOS)		EGRESSO
01	RECONHECE SER UM PROFESSOR, UM PROFISSIONAL ATUANTE E COMPETENTE	-----
a)	Na área de formação	01G/2005
b)	Em outras áreas do conhecimento (disciplinas)	06G/2005
		08G/2005

c)	Reconhece ser professor, mas não deixa claro se atua na área de formação	03G/2005
		05G/2005
		07/G2005
02	RECONHECE SER UM PROFISSIONAL DE OUTRA ÁREA	04G/2005
03	OUTROS <i>ETHOS</i>	1504G/2005

Quadro 05. *Ethos* 2005 (graduados).

O quadro mostra algumas diferenças de categorias entre os *ethos* constituídos nos discursos dos egressos graduados de 2005 e 2001. Os discursos dos oito (08) egressos se dividem nas categorias “Reconhece ser um professor, profissional atuante e competente”, que se sub-divide em um (01) *ethos* que assim se reconhece por atuar na área de formação, dois (02) que se reconhecem professores competentes, mas atuam em outras disciplinas e um (01) que não informa se atua na área de formação. Há ainda a categoria da qual faz parte um (01) egresso que se considera profissional de outra área, embora tenha uma formação em Letras, e os casos de indefinição que classificamos de outros *ethos*, aqui também representada por um (01) único egresso.

Os discursos que constituem os *ethos* dos egressos apenas graduados de 2001 e 2005 se encontram analisados, por amostragem, no capítulo três (03), intitulado “Os professores e sua formação: o discurso revelado pelas Letras”. Porém, ainda como parte desta etapa do trabalho, no capítulo quatro (04), “Os professores e sua formação: o discurso que revelam (a)pós Letras”, por amostragem, encontram-se as análises discursivas referentes aos *ethos* dos egressos de 2001 e 2005 que estavam cursando uma pós-graduação e dos egressos de 2001 que haviam concluído um curso de pós-graduação.

O quadro abaixo descreve os *ethos* constituídos nos discursos dos egressos de 2001, que durante a coleta de dados, estavam cursando uma pós-graduação.

2001 - <i>ETHOS</i> /CATEGORIA (CURSANDO PÓS-GRADUAÇÃO)		EGRESSO
01	RECONHECE SER UM PROFESSOR, UM PROFISSIONAL ATUANTE E COMPETENTE	-----
a)	Atua em sua área de formação	02CPG/2001
		03CPG/2001

02	CONSTRÓI O <i>ETHOS</i> DE UM ESTUDANTE EM FORMAÇÃO	01CPG/2001
----	---	------------

Quadro 06. *Ethos* 2001(cursando pós-graduação).

O quadro mostra que nos discursos desses três (03) egressos constatamos duas categorias de *ethos*: uma de egressos que se reconhecem como professores competentes atuantes na área de formação (02 egressos) e outra constituída no discurso de um (01) único egresso, que se apresenta como um estudante em formação.

Ainda no capítulo quatro (04), discutimos, por amostragem, o *ethos* constituído nos discursos dos egressos de 2005, que em 2007, encontravam-se cursando uma pós-graduação. O quadro seguinte apresenta as imagens encontradas no universo desses discursos:

2005 - <i>ETHOS</i> /CATEGORIA CURSANDO PÓS-GRADUAÇÃO)		EGRESSO
01	RECONHECE SER UM PROFESSOR, UM PROFISSIONAL ATUANTE E COMPETENTE	-----
a)	Atua na sua área de formação, assume-se professor de Língua(s)	06CPG/2005
b)	Não faz a relação habilitação/área de atuação.	01 CPG/2005
		02 CPG/2005
		04 CPG/2005
		05 CPG/2005
		07 CPG/2005
		10 CPG/2005
		11 CPG/2005
		13 CPG/2005
		14 CPG/2005
		18 CPG/2005
		19 CPG/2005
		21 CPG/2005
22 CPG/2005		
24 CPG/2005		

		25 CPG/2005
		26 CPG/2005
		27 CPG/2005
c)	Em outras áreas do conhecimento (disciplinas)	08 CPG/2005
		09 CPG/2005
		15 CPG/2005
		20 CPG/2005
02	CONSIDERA-SE PROFESSOR, MAS JULGA QUE A SOCIEDADE NÃO RECONHCE O VALOR DE SUA FORMAÇÃO	17 CPG/2005
03	RECONHECE SER UM PROFISSIONAL DE OUTRA ÁREA	03 CPG/2005
		16 CPG/2005
04	PESQUISADOR	23 CPG/2005
	OUTROS <i>ETHOS</i>	12 CPG/2005

Quadro 07. *Ethos* 2005 (cursando pós-graduação).

O quadro mostra que dos vinte e sete (27) egressos de 2005, que estavam cursando especialização, a maioria se reconhece profissional atuante. Dos vinte e um (21) que assim se constituem, um (01) deles se apresenta como professor de língua, dezesseis (16) como professores atuantes em sua área de formação, sem fazer menção à língua, e quatro (04) se colocam como professores que atuam em outras disciplinas. Há ainda um (01) *ethos* de professor que julga não ser reconhecido pela sociedade, três (03) *ethos* que se constituem como profissionais de outras áreas, o *ethos* de um (01) pesquisador e um (01) caso indefinido.

Por fim, discutimos por amostragem, as imagens construídas pelos egressos de 2001 que na época da coleta de dados já haviam concluído uma pós-graduação. O quadro mostra o *ethos* dos oito (08) egressos 2001 que, em 2007, haviam concluído uma pós-graduação.

2001 - <i>ETHOS</i> /CATEGORIA (PÓS-GRADUADOS)		EGRESSO
01	RECONHECE SER UM PROFESSOR, UM PROFISSIONAL ATUANTE E COMPETENTE	-----
a)	Na sua área de formação	01PG/2001
		02PG/2001
		05PG/2001
		07PG12001

		08PG/2001
		09PG/2001
02	OUTROS <i>ETHOS</i>	04PG/2001
		06PG/2001

Quadro 08. *Ethos* 2001(pós-graduados).

O quadro mostra que dos nove (09) egressos pós-graduados de 2001, o discurso de sete (07) deles é constituinte de *ethos* que se apresentam como professores, profissionais competentes, seis (06) deles se colocam com o *ethos* de um profissional que atua na sua área de formação e um (01) deles se constitui por um discurso que o torna professor atuante em outra área do conhecimento, isto é, em outras disciplinas, distantes de sua formação. O quadro mostra também que o discurso de dois (02) desses egressos contemplou a categoria Outros *ethos*, que se explica pela indefinição de uma imagem profissional específica no discurso.

Em relação ao ano de 2005, durante a fase de realização da pesquisa (aplicação e coleta de dados) não havia egressos com título de pós-graduação.

A segunda etapa do nosso trabalho consiste em desenvolver o terceiro e o quarto objetivos propostos (presentes na introdução), para isso:

- Verificamos, mediante os possíveis interlocutores, os sentidos que os egressos, pelo processo argumentativo, constroem do Curso em que se formaram (são considerados o ano e o nível de formação e a imagem, *ethos*, os egressos constroem de si mesmos). Neste sentido, observamos as aproximações e/ou distanciamentos entre os *ethos* constituídos nos discursos dos anos de 2001 e de 2005, considerando o nível de formação dos egressos; bem como as aproximações e/ou distanciamentos entre os sentidos para o Curso por esses mesmos egressos (objetivos específicos 03 e 04).

Nesta etapa, analisamos os discursos dos egressos considerando o papel do auditório na constituição de sentidos acerca da formação recebida no Curso de Letras (questão 3.4) e os sentidos construídos sobre o mesmo, isto é, a avaliação que é feita dele/sobre ele (questão 3.5). É nesta etapa que investigamos a influência do(s) auditório(s) nos discursos desses egressos. Assim, relativa à questão 3.4, consideramos a pergunta “Havia em sua época atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos em nível de

pós-graduação?” como tese, acerca da qual estes egressos se posicionam contra ou a favor (firmam ou não um acordo) e, conseqüentemente, defendem ou não essa tese. O que chamamos de acordo inicial será aplicado à parte objetiva da questão, e a defesa ou não da tese consiste no discurso do egresso em relação à parte subjetiva da questão.

Os resultados gerais, que se aplicam aos particulares, são os seguintes:

- a) A influência do auditório no discurso sobre a formação oferecida pelo Curso de Letras aos egressos de 2001 - graduados.

AUDITÓRIOS		PROCESSO ARGUMENTATIVO			
AUDITÓRIO PARTICULAR	AUDITÓRIO UNIVERSAL	FIRMAM UM ACORDO EM RELACAO À TESE	DEFENDEM ESSA TESE COM ARGUMENTOS	NÃO FIRMAM ACORDO	NÃO DEFENDEM A TESE
13	02	06	03	07	10
100%	15,4%	46%	23%	53,8%	77%

Quadro 09. A influência do auditório no discurso sobre a formação - graduados/2001.

O quadro mostra que do universo dos treze (13) egressos que durante a coleta de dados, em 2007, eram só graduados, apenas dois (02) deles (15%) se dirigem a um auditório universal ao responderem sobre a formação oferecida. Mediante aos interlocutores, seis (06) desses egressos (46%), pelo discurso, firmam um acordo em relação à tese enunciada, mas apenas três (03) deles (23%) defendem essa tese. Sete (07) desses egressos (53,8%) não firmam o acordo inicial em relação à tese, sendo que no total, essa tese não é aceita por dez (10) egressos (77%).

- a) A influência do auditório no discurso sobre a formação oferecida pelo Curso de Letras aos egressos de 2005 – graduados.

AUDITÓRIOS		PROCESSO ARGUMENTATIVO			
AUDITÓRIO PARTICULAR	AUDITÓRIO UNIVERSAL	FIRMAM UM ACORDO EM RELACAO À TESE	DEFENDEM ESSA TESE COM ARGUMENTOS	NÃO FIRMAM ACORDO	NÃO DEFENDEM A TESE
08	05	08	08	----	----
100 %	62,5%	100%	100%	-----	-----

Quadro 10. A influência do auditório no discurso sobre a formação - graduados/2005.

O quadro mostra que do universo dos oito (08) egressos que durante a coleta de dados, em 2007, tinham apenas graduação, cem por cento (100%) se dirigem a um auditório particular e cinco (05) deles (62,5%) vislumbram um auditório universal. Mediante a esses auditórios, os oito (08) egressos (100%), pelo discurso, firmam um acordo em relação à tese enunciada e todos eles (100%) defendem essa tese.

- b) A influência do auditório no discurso sobre a formação oferecida pelo Curso de Letras aos egressos de 2001 cursando pós-graduação.

AUDITÓRIOS		PROCESSO ARGUMENTATIVO			
AUDITÓRIO PARTICULAR	AUDITÓRIO UNIVERSAL	FIRMAM UM ACORDO EM RELACAO À TESE	DEFENDEM ESSA TESE COM ARGUMENTOS	NÃO FIRMAM ACORDO	NÃO DEFENDEM A TESE
03	01	03	02	----	01
100%	33,3%	66,6%	66,6%	0,0%	33,3%

Quadro 11. A influência do auditório no discurso sobre a formação – egressos cursando pós-graduação /2001.

O quadro mostra que dos egressos de 2001, que em 2007 estavam cursando especialização, três (03) deles (100%) falam a um auditório particular e somente um (33,3%) dirige seu discurso a um auditório universal. Todos eles firmam um acordo inicial com a tese, mas apenas dois (02) destes egressos (66,6 %) defende essa tese.

- c) A influência do auditório no discurso sobre a formação oferecida pelo Curso de Letras aos egressos de 2005- cursando pós-graduação

AUDITÓRIOS		PROCESSO ARGUMENTATIVO			
AUDITÓRIO PARTICULAR	AUDITÓRIO UNIVERSAL	FIRMAM UM	DEFENDEM ESSA TESE	NÃO FIRMAM	NÃO DEFENDEM

		ACORDO EM RELACAO À TESE	COM ARGUMENTOS	ACORDO	A TESE
27	10	27	21	----	06
100%	37%	100%	77,8%	0,0%	22,2

Quadro 12. A influência do auditório no discurso sobre a formação – egressos cursando pós-graduação /2005.

Conforme o quadro, dos 27 egressos de 2005, que em 2007, afirmaram encontravam-se cursando uma pós-graduação, todos (100%) respondem a questão ao auditório particular, dez (10) deles (37%) vislumbram um auditório universal. Vinte e sete (27), o universo dos egressos dessa categoria, (100%) firmam um acordo em relação à tese apresentada, mas apenas vinte e um (21) deles (77,8%) defendem essa tese, sobre a qual concordaram inicialmente. Seis (06) egressos (22,2%), por seus discursos, não defendem a tese.

AUDITÓRIOS		PROCESSO ARGUMENTATIVO			
AUDITÓRIO PARTICULAR	AUDITÓRIO UNIVERSAL	FIRMAM UM ACORDO EM RELACAO À TESE	DEFENDEM ESSA TESE COM ARGUMENTOS	NÃO FIRMAM ACORDO	NÃO DEFENDEM A TESE
09	02	06	05	03	04
100%	22,2%	66,6%	55,5%	33,3%	44,4%

Quadro 13. A influência do auditório no discurso sobre a formação – egressos pós-graduados /2001.

O quadro mostra que dos nove (09) egressos de 2001, com pós-graduação, todos falam ao auditório particular (100%), dois (02) deles (22%) contemplam visivelmente um auditório universal, seis (06) deles (66,6%) firmam o acordo em relação à tese, mas apenas cinco (05) desse total (55,5%) defendem essa tese; três (03) egressos (33,3%) não firmam o acordo e no total quatro (04) egressos (44,4%) não defendem a tese proposta.

Ainda nesta etapa do trabalho, investigamos os sentidos construídos sobre o Curso de Letras, considerando a influência do(s) auditório(s) nos posicionamentos desses egressos. Para tanto, buscamos explicação nos lugares da argumentação, observando, também, os valores a que esses egressos recorrem para falarem sobre o Curso pelo qual foram diplomados.

Os resultados gerais, que se aplicam aos particulares, são os seguintes:

- a) A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso pelos egressos de 2001 – graduados.

TOTAL EGRESSOS	AUD. PARTICULAR	AUD. UNIVERSAL	AVALIAÇÃO DO CURSO					
			R U I M	R E G U L A R	B O M	M U I T O B O M	Ó T I M O	NÃO AVALIARAM
13	13	02	01	03	05	04	---	-----
	100%	15,3%	7,7%	23%	38,4%	30,7%	---	-----

Quadro 14. A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso egressos 2001/ graduados.

O quadro mostra que dos treze (13) egressos de 2001 (apenas graduados) todos (100%) falam ao auditório particular e dois (02) deles (15,3%) constituem um auditório universal. Mediante esses auditórios, um (01) destes egressos (7,7%) julga o curso ruim, três (03) deles (23%) o consideram regular, cinco (05) deles (38,4%) consideram um bom Curso e quatro (04) egressos (30,7) atribuem ao Curso a condição de ótimo.

- b) A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso pelos egressos de 2005 – graduados.

TOTAL EGRESSOS	AUD. PARTICULAR	AUD. UNIVERSAL	AVALIAÇÃO DO CURSO					
			R U I M	R E G U L A R	B O M	M U I T O B O M	Ó T I M O	NÃO AVALIARAM
08	08	08	--	--	01	07	---	-----
	100%	100%	--	--	12,5%	87,5	---	-----

Quadro 15. A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso - egressos de 2005/ graduados.

O quadro mostra que dos oito (08) egressos de 2005, com graduação, todos (100%) falam ao auditório particular e ao auditório universal (100%). Mediante estes auditórios, um

(01) destes egressos (12,5%) julga o Curso bom e sete (07) deles (87,%) afirmam que o Curso é muito bom.

- c) A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso pelos egressos de 2001– cursando pós-graduação

TOTAL EGRESSOS	AUD. PARTICULAR	AUD. UNIVERSAL	AVALIAÇÃO DO CURSO					
			R U I M	R E G U L A R	B O M	M U I T O B O M	Ó T I M O	NÃO AVALIARA M
03	03	03	---	---	01	01	01	----
	100%	100%	---	---	33,3%	33,3%	33,3%	-----

Quadro 16. A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso - egressos 2001/ cursando pós-graduação.

O quadro mostra que do universo de egressos de 2001, cursando pós-graduação, durante a pesquisa em 2007, todos (100%) avaliam o Curso mediante a presença do auditório particular e ao, mesmo tempo, vislumbram um auditório universal. Um (01) dos egressos (33%) considera o Curso bom, outro (33,3%) avalia o Curso como muito bom e um (01) destes egressos (33,3%) considera que o Curso foi ótimo.

- d) A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso pelos egressos de 2005– cursando pós-graduação

TOTAL EGRESSOS	AUD. PARTICULAR	AUD. UNIVERSAL	AVALIAÇÃO DO CURSO				
----------------	-----------------	----------------	--------------------	--	--	--	--

			R U I M	R E G U L A R	B O M	M U I T O B O M	Ó T I M O	NÃO AVALIARAM
27	27	12	---	04	12	08	03	-----
	100%	44,5		14,8	44,5	29,6	11,1	

Quadro 17. A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso - egressos 2005 / cursando pós-graduação.

O quadro mostra que dos vinte e sete (27) egressos de 2005, que durante a pesquisa estavam cursando pós-graduação, todos constituem um auditório particular (100%) e doze (12) desses egressos (44,5%) vislumbram, perceptivelmente, um auditório universal. Quatro (04) deles (14,8) consideram o Curso que fizeram regular, doze (12) deles (44,5) afirmam que o Curso foi bom, oito (08) julgam que foi muito bom (29,6%) e três (03) afirmam que foi ótimo (11,1%).

- e) A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso pelos egressos de 2001– pós-graduados

TOTAL DE EGRESSOS	AUD. PARTICULAR	AUD. UNIVERSAL	AVALIAÇÃO DO CURSO					
			R U I M	R E G U L A R	B O M	M U I T O B O M	Ó T I M O	NÃO AVALIARA M
09	09	03	01	--	06	01	01	-----
	100%	33,3%	11,1%	--	66,4%	11,1%	11,1%	

Quadro 18. A influência do auditório no discurso sobre o próprio Curso - egressos 2001 / pós-graduados.

Por fim, o quadro mostra que dos egressos de 2001, que no ano de 2007, durante a pesquisa, já haviam concluído uma pós-graduação, todos respondem ao auditório

particular e três (03) deles (33,3%) constituem um auditório universal. Na avaliação do Curso apenas um (01) deles (11,1%) o considera ruim, seis (06) afirmam que o Curso foi bom (66,4%), um (01) o avalia como muito bom (11,1%) e um (01) considera que foi ótimo (11,1).

A partir dessas constatações sobre o *ethos* e sobre os sentidos sobre o Curso de Letras do CAMEAM, tecemos algumas reflexões sobre a formação desses professores, constituindo, portanto, a última etapa desse trabalho presente no capítulo cinco. Ao todo, mostraremos nos capítulos de análises, o trabalho com vinte (20) questionários, dez (10) de cada ano.

CAPÍTULO III

OS PROFESSORES E SUA FORMAÇÃO: O DISCURSO REVELADO PELAS LETRAS

CAPÍTULO III - OS PROFESSORES E SUA FORMAÇÃO: O DISCURSO REVELADO PELAS LETRAS

3.1 O discurso dos egressos de 2001: imagens e sentidos de quem/por quem ainda não voltou à universidade

*Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho.
(Caetano Veloso)*

A imagem no discurso - é assim que o termo *ethos* é definido. O discurso é o espelho que reflete e, também, refrata o “rostos”. Por isso, buscamos nos discursos dos egressos de Letras do CAMEAM/UERN a “imagem de si”. É a imagem, no discurso, que nos faz pensar, “medir as palavras”, é ela que torna cada um de nós seres um tanto narcisistas diante de nosso(s) possíveis interlocutor(es), nosso(s) possíveis auditório(s).

Percorridos os caminhos entre textos, nossa primeira etapa da pesquisa consiste em analisar os discursos dos egressos que, durante a coleta de dados, possuíam apenas graduação, sem que estivessem cursando alguma pós-graduação. Dessa forma, interrogamos, inicialmente, sobre o *ethos* dos egressos com base na sua atuação no mercado de trabalho, relacionando-a à formação ofertada pelo curso superior que fizeram.

As nossas interpretações partem do princípio da linguagem como interação social, e o *ethos*, conforme podemos ver no Tratado da Nova Retórica (PERELMAN E TYTECA, 1996), se dá pela adequação de quem fala, o orador, ao(s) seu(s) auditório(s), considerando as teses apresentadas, que no caso do nosso trabalho, são teses acerca do construto teórico/prático do Curso de Letras do *Campus* Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia “- CAMEAM, e de sua relação com a vida dos egressos.

Assim, pelas questões 3.2 e 3.3, chegaremos ao *ethos* desses egressos, por meio da análise do processo argumentativo, ou seja, pela observação dos argumentos utilizados, do acordo inicial, firmado ou não, dos valores e dos lugares da argumentação empregados no discurso, processo este que, em síntese, busca a adequação do orador ao(s) seu(s) auditório(s).

Nossa pesquisa, com o *corpus* de 2001 (graduados), revelou diversas categorias de *ethos*, isto é, diferentes imagens construídas no discurso dos egressos, a saber: 1- Reconhece ser um professor, um profissional atuante e competente, que se divide em a) Atua na sua área de formação, assume-se professor de línguas; b) Reconhece ser este profissional, mas não faz a relação habilitação/área de atuação; 2- Trabalha na educação, mas não constrói um *ethos* de um professor/educador, 3 – Reconhece ser um profissional de outra área e 4 - Outros *ethos*, que são aqueles que não atuam na educação, e mostram-se indefinidos em relação à sua atuação profissional. Uma pluralidade de imagens, portanto. São mostrados aqui os discursos dos egressos 04, 07, 10, 09 e 05, nesta ordem, que corresponde às categorias de *ethos* mencionadas.

3.1.1 As imagens no discurso

Vejamos, então, pelo discurso, como esses egressos constroem argumentativamente a imagem de si. Para tanto, consideremos a questão abaixo e o posicionamento dos egressos do ano de 2001, que no período de fevereiro a agosto de 2007, não haviam cursado nem estavam cursando uma pós-graduação:

A sua formação em nível superior (título), no Curso de Letras, está contribuindo para a sua atuação no mercado de trabalho? () Sim () Não justifique.

Em resposta, os discursos constitutivos do *ethos* de alguns dos egressos de 2001:

Exemplo 01:

Egresso 04G/2001 - (Sim) - É muito importante, para mim, ter a segurança de ministrar um idioma que poucas pessoas têm conhecimento didático, pois a maioria desses professores não possui esta especialização.

O olhar do senso comum sobre este discurso acaba por não perceber um dos principais pilares da argumentação, o *ethos* do orador. O egresso em questão, ao tomar a palavra, estabelece de imediato um diálogo com os pesquisadores, bem como com os

professores e os alunos do Curso de Letras, seu auditório particular, na medida em que firma com eles um acordo inicial que consiste em dizer “sim” à interrogação, à tese, que lhe é dirigida. No entanto, a preocupação principal é de defender sua própria imagem, colocando-se em posição de destaque diante deste auditório.

Neste sentido, o egresso se constrói discursivamente, utilizando-se da imagem que julga ser aceita por seu auditório. Para tanto, desenvolve uma argumentação que lhe permite se colocar como um profissional competente. Assim, assume, em tom vaidoso, o *ethos* de professor de uma língua em específico, cujo discurso assegurado por uma argumentação que liga o valor das ações à sua pessoa (ligação ato/pessoa: argumento com base no real) e cujo efeito é comparável ao argumento de autoridade (argumentação com base no real), pois o orador confere à sua pessoa um lugar de prestígio, colocando-se como uma autoridade no assunto, naquilo que faz.

Como forma de validar sua própria imagem, o orador busca apoio na argumentação quase-lógica, especificamente no argumento por comparação, ressaltando o valor individual em detrimento do valor de grupo; ele é o diferencial diante de sua classe, “a maioria desses professores”, nas suas palavras. Nisto, há uma recorrência ao lugar da qualidade, pois o orador julga conhecer aquilo que a sociedade considera importante, aquilo que é bom ou raro. Assim, a língua, “a especialização”, o idioma que ele diz dominar no contexto educacional, funciona como um bem, algo raro a que poucos têm acesso, um conhecimento que faz dele, segundo suas palavras, um profissional diferente de tantos outros.

Temos, desse modo, um egresso cujo *ethos* se coloca, também, no lugar da essência, considerando ser a imagem que a sociedade espera de um professor de uma língua em específico. Ele se define, ao longo do discurso, como um professor sério e competente, que se reconhece como profissional diante de sua classe e da sociedade. Dialoga especialmente com professores de línguas, com os pesquisadores e com o próprio Curso de Letras de seu tempo. Como diz Reboul (1998, p. 48), o *ethos* é um termo definido como o caráter moral que o orador deve parecer ter. No caso desse orador (egresso 04/G 2001), o caráter pretendido se manifesta pela segurança e competência profissional que afirma ter.

Ethos semelhante a este que acabamos de ver, apresenta o egresso 07G/2001, embora não se coloque especificamente como um professor de línguas. Vejamos:

Exemplo 02:

<p><i>Egresso 07G/2001 - (Sim) - Pois sinto-me mais preparada e confiante, além de ser um diferencial no meu local de trabalho.</i></p>

Conforme podemos observar, o orador apresenta-se como um profissional preparado e confiante, permitindo, a seu auditório, entender o valor de suas ações, de sua atuação profissional. Pela descrição de suas qualidades, ele estabelece uma ligação ato/pessoa (argumento com base no real), o que se torna mais evidente quando esse orador estabelece uma comparação (argumento com base no real) com os seus colegas de trabalho. Assim, recorre ao lugar da essência, por se considerar um diferencial diante de outros profissionais. A essência, como dizem Perelman e Tyteca (1996, p. 106), “trata-se de uma comparação entre seres concretos”. Temos, portanto, um orador que se apresenta com o *ethos* de quem se reconhece profissional da área diante da sociedade de que faz parte, embora não faça a ligação atuação profissional/habilitação cursada, nem se coloque, especificamente, como um professor de uma dada língua. Dialoga com um auditório, constituído, no momento, pelos pesquisadores, com quem estabelece um acordo prévio em relação à tese de que o Curso de Letras contribuiu para sua atuação profissional, e ainda com seus colegas de trabalho.

Até aqui vemos que os *ethos* apresentados revelam a mesma face: consideram-se profissionais competentes, reconhecendo-se no discurso como professores atuantes na área de formação. Nosso *corpus* de 2001 (graduados) vai também nos permitir encontrar casos em que não é o fato de atuar na educação que faz o egresso se reconhecer um profissional que tenha sua imagem (*ethos*) ligada à sua formação, ele não se reconhece professor, conforme podemos ver:

Exemplo 03:

Egresso 10G/2001- (Não) - Porque trabalho na área de artes e não recebi essa formação no meu curso.

Neste discurso, ao afirmar que trabalha na área de Artes, o orador recorre ao lugar da ordem para defender a tese de que o Curso de Letras não contribuiu para sua atuação no mercado de trabalho. Dessa forma, o orador não estabelece um vínculo causal entre as duas realidades: Curso e atuação profissional, nem mesmo considera que o Curso de Letras pudesse ser um meio para uma finalidade que não fosse a esperada (lecionar em outra área), o que seria possível caso o orador considerasse a transposição de alguns conhecimentos adquiridos no Curso de Letras para a área de atuação; antes estabelece uma dissociação entre realidades, uma separação entre teoria e prática (argumentos por dissociação de noções).

Assim, se, por um lado, o diálogo com o auditório particular, constituído pelos pesquisadores e por todos que fizeram o curso de sua época, é curto, objetivo, o que vem a constituir uma crítica, dada a insuficiência do Curso em relação às expectativas; por outro lado esse diálogo se estende à sociedade, que não reconhece o valor da formação do egresso, levando-o a atuar em outra área, questionando o lugar da ordem que lhe seria próprio: professor de língua/literatura.

Ao não concordar com a tese inicial de que sua formação estivesse contribuindo para a sua atuação no mercado de trabalho, o orador considera a sinceridade como um dos valores pertinentes diante do(s) seu(s) auditório(s) para reafirmar seu caráter próprio, seu *ethos*. A segunda questão respondida por esse egresso (questão 3.3) vai nos permitir enxergar melhor seu *ethos* como sendo de alguém que atua na educação, mas que não se reconhece professor.

Na nossa pesquisa, analisamos ainda discursos que apontam a construção de outros sentidos para “profissional”, outra imagem, portanto. Conforme vemos em Abreu (1999, p.39), o orador se apresenta por seus gestos, pela escolha das palavras, pela maneira de se portar, que, como sabemos, é a construção da imagem (*ethos*) diante do auditório. Nos casos em que o egresso não atua na sua área de formação ou na educação, constatamos, na nossa pesquisa, que o *ethos* desses oradores se constitui por um discurso característico pela linguagem empregada e, principalmente, pela postura (posicionamentos) desses oradores diante dos interlocutores, do auditório. Assim, encontramos uma categoria de *ethos* que se reconhece profissional de outra área, mas não é pelo simples fato de atuar em outra área, é pela certeza/reconhecimento de que é um “profissional”, portanto um *ethos* que se constitui pela oposição ao profissional que se reconhece professor. Vejamos:

Exemplo 04:

Egresso 09G/2001 - (Não) - Trabalho com estatísticas e pesquisas de amostragens do IBGE.

Como vemos, o discurso é breve e a linguagem objetiva. Trata-se de um *ethos* que se constitui por dissociar sua atuação profissional de sua formação, negando de início, a tese de que o Curso de Letras contribuiria para a atuação profissional. A construção de sentidos, aqui, se dá pela oposição entre a ideia do que seria o objeto de trabalho de um profissional atuante na área de sua formação, a palavra; à ideia do objeto de trabalho do profissional que ora se constitui, o número, a quantidade.

Assim, o *ethos* desse orador se define (argumento quase-lógico) como sendo de um “não-profissional” da área educacional, e sim um profissional de uma área oposta, um *ethos* que se coloca no lugar da ordem, uma vez que tem seu lugar reconhecido dentro da sociedade. Ao citar o órgão para o qual trabalha, pressupõe a seriedade de suas palavras, haja vista a credibilidade que este órgão tem diante de todo o contexto nacional, diante de seu(s) auditório(s). Portanto, o *ethos* emprega a si uma credibilidade, de maneira tal que se não atua na sua área de formação, se constitui como um profissional bem definido perante seu(s) auditório(s).

Nossa pesquisa (2001) também aponta casos em que os oradores apresentam-se com o *ethos* de quem não atua como um profissional da educação, mas também não deixam claro que profissionais seriam. Como exemplo, temos essa constituição no discurso do egresso 05G/2001, que se utiliza de um discurso pedagógico, intentando uma aproximação à imagem esperada para um profissional da área e/ou uma forma de agradar aos pesquisadores, seu auditório mais imediato, e, ainda, aos seus possíveis interlocutores. Categorizamos este caso de outros *ethos*.

Exemplo 05:

Egresso 05G/2001- (Não) - Porque não tenho atuação exatamente na área da educação, mas entendendo por outro aspecto o curso de letras contribuiu muito para o desenvolvimento dos meus conhecimentos, pois aprendi muito e continuo aprendendo. Quem diz que sabe tudo, não sabe nada, e sábias são as palavras do filósofo quando diz: “só sei que nada sei”.

O orador em questão estabelece com seus interlocutores um acordo prévio centrado na tese de que o Curso de Letras do CAMEAM tem sua importância para as pessoas que não atuam na área, trata-se, neste caso, de uma importância pessoal e não profissional. Ao colocar este argumento como centro de seu discurso, o orador intenciona a defesa própria, a qual está pressuposta desde as primeiras palavras, pois, com efeito, ao dizer que o Curso não contribui para a sua atuação no mercado de trabalho, o orador parte do princípio de que a sinceridade é um valor partilhado pelo seu auditório.

Assim sendo, o orador constitui o *ethos*, mediante uma adaptação ao seu auditório, utilizando-se de uma argumentação que favoreça a imagem de si, do orador. Para ele, seu auditório imediato aprecia o conhecimento e a sabedoria (já que são pesquisadores), daí a importância de vender uma imagem do saber. Dessa forma, se vale de um raciocínio quase matemático para dizer que possui conhecimento, pois se “quem diz que sabe tudo não sabe nada”, logo quem diz que nada sabe, tudo sabe; ou ainda de uma dissociação de noções

centrada na concepção aparência/realidade, argumento que consiste em dizer que aquilo que é aparente nem sempre é verdadeiro. “O orador parece saber que não é de bom tom falar abertamente de si” (AMOSSY, 2005), por isso, vemos que, na construção dessa autodefesa, ele emprega as palavras do próprio Sócrates, argumento de autoridade (com base no real), tentando se equiparar ao filósofo, o que nos leva a entender que esse orador, ao longo de sua fala, foi se colocando no lugar da qualidade, em parte por não querer deixar transparecer uma imagem negativa de si, em parte, por querer mexer com as paixões do seu auditório.

É, portanto, na instância do discurso, o *ethos* de um egresso que não é de um profissional da área, e que também não define sua atuação, mas que, assume um discurso de tom pedagógico, buscando aproximar-se de seu auditório. Como diz Reboul (1998, p. 48), a constituição do *ethos* depende do próprio auditório, cujas expectativas variam segundo a idade, a competência, o nível social, etc.

3.1.2 Ainda sobre o *ethos*

Vejamos ainda a constituição da imagem, do *ethos*, na continuidade dos discursos, na questão de número 3.3.

As teorias e as experiências práticas adquiridas por ocasião do Curso de Letras/ CAMEAM contribuíram e/ou estão contribuindo para sua atuação no mercado de trabalho()Sim () Não – Comente.

Em resposta, o discurso do egresso 04G/2001, que se coloca como um profissional atuante e competente na área, um professor de uma dada língua.

Exemplo 06:

Egresso 04G/2001 - (Sim) - Gostaria apenas de ter mais contato com o estudo de gramática, achei que o que foi repassado durante o curso não foi suficiente.

Como vemos, mais uma vez o orador firma um acordo com seu auditório no sentido de concordar, inicialmente, com a tese apresentada. Embora, afirme que o Curso contribuiu para sua atuação no mercado de trabalho, em seu discurso, ele faz uma ressalva que julga importante: o aprendizado da gramática. Para este orador, a imagem social do professor de línguas não pode se desvincular do ensino da gramática, da normatização. Vemos, então, que, apesar do egresso atuar na área em que foi diplomado, conforme afirma, seu discurso nos faz

entender que sua prática, em parte, se distancia de sua formação, pois, considera sua formação insuficiente, ao passo que o *ethos* apresentado é de um profissional que diz dominar o idioma (questão 3.2).

Nisto, vemos que, conforme Bakhtin (2002), em parte, esse discurso aponta para uma concepção de língua que se preocupa com o sistema de formas linguísticas e, desse modo, para o *ethos* de um professor de gramática, que julga não ter sido satisfatória a sua formação profissional, embora se autorreconheça um profissional competente e considere-se um diferencial na sociedade (questão 3.2).

Ainda em relação aos *ethos* que se reconhecem profissionais diante de seu auditório, em virtude de sua formação/atuação, consideremos o discurso do egresso 07G/2001:

Exemplo 07:

Egresso 07G/2001- (Sim) - Constantemente nas atividades realizadas com os alunos e reuniões pedagógicas.

O discurso deste orador em relação à pertinência da formação para o exercício do magistério fortalece o *ethos* enunciado na questão 3.2. Mais uma vez, esse orador se diz importante dentro da sociedade, dentro do seu grupo de trabalho, de maneira que as experiências vivenciadas e teorias estudadas durante o Curso de Letras são reafirmadas para fortalecer sua imagem de bom profissional, diante dos pesquisadores, seu auditório imediato, e diante de seus possíveis interlocutores.

Como vimos, nos casos em que os *ethos* definem-se em primeira instância (questão 3.2) como professores que se autorreconhecem profissionais, que se colocam no discurso com certa autoridade, podem haver discrepâncias quando a imagem, *ethos*, é comparada ao que pensam sobre o Curso de Letras que fizeram, sobre a formação que receberam. Assim é que o *ethos* do egresso 04G/2001, deixa sobressair sua imagem própria, em detrimento do que pensa sobre o Curso, isto é, se de início (questão 3.2) o *ethos* se constrói numa relação de dependência *ethos*/Curso, em 3.3 a imagem do orador se desvincula dessa relação, mantendo seu destaque próprio.

Já no caso em que atuar na educação não faz o egresso se reconhecer, no discurso, como um professor cuja formação serviria à prática de sala de aula, observamos:

Exemplo 08:

Egresso 10G/2001- (Não) - Por ter me habilitado em Língua Inglesa e está trabalhando com artes.

Assim como na questão anterior (3.1), não há um acordo em relação à tese de que o Curso de Letras contribui para a atuação profissional. O orador, mais uma vez, dissocia as áreas do conhecimento e, principalmente, formação e prática de sala de aula, de maneira que não haveria nem mesmo uma relação de meio/finalidade, no sentido de que algum conhecimento adquirido no referido curso (meio) fosse aplicado ao ensino dessa outra disciplina (fim), especialmente porque se trata de uma atuação também no campo educacional. Com a quebra desse vínculo causal entre os dois fatos (formação/atuação), o *ethos* desse egresso se fortalece ainda mais como alguém que atua na educação, mas não reconhece a formação que teve, não se reconhecendo, portanto, professor.

Voltemos ao *ethos* do egresso 09G/2001, que se define como um profissional de outro campo, outra área.

Exemplo 09:

Egresso 09G/2001 - (Sim) - Na parte de Língua Inglesa, pois alguns programas de computador são americanos.

O orador firma um acordo inicial com os seu interlocutores imediatos, pesquisadores, e com os possível(is) interlocutor(es), ao considerar que, em parte, o Curso de Letras contribui para sua atuação profissional, estabelecendo, dessa forma, uma ligação meio/finalidade (argumento com base no real) entre realidades diferentes, já que parte do conhecimento adquirido no Curso (meio) é usado para uma finalidade específica, a de operar programas de computadores. Seus argumentos em nada prejudicam a imagem anteriormente apresentada, um *ethos* que se constitui como um profissional de outra área.

Os discursos que deixam indefinidos os *ethos* apresentam particularidades, justamente por essa indefinição. Assim sendo, constatamos na questão anterior, o caso em que o *ethos* se constitui por um discurso em que o orador afirma não atuar na área, mas na tentativa de se adequar ao auditório, usa um discurso pedagógico. Vejamos:

Exemplo 10:

Egresso 05G/2001 - (Não) - Não exatamente no meu caso, mas acredito que para quem está atuando na área da educação contribui muito, a prática educativa aliada a uma boa teoria com certeza tem bons resultados, pois teoria e prática é algo totalmente distinto, pois no meu caso posso até possuir uma boa teoria adquirida ao longo do curso, mas não tenho nenhuma prática.

Por meio de uma resposta coerente com a primeira, o *ethos* desse egresso, se constitui por um discurso que ressalta suas qualidades individuais. Vemos que, embora fique claro que

o Curso não contribui para a atuação profissional, o egresso não deixa de “aparecer” no discurso, de ressaltar o seu possível conhecimento. Como forma de validar essa imagem de si, *ethos*, ele busca se construir com base nos profissionais que atuam na área, uma espécie de comparação (argumento quase-lógico), levantando, portanto, a tese de que as teorias são úteis a quem atua na área; e como ele não atua está justificada sua imagem, eis, portanto, o argumento em defesa do *ethos* desse orador.

Após as discussões feitas, conforme nossos objetivos e pressupostos teóricos, vejamos, em síntese, as imagens (*ethos*) apresentadas pelos oradores (egressos graduados 2001) nas questões 3.2 e 3.3, bem como o processo argumentativo que foi constitutivo de cada um desses *ethos*.

1) *Ethos* – Reconhece ser professor, um profissional atuante e competente:

a) *Ethos* - Atua na sua área de formação, assume-se professor de Língua(s).

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
04	GRAD.	04G/2001	Seriedade Competência Lugar da essência.	Ato/pessoa (argumentos com base no real) Comparação (argumento quase-lógico).	Professor de línguas profissional que reconhece seu valor.

Quadro 19 – *Ethos* do egresso 04G/2001.

b) *Ethos* – Reconhece ser um professor, mas não faz a relação habilitação/área de atuação.

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
07	GRAD.	07G/2001	Confiança (considera-se um diferencial) Preparação Lugar da essência.	Ato/pessoa, (argumentos com base no real) Comparação (argumento quase-lógico).	Profissional que se autorreconhece na sua área (não faz a relação habilitação/atuação profissional).

Quadro 20 – *Ethos* do egresso 07G/2001.

2) *Ethos* - trabalha na educação, mas não constrói um *ethos* de um professor/educador

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>

10	GRAD.	10G/2001	Lugar da ordem.	Teoria/prática (Dissociação de noções) causa/consequência (argumento com base no real).	Não reconhece o valor de sua formação (mas atua na educação).
----	-------	----------	-----------------	---	---

Quadro 21 – *Ethos* do egresso 10G/2001.3) *Ethos* – Reconhece ser um profissional de outra área

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
09	GRAD.	09G/2001	Credibilidade Lugar da ordem.	Definição (defini-se como um profissional de outra área).	Profissional de outra área).

Quadro 22 – *Ethos* do egresso 09G/2001.4) Outros *ethos*

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
05	GRAD.	05/2001	Sabedoria Conhecimento Lugar da qualidade.	Argumento de autoridade (Argumento com base no real), Aparência/realidade (Dissociação de noções).	Aquele que não atua na área, mas adota um discurso pedagógico.

Quadro 23– *Ethos* do egresso 05G/2001.

3.1.3 A influência do auditório no discurso sobre a formação dos egressos da graduação de 2001

O *ethos*, nestes discursos, se constitui diante dos auditórios, em virtude das colocações concernentes à atuação no mercado de trabalho, relacionada à formação teórico-prática ofertada pelo Curso de Letras. Por considerarmos a linguagem constitutivamente dialógica, analisaremos, aqui, os sentidos atribuídos pelos egressos ao Curso de Letras do CAMEAM, observando a relação orador/auditório. Observemos a questão 3.4:

Em formação de curso de nível superior, é pertinente que haja teorias, atividades práticas, atividades extensionistas, pesquisas (com iniciação científica), monografia, entre outras, que busquem formar e estimular o egresso da graduação para dar continuidade em sua formação, em nível de pós-graduação (lato e stricto sensu). Na graduação em Letras que você cursou no

CAMEAM existiam atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos em nível de pós-graduação? ()Sim ()Não. Comente.

Abaixo, a constituição de sentidos no discurso do egresso 04G/2001, que se apresentou nas questões 3.2 e 3.3 com o *ethos* de um profissional que se julga competente, um professor de línguas.

Exemplo 11:

Egresso 04G/2001 - (Sim) - Mas, depois que eu terminei, este estímulo foi intensificado, gostaria que no meu tempo nós tivéssemos recebido esse incentivo com mais rigidez e eficácia.

Como sabemos, o acordo prévio é o ponto de partida da argumentação (PERELMAN e TYTECA, 1996). Assim sendo, é sempre importante que o orador se adéque ao seu auditório no sentido de ganhar-lhe a confiança, para que sua tese seja aceita. Observamos bem isso no discurso desse egresso, o acordo inicial é travado com o auditório por meio da concordância com a tese levantada: “Havia em sua época atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos?”

Ao afirmar que sim, o contacto intelectual (PERELMAN E TYTECA, 1996) é estabelecido e o orador sente-se à vontade para admitir, diante do seu auditório, que houve prejuízos intelectuais para aqueles alunos que fizeram o Curso de Letras do CAMEAM. Nisto, o diálogo é, de imediato, com todos esses alunos, de maneira que este orador coloca-se como porta-voz deles, e é uma resposta também aos pesquisadores, e aos profissionais que faziam e que fazem hoje o referido Curso, uma vez que o orador considera a existência de um avanço relativo à formação oferecida.

Vemos, ainda, que o discurso desse egresso continua compatível com seu *ethos*. No momento em que aponta as fragilidades do Curso, o orador zela pelo *ethos*, pois rigidez e eficácia são valores admitidos por qualquer auditório, especialmente por um auditório de nível acadêmico.

Exemplo 12:

Egresso 07G/2001- (Sim) - Essas atividades despertaram o desejo de conhecer mais o estudo sobre línguas.

Observamos que mais uma vez há uma concordância entre os interlocutores desse discurso, pois a tese levantada pelos pesquisadores é de imediato aceita pelo orador. Desse modo, seu discurso é basicamente com os pesquisadores, em primeira instância, e de maneira

indireta com os estudantes de línguas, uma vez que a justificativa consiste em descrever as atividades como pertinentes para a formação profissional, especificamente para o estudo de línguas. Com isso, até aqui há uma relação estável entre o orador e o auditório particular eleito, já que as respostas são sempre no sentido de concordar com as teses levantadas pelos pesquisadores, reafirmando o *ethos* anteriormente constituído.

No caso em que o *ethos* se constitui por não reconhecer a formação, mesmo atuando no ensino, temos:

Exemplo 13:

Egresso 10G/2001 - (Não) - A grade curricular oferecia suporte apenas teórico.

Assim como ocorreu nas questões anteriores, nas quais o *ethos* é constituído por um discurso que nega a relação causal entre o Curso e a atuação profissional do egresso, vemos, também aqui que o orador não muda de opinião diante do seu auditório particular, antes justifica a discordância com a tese de que, supostamente, o Curso oferecia atividades que estimulavam a continuidade dos estudos. Assim, a sinceridade, um valor apresentado diante do auditório, persiste; de maneira que a imagem, *ethos*, deste orador se desvincula totalmente da formação oferecida pelo Curso. O auditório é basicamente particular, constituído pelos pesquisadores, todavia, como o auditório é sempre uma construção do orador (AMOSSY, 2005, p.124), é perceptível que o diálogo se estende a todos que na época faziam o Curso de Letras do CAMEAM.

Voltemos aos casos dos *ethos* que se constituem profissionais de outras áreas:

Exemplo 14:

Egresso 09G/2001- (Sim) - Cursos e seminários ministrados no campus.

Este é o caso dos discursos que revelam *ethos* distantes de sua área de formação. Mesmo assim, o orador vê um pequeno vínculo causal entre a formação oferecida pelo Curso e a atuação profissional. O auditório, aqui, desempenha papel importante, pois é notório, pela objetividade da resposta e pela concordância com a tese inicial, que se trata de um discurso direcionado ao auditório particular, constituído pelos pesquisadores.

Em relação a outros *ethos* encontrados em 2001, temos:

Exemplo 15:

Egresso 05G/2001- (Não) - Ainda na perspectiva de dar continuidade, iniciei uma pós-graduação em linguística aplicada, mas não tive estímulos para continuar, pois não pretendia , e não pretendo atuar na área da educação, então achei muito incoerente continuar com o curso.

O discurso, aqui, baseia-se na sinceridade, valor que o orador acredita ser pertinente diante do seu auditório. Assim, não há um acordo inicial em relação à tese “Havia em sua época atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos?”. Ao contrário, o orador admite a existência de um curso de Pós-graduação, o qual ele frequentou por algum tempo, mas por questões pessoais, que vêm a constituir seu *ethos* como de um não-profissional da área (embora indefinido), o abandonou. O diálogo desse discurso é basicamente com os pesquisadores e com os próprios alunos e professores do Curso de Letras da época em que o egresso o frequentou.

Em síntese, podemos falar da importância do auditório na construção dos discursos dos egressos sobre o Curso de Letras. Assim, na questão que interroga sobre a formação desses egressos, o auditório influi nos posicionamentos, haja vista que havia uma tese levantada “Havia em sua época atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos?” Os oradores firmam ou não um acordo prévio a partir dessa tese, de modo a sustentá-la ou a discordar em seguida. Dos casos mostrados aqui, vimos que esses egressos, em sua maioria, não sustentam a tese, pois, ou concordam inicialmente e depois fragilizam o que dizem sobre o Curso (egresso 04/G2001) ou discordam completamente da tese apresentada (10G/2001), justificando que o Curso era apenas teórico. Apenas dois deles firmam o acordo e atribuí valores positivos ao Curso (07G/2001, 09G/2001) e um deles (05G/2001) não atribuí qualidades ao Curso, conforme podemos ver no quadro que sintetiza essas informações.

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Acordo Inicial	Qualidades e/ou valores atribuídos ao curso
04	GRAD.	04G/2001	Particular: Pesquisadores. Colegas egressos. Professores da época.	Sim	Admite que houve prejuízos intelectuais por parte de todos que na sua época faziam o Curso de Letras – faltava-lhe rigidez e eficácia.
07	GRAD.	07G/2001	Particular: pesquisadores	Sim	Estímulo (à pós-graduação).
10	GRAD.	10G/2001	Particular: pesquisadores, e professores da sua época.	Não	Apenas teórico.

09	GRAD.	09G/2001	Particular: pesquisadores.	Sim	-----
05	GRAD.	05G/2001	Particular: Pesquisadores.	Não	Não deixa clara a importância do Curso.

Quadro 24 - Os discursos sobre a formação - egressos 2001/graduados.

3.1.4 O Curso de Letras pelos egressos da graduação de 2001: a influência do auditório

Investigamos, também, na questão 3.5, sobre os sentidos construídos em torno da formação do Curso de Letras, considerando, mais uma vez, a importância e/ou a influência do auditório nos discursos

Como você avalia o Curso de graduação em Letras pelo qual foi diplomado no CAMEAM?

E os discursos de oradores que, inicialmente, se constituíram como profissionais que se reconhecem como professores, pois atuam na sua área de formação.

Exemplo 16:

Egresso 04/2001 - Muito bom.

A resposta é sucinta. No entanto, como estamos analisando o discurso como um todo, não podemos interpretar esse “muito bom” sem o relacionarmos aos discursos anteriores deste mesmo orador. Vimos, na segunda resposta (questão 3.3) que, embora ele firme um acordo inicial com o auditório, afirmando que o Curso contribuiu para sua formação, as ressalvas vêm em seguida. Depois vimos que ocorre uma espécie de reclamação (questão 3.3) em relação às atividades oferecidas pelo Curso durante a época de formação do egresso. Agora, o orador atribui ao Curso um valor decorrente do lugar da qualidade “muito bom” (embora não diga que é o melhor). Uma das razões para tomada desse posicionamento deve-se ao papel do auditório no discurso, pois como dizem Perelman e Tyteca (1996, p 23), o conhecimento daqueles que pretendemos conquistar é uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz.

Assim, por saber/considerar que os pesquisadores estão ligados à instituição pela qual foi diplomado, o orador assume uma postura de adaptação a este auditório, pois é a sua imagem que está sendo construída naquele momento. É diante dos seus interlocutores que o

orador se constrói discursivamente e, como vimos, o *ethos* desse egresso é de um profissional que se autorreconhece profissional, assim como foi diante dos seus interlocutores que ele apontou fragilidades do Curso quando não tinha que dá uma resposta tão direta, como a que é sugerida por/para essa questão.

Já no discurso do egresso 07G/2001, que também se reconhece profissional da área (*ethos*), vamos encontrar a influência do auditório na construção dos sentidos construídos para o Curso, porém, dessa vez, o fato do auditório ser ampliado para uma dimensão superior, universal, faz com que o egresso, cujo *ethos*, veio se constituindo como um bom profissional, agora apresente ressalvas relativas à qualidade do Curso, embora ainda o avalie como bom, conforme podemos ver:

Exemplo 17:

Egresso 07G/2001- Bom, mas é necessário que o campus possa oferecer aos alunos melhores condições de ensino (exemplo: biblioteca atualizada).

Vemos que há uma separação das primeiras impressões deixadas no discurso desse orador em relação ao Curso e isto deve-se ao auditório contemplado, pois o diálogo, no sentido bakhtiniano do termo, não é somente com os pesquisadores e com o Curso de Letras do CAMEAM, é também, com as instâncias político/administrativas do *campus*, num discurso que reclama os direitos dos alunos de todos os cursos do *campus*.

O auditório, portanto, constituído universal, em contraste com o auditório eleito nas outras questões (quase sempre os pesquisadores), leva à construção de novos sentidos para o Curso, que é visto como uma parte de um todo, o *campus*. A recorrência ao lugar da qualidade “bom”, podemos dizer, consiste num acordo inicial para a defesa de uma causa maior, melhores condições de ensino para todos. Com isto, não estamos dizendo que o orador considera o Curso ruim, mas que admite a necessidade de melhorias. Conforme nos dizem Perelman e Tyteca (1996), é dos lugares da argumentação que surgem os argumentos. Neste caso, argumentos para questionar e reivindicar melhorias, uma influência do auditório universal pressuposto neste discurso.

O posicionamento do egresso 09G/2001 não chega a taxar o Curso de ruim, mas também não o coloca no mais alto lugar da qualidade. Todavia, não podemos esquecer que esse é o discurso de um egresso, cujo *ethos* se define como um profissional de outra área, tão bem definida que até a linguagem utilizada para se referir ao Curso de Letras, sobre o qual é interrogado, denuncia a área de atuação desse egresso, pois, em vez de usar termos como

“bom/ruim, ótimo/péssimo, dentre outros, é usada a linguagem matemática, atribuição de nota. O auditório contemplado é basicamente o auditório particular, constituído pelos pesquisadores em primeira instância e o Curso de Letras de Inglês da época (alunos e professores). Vejamos:

Exemplo 18:

Egresso 09G/2001- Nota 7. Faltou um pouco de atividades para melhorar o listening

Assim sendo, o Curso ganha, no discurso desse egresso, uma avaliação baseada no valor do número. Podemos até mesmo dizer que há uma relação de equivalência aí entre a nota atribuída ao Curso e a nota que o próprio Curso estabelece como mínima para o aluno ser considerado aprovado.

Em relação aos discursos de egressos cujos *ethos* são constituídos como profissionais de outras áreas, significando que não é pelo simples fato de atuar em outra área, mas é pela certeza/reconhecimento de ser um “profissional, temos:

Exemplo 19:

Egresso 10G/2001- Bom.

Neste caso, constatamos que a objetividade provoca duas ações: não deixa os pesquisadores sem resposta e evita explicações, esta última se justifica pelo fato de que, durante todo o discurso (questões 3.2, 3.3, 3.4), houve uma dissociação entre o *ethos*, por sua atuação profissional, e a contribuição do Curso para esta atuação. Assim, a recorrência ao lugar da qualidade “bom” é decorrente da própria relação entre o orador e o seu auditório, os pesquisadores, únicos interlocutores aqui eleitos.

A influência do auditório também é perceptível no posicionamento do egresso 05/2001, que faz parte do grupo que constitui o *ethos* como não sendo de um profissional da área da educação, sem especificar que profissional seria: os outros *ethos*.

Exemplo 20:

Egresso 05/2001- Excelente curso, especialmente para quem pretende atuar na área, muitas teorias que ajudam bastante, aliada a uma boa prática, além de um universo fascinante de dialetos que a língua portuguesa nos proporciona e docentes extremamente capacitados no exercício da função.

Neste discurso são colocadas as mesmas ressalvas feitas nos primeiros posicionamentos deste orador, isto é, a relação causal que, para ele só existe entre o Curso e quem atua na área. Com efeito, o auditório exerce influência nestes posicionamentos, pois o diálogo se dá sempre pela autodefesa. O orador deixa claro que dialoga especialmente com o universo de pessoas que compõem a Habilitação de Língua Portuguesa, sejam elas alunos ou professores. Em virtude disso, seu diálogo também é com as teorias que compõem a sociolinguística “universo fascinante de dialetos”, certamente a área de estudos que mais lhe chamou atenção, uma condição do seu tempo.

Em síntese, podemos falar da importância do auditório na construção dos discursos dos egressos sobre o Curso de Letras do CAMEAM. Dessa forma, na questão que pede para os egressos o avaliarem (questão 3.5), constatamos que, na maioria das vezes, os egressos o avaliam positivamente, ao contrário do que ocorre quando são questionados em relação à formação oferecida por este mesmo Curso (questão 3.4). A natureza da questão influencia, não só pelo conteúdo em si, mas pela relação que ela desempenha com o auditório particular. Não é uma questão que permita ao orador “fugir” desse auditório particular, ela é direta, objetiva, podendo ser respondida com uma única palavra: bom, ruim, ótimo, péssimo, etc.

Dos casos aqui mostrados, alguns oradores optam por definir o Curso de Letras do CAMEAM numa única palavra (egressos 04/G2001 e 10G/2001) e outros avaliam fazendo restrições (egressos 05G/2001, 07G/2001 e 09G/2001). O auditório universal também é contemplado no discurso de alguns egressos (egressos 05G/2001, 07G/2001), elegendo certos sentidos.

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Processo argumentativo	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso
04	GRAD.	04G/2001	Particular: Pesquisadores.	Apenas qualifica como muito bom.	“Muito bom” Lugar da qualidade.
07	GRAD.	07G/2001	Particular: pesquisadores Universal: o CAMEAM de forma geral (administrativa, pedagógica).	Diz que o curso é bom, mas necessita de melhores condições de ensino.	“Bom” (faz restrições nos argumentos).
10	GRAD.	10G/2001	Particular: Pesquisadores.	Restringe-se a dizer que o Curso era bom.	“Bom”.
09	GRAD.	09G/2001	Particular: Pesquisadores e professores da época.	Atribui nota ao Curso: 7.0, diz que faltou atividades	“Nota 7”.

				de listening.	
05	GRAD.	05G/2001	Particular: pesquisadores, alunos e professores da época. Universal: professores que atuam na área.	Liga a qualidade do Curso a quem Atua na área.	“Excelente” (Para quem atua na área).

Quadro 25. Os discursos sobre o Curso - egressos 2001/graduados

3.1.5 Os egressos de 2001 e sua formação: do *ethos* aos sentidos sobre o Curso

Após analisarmos as imagens construídas nos discursos bem como os sentidos sobre o Curso de Letras do CAMEAM, apresentamos, aqui, algumas das constatações provenientes da comparação entre o *ethos* e a opinião dos egressos acerca do referido Curso. Essa comparação é possível e pertinente na medida em que, através dela, constatamos que há contradições entre o que muitos desses egressos afirmam ser como profissionais e o que pensam sobre o Curso.

Dos casos mostrados, egressos que na época da pesquisa (2007) não haviam cursado e não estavam cursando nenhuma pós-graduação, constatamos que no discurso do egresso 04/2001, aquele que se apresenta como um profissional, que se julga competente, sério, um diferencial entre seus colegas de trabalho, enfim a essência de um professor de língua estrangeira. O Curso de Letras não recebe sentidos tão positivos como os que o egresso atribui a si, quando desenha a imagem do profissional que diz ser

Vemos que nas primeiras questões (3.2, 3.3) o orador já admite “Gostaria de ter tido mais contato com a gramática, achei que o que foi repassado durante o Curso não foi suficiente”. Depois (questão 3.4), admite a falta de qualidades (rigidez e eficácia) e a falta de incentivo à pós-graduação. Somente na questão seguinte (3.5) admite que o Curso foi “muito bom”. Com isso, percebemos que está em jogo a imagem do orador diante do auditório. Ao falar de si, qualifica sua atuação profissional, busca se adequar ao seu auditório, defendendo sua imagem. Ao falar do Curso, em momentos diferentes, faz discursos também diferentes, em primeira instância, o orador contrapõe sua imagem, *ethos*, aos sentidos para o Curso, em segunda instância responde, em especial, aos pesquisadores, novamente buscando essa adequação ao auditório.

Nesta mesma categoria de *ethos*, encontramos o egresso 07G/2001. A comparação entre o *ethos* e os sentidos para o Curso mostram que o orador se mostra insatisfeito com as condições de ensino. A si atribui valores como confiança, preparo profissional e se diz um

diferencial no seu trabalho. Desse modo, se comparada a imagem que esse orador faz de si como profissional à opinião que tem sobre o Curso, há um peso desproporcional nessa relação.

O orador constituído pelo egresso 10G/2001 se apresenta com o *ethos* de alguém que atua na educação, mas não reconhece o valor de sua formação para a prática pedagógica, seu posicionamento é de que sua formação, em momento algum, pode ser relacionada à disciplina que atua (Artes). Dessa forma, nem mesmo o fator pedagógico “recebido” no Curso seria útil. No entanto, no momento que este orador é convocado a avaliar o Curso, o define como “bom”, uma resposta sucinta ao seu auditório mais imediato, aos pesquisadores.

O *ethos* de um profissional de outra área (egresso 09 G2001) deixa claro seu lugar na sociedade, o lugar da ordem, ele se assume profissional de um órgão público, que no discurso, denota certa autoridade. O orador se coloca com uma linguagem objetiva, demonstrando segurança e credibilidade no que diz. Afirma que o Curso foi apenas teórico, que pouco contribuiu para sua atuação no mercado de trabalho. Na questão 3.5, que pede uma avaliação, o orador atribui uma nota (nota 70), mais uma vez, se reportando ao valor do número dentro da argumentação, o que confere uma situação regular ao Curso.

Por fim, constatamos que o *ethos* do egresso 05/2001 não atribui ao Curso de Letras do CAMEAM um valor reconhecido dentro de sua profissão, o orador diz ter conhecimentos decorrentes dele “aprendi muito”, o que nos permitiria ressaltar a importância desta formação se não fosse a afirmação explícita de que o Curso não contribuiu para a atuação no mercado de trabalho.

ANO			2001			
Nº Ord.	Nív. \Form.	Cód. Egresso	Qualidade e/ou valores atribuídos a si	<i>Ethos</i>	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso	
04	GRAD.	04G/2001	Seriiedade Competência Lugar da essência.	Professor de Língua Inglesa, autorreconhe cimento profissional	Pouco contato com a gramática,	For.
					Falta de atividades práticas.	For.
					“Muito bom”	Av.
07	GRAD.	07G/2001	Confiança Preparo profissional (considera-se um diferencial). Lugar da essência.	Profissional que se autorreconhe na sua área.	Estímulo a pós- graduação.	For.
					“Bom” Com restrições	Av.

10	GRAD.	10G/2001	Lugar da ordem.	Não reconhece o valor de sua formação (mas atua na educação)	Apenas Teórico	For.
					“Bom”	Av.
09	GRAD.	09G/2001	Credibilidade Lugar da ordem.	Não profissional da área (profissional de outra área, que não é educacional)	Estímulo à pós-graduação.	For.
					“Nota 7”	Av.
05	GRAD.	05G/2001	Sabedoria Conhecimento Lugar da qualidade.	Aquele que não atua na área, mas adota um discurso pedagógico.	Não contribui para a atuação no mercado de trabalho.	For.
					“Excelente” para quem atua na área.	Av.

Quadro 26. Do *ethos* aos sentidos sobre o Curso – Egressos 2001/graduados

3.2 O discurso dos egressos de 2005: imagens e sentidos de quem/por quem ainda não voltou à universidade

Os discursos dos egressos de 2005, que em 2007 não haviam cursado ou não estavam cursando especialização, revelam uma diversidade de imagens, mesmo sendo apenas oito (08) os egressos que se encontravam nessa situação (graduados somente). Assim, constatamos os seguintes casos e/ou categorias: 1 - Reconhece ser um professor, profissional atuante e competente, que se divide em a) Na área de formação (sem especificar), b) Em outras áreas do conhecimento (disciplinas), c) Não deixa claro se atua na área de formação; 2 - Reconhece ser um profissional de outra área, 3 - Outros *ethos*. Os discursos aqui analisados são dos egressos 01G/2005, 06G/2005, 08G/2005, 03G/2005 e 04G/2005, exatamente nesta ordem.

3.2.1 As imagens no discurso

Consideremos a mesma questão respondida pelos oradores de 2001:

A sua formação em nível superior (título), no Curso de Letras, está contribuindo para a sua atuação no mercado de trabalho? () Sim () Não – justifique.

E os discursos que revelam os *ethos*:

Exemplo 21:

Egresso 01G/2005 - (Sim) - Graças a esse título eu tenho conquistado o meu espaço tanto na área educacional como em outras áreas (justiça). Afinal, a conclusão de um curso de nível superior abre algumas portas antes fechadas.

O discurso desse orador enuncia o *ethos* de um profissional que estabelece com o seu auditório, composto por pesquisadores, professores e alunos do Curso de Letras, um acordo inicial que consiste em apreciar o valor do Curso em virtude de seus efeitos (ligações de sucessão/argumento com base no real). No entanto, este *ethos* profissional está ligado ao *ethos* pessoal, isso fica evidente quando o orador afirma haver conquistado o espaço próprio na sociedade. Estão em discussão o valor da pessoa, as ligações de coexistência (ato/pessoa), as quais permitem apreciar o valor de uma pessoa em virtude de suas ações.

Assim sendo, o orador coloca-se como um sujeito batalhador e dinâmico, capaz de atuar em diferentes campos profissionais; uma pessoa a quem se liga o esforço, a competência e as qualidades individuais, alguém que tem formação reconhecida na sociedade, autorizado a ocupar outros espaços (a área da justiça) além daqueles legalizados (educacionais) por sua formação. É, portanto, um *ethos* de um profissional múltiplo, que se valoriza por suas conquistas e diz ocupar o lugar da ordem (e também da qualidade) na sociedade.

Ainda neste grupo de egressos que constroem seu *ethos* pelo reconhecimento de que é um professor, encontramos a subcategoria daqueles que atuam em outras disciplinas e constroem o *ethos* de um professor, cuja maior preocupação é transpor os conhecimentos de uma área do conhecimento para outra. Observemos:

Exemplo 22:

Egresso 06G/2005 - (Sim) - Apesar de ter estudado Letras e a didática de Ensino da Língua Inglesa, todas as teorias estudadas tem seu proveito em qualquer que seja a área, principalmente quando se pensa nas abordagens de ensino [...]

Vemos, neste caso, que o *ethos* se constitui ao reconhecer a importância de sua formação em Língua Inglesa. As disciplinas cursadas na graduação são meios usados para determinadas finalidades (argumento com base no real), de maneira que é esse vínculo causal entre realidades diferentes, formação/atuação, que define esse egresso no discurso como um profissional que se considera professor e que adota, por meio da escolha dos argumentos, um

discurso de tom pedagógico, de maneira a ressaltar as qualidades próprias (de si), uma vez que a adaptação de que fala o orador atribui a si a qualidade de um profissional dinâmico e/ou competente, portanto, uma relação ato/pessoa, que consiste em apreciar o profissional, em virtude do esforço que realiza, reclamando, dessa forma, o lugar da qualidade diante de seu auditório constituído por pesquisadores, colegas de Curso e profissionais da educação em geral.

Semelhante *ethos* encontramos no discurso abaixo:

Exemplo 23:

Egresso 08G/2005 - (Sim) - Apesar de ainda não atuar na minha área de habilitação, o curso tem contribuído muito, pois através dele pude adquirir muitos conhecimentos que mediam meu trabalho.

Vemos, neste discurso, o acordo em relação à tese de que o Curso de Letras teria, de fato, contribuído para a atuação no mercado de trabalho, há uma ligação entre realidades, pela qual o Curso é um meio que permite se chegar a finalidades diferentes (meio/fim- argumento com base no real). É um *ethos* de quem não deixa de reconhecer o valor profissional ligado à formação, mesmo sem estar atuando na área. Ocupa, portanto, no discurso, o lugar da qualidade, haja vista atribuir a si “muitos conhecimentos”. Dialoga especialmente com os pesquisadores e com a instância pedagógica do Curso de Letras do seu tempo.

Vimos até aqui que, em 2005, os *ethos* de egressos apenas graduados têm se constituído por um perfil diversificado, são profissionais que se reconhecem professores atuantes e competentes dentro de sua área de formação (egresso 01), e *ethos* que se constituem também como professores competentes, mas atuantes em outras disciplinas (egressos 06G/2005 e 09G/2005). Mas vamos encontrar, a exemplo de 2001, casos em que os *ethos* se constituem pela oposição ao que seria um profissional da educação, *ethos* de egressos que se reconhecem profissionais de outra área, mas não pelo simples fato de atuarem nesta outra área, e sim pela certeza/reconhecimento de que são estes profissionais; conforme vemos:

Exemplo 24:

Egresso 03G/2005 - (Não) - É inversamente proporcional a minha profissão. Não há nenhum estímulo para graduandos em meu universo profissional

Utilizando-se de uma linguagem objetiva, o orador desse discurso deixa claro que a formação oferecida pelo Curso de Letras não tem nenhuma relação com sua vida prática. O

efeito produzido por suas palavras revela que há uma incompatibilidade (argumentação quase-lógica) entre o que este orador estudou e o que faz, dando a entender que sua formação não teve o devido reconhecimento social.

Embora o diálogo seja curto, não podemos dizer que não há marcas que definam o *ethos*, como diz Amossy (2008, p. 09) “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Na verdade, o *ethos*, neste caso, se constrói da oposição entre o que seria um profissional da área e o profissional real. Notamos, neste sentido, que o orador não se coloca como uma pessoa que tem um ofício, um emprego, mas se apropria de termos como “a minha profissão”, “o meu universo profissional”, como forma de defender sua imagem. Assim, ao dizer que não é um professor, ele diz sou um outro profissional. “O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo” (AMOSSY, 2008, p. 10). Vemos, portanto, neste discurso, o *ethos* de um egresso que nega a sua formação, que não a considera importante para a sua atuação profissional. Um *ethos* que se constrói pela sinceridade, valor que julga importante diante do auditório, colocando-se no lugar da ordem, haja vista marcar seu lugar na sociedade.

Outros *ethos* são vistos nos discursos dos egressos de 2005, destacando-se imagens que se desenham mais solitárias. Caso como o do egresso 04G/2005, só nos permite compreender uma indefinição de área de atuação, conforme podemos ver:

Exemplo 25:

Egresso 04G/2005 - (Sim) - A formação no Curso de Letras nos permite manter um contato mais humano com as pessoas.

O *ethos* constituído neste discurso coloca a humanidade, a benevolência como valores diante de seu auditório, o Curso é um meio que permite chegar à determinada finalidade (meio/fim - argumento com base no real). Como trabalhamos aqui com construção de sentidos, inquietou-nos saber por que, neste discurso, haveria uma indefinição profissional. E qual foi nossa surpresa ao descobrir que em outra parte do questionário o egresso diz que é policial militar, o que explica seu discurso, a humanidade de que fala, e o diálogo estabelecido com outros discursos, com o auditório particular e com o universo de pessoas também indefinidas. O *ethos* se coloca no lugar da ordem na sociedade.

3.2.2 – Ainda sobre o *ethos*

Assim, como fizemos aos discursos dos egressos de 2001, continuamos investigando o *ethos* na questão 3.4, nos discursos dos egressos de 2005 (graduados apenas). Para tanto, eis a questão:

As teorias e as experiências práticas adquiridas por ocasião do Curso de Letras/ CAMEAM contribuíram e/ou estão contribuindo para sua atuação no mercado de trabalho()Sim () Não – Comente.

E a defesa da imagem no discurso de um professor que se reconhece atuante e competente na área de formação:

Exemplo 26:

Egresso 01G/2005 - (Sim) - Através do curso de Letras, por meio das concepções de língua e ensino, eu absorvi uma gama de conhecimentos que, infinitivamente, influenciaram em minha prática de sala de aula; certamente adotei uma postura bem mais crítico/reflexiva e por que não dizer produtiva diante do processo de ensino/aprendizagem.

Conforme Perelman e Tyteca (1996, p. 27), o orador, aquele que tem ascendência sobre outrem parece animado pelo próprio auditório. Como podemos ver, as colocações do orador nos põem diante do *ethos* de um professor que se reconhece atuante e competente na sua área de formação, ele parte do princípio de que seu auditório particular compartilha dos conhecimentos que diz possuir, e que valoriza a imagem de um professor que se esforça por aplicar estes conhecimentos ao cotidiano da sala de aula. É um diálogo com o próprio tempo em que esse egresso cursou sua licenciatura, haja vista que usa como argumentos as discussões de sua época, quais sejam, as concepções de língua e de ensino.

Mais uma vez, o orador reafirma seu valor com base nas ligações de sucessão causa/efeito (argumentos com base no real), pois o Curso proporcionou um efeito na atuação profissional; e ainda nos argumentos ato/pessoa (ligações de coexistência, argumentos com base no real), uma vez que este orador não perde a oportunidade de enfatizar a si mesmo por meio de suas escolhas linguísticas “eu absorvi”, “adotei”, “por que não dizer”. Assim, vemos o *ethos* de um professor que se reconhece profissional, cujos argumentos recorrem ao lugar da qualidade.

Abaixo, o discurso de um egresso cujo *ethos* se dá por se reconhecer professor, atuante em outras disciplinas.

Exemplo 27:

Egresso 06G/2005 - (Sim) - Acrescentando à resposta anterior; dá pra adotar técnicas e metodologias do ensino de Língua Inglesa para o ensino de qualquer outra disciplina.

Aqui, o que vemos é a reafirmação da tese apresentada/defendida na resposta dada à questão 3.2. A constituição do *ethos* se dá pelas ligações de sucessão, pelos argumentos meio/fim (com base no real), pois o conhecimento adquirido no Curso é um meio agora utilizado para determinadas finalidades; e ainda pelas ligações ato/pessoa (ligações de coexistência, argumento com base no real), que consistem em fazer-nos apreciar o profissional mediante seus atos. É, portanto, um caso de um egresso que se apresenta com o *ethos* de um profissional que reconhece o valor de sua formação, embora não atue na mesma área em que foi diplomado e sua maior preocupação é transpor os conhecimentos de sua área de formação para sua prática profissional.

O discurso do egresso 08G/2005 também revela a constituição de um *ethos* que, anteriormente, se apresentou como um profissional que atua em outras disciplinas. Agora, o orador coloca a importância de sua formação para a sua prática, como podemos ver abaixo:

Exemplo 28:

Egresso 08G/2005 - (Sim) - As teorias e as experiências práticas do curso mediam e aperfeiçoam o meu trabalho.

Como vemos, o *ethos* é sustentado pela reafirmação do discurso anterior, valendo-se de uma argumentação em torno do nexos causal meio/fim (argumento com base no real). Portanto, o *ethos* de um profissional que não deixa de se reconhecer profissional, mesmo sem estar atuando na sua área de formação, conforme pudemos constatar em resposta à questão anterior (3.2).

Com relação ao *ethos* constituído como um profissional de outra área, o orador mantém com os pesquisadores um discurso tão reafirmativo, que pouco prefere falar. Vejamos:

Exemplo 29:

<i>Egresso 03G/2005 – (Não) - idem 3.2</i>
--

O discurso “fechado” desse egresso reafirma a imagem que deixou transparecer na questão anterior (questão 3.2) Não há interesse de falar, diante de seu auditório particular, sobre sua formação, em virtude de já ter construído seu *ethos* profissional, em oposição ao *ethos* de um professor.

Por fim, temos um discurso em que o orador utiliza-se de uma argumentação pelo exemplo (as disciplinas citadas), que funcionam como argumentos, para justificar a relação de meio/finalidade entre o Curso e a atuação profissional do egresso, reafirmando a imagem indefinida, em termos profissionais.

Exemplo 30:

<i>Egresso 04/2005 - (Sim) - Disciplinas como a Análise do Discurso, a Argumentação entre outras contribuem de forma ostensiva na minha área profissional.</i>
--

Assim como fizemos em relação aos *ethos* apresentados nos discursos dos egressos de 2001 (graduados), apresentamos, em síntese, as imagens (*ethos*) constituídas nos discursos dos egressos de 2005, que em 2007 eram apenas graduados; bem como o processo argumentativo que constituem esses *ethos*. Como resultado, temos que os *ethos* constituídos pelos egressos de 2005 apresentam semelhanças mas também diferenças de imagens em relação aos de 2001, não há, por exemplo, a preocupação de se mostrar professor de uma língua em específico, apenas de se colocar como profissional atuante na área de formação, e ainda em 2005 vemos que, em seus discursos, os egressos que atuam em outras disciplinas se colocam como professores competentes capazes de transpor os conhecimentos de uma área para outra, auxiliando, portanto, na sua atuação profissional. Em síntese as imagens de 2005 (graduados):

1) *Ethos* - Reconhece ser professor, um profissional atuante e competente:

a) Na área de formação

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
01	GRAD.	01G/2005	Esforço pessoal Dedicação Competência Lugar da qualidade.	Causa/efeito, ato/pessoa (argumentos com base no real).	Professor que reconhece seu valor profissional, atua na área e em outras.

Quadro 27– *Ethos* do egresso 01G/2005.

b) Em outras áreas do conhecimento (disciplinas)

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
06	GRAD.	06G/2005	Dinamismo Flexibilidade.	Meio /fim Ato/pessoa (argumentos com base no real).	Professor formado em Língua Inglesa, atuante em outra área do conhecimento e que reconhece a importância da formação
08	GRAD.	08G/2001	Conhecimento.	Meio/fim (argumentos com base no real).	Professor atuante em outra área, mas que reconhece a importância da formação.

Quadro 28– *Ethos* dos egressos 06G/2005 e 08G/2005.

4) *Ethos* - Reconhece ser um profissional de outras áreas

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
03	GRAD.	03/2005	Lugar da ordem.	Incompatibilidade (argumento quase-lógico).	Profissional de outra área, aquele que não associa o Curso à sua atuação no mercado de trabalho.

Quadro 29– *Ethos* do egresso 03G/2005

5) *Ethos* - Outros *ethos*

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
04	GRAD.	04G/2005	Humanidade.	Meio/fim – pelo exemplo (destacou algumas disciplinas).	Considera-se um profissional mais humano (indefina sua atuação profissional).

Quadro 30– *Ethos* do egresso 04G/2005

3.2.3 A influência do auditório no discurso sobre a formação dos egressos da graduação de 2005

Assim, como fizemos ao *corpus/2001* de nossa pesquisa, veremos, agora, os sentidos atribuídos ao Curso de Letras do CAMEAM pelos egressos de 2005, tomando como foco de análise o papel dos interlocutores, do auditório, a quem esses discursos são dirigidos. Eis a questão 3.4, que interroga sobre a formação oferecida pelo Curso.

Em formação de curso de nível superior, é pertinente que haja teorias, atividades práticas, atividades extensionistas, pesquisas (com iniciação científica), monografia, entre outras, que busquem formar e estimular o egresso da graduação para dar continuidade em sua formação, em nível de pós-graduação (lato e stricto sensu). Na graduação em Letras que você cursou no CAMEAM existiam atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos em nível de pós-graduação? ()Sim ()Não . Comente.

Exemplo 31:

Egresso 01G/2005 - (Sim) - Além das oportunidades que a universidade oferece para a minha habilitação (língua portuguesa), destaca-se o incentivo dos professores para que o aluno se aprofunde em suas leituras e dê continuidade em seu trabalho monográfico para apresentá-lo a nível de mestrado.

Como podemos ver, o orador estabelece, desde o início, um contato positivo com seu auditório, no sentido de concordar com a tese apresentada. Em seguida, vemos que essa tese é defendida por meio de argumentos que indicam a finalidade desse incentivo. Assim, o diálogo, no sentido bakhtiniano do termo, é com o auditório composto pelos professores, pesquisadores e alunos do Curso e, de uma forma mais universal, com outras instituições de ensino, haja vista que na época (2007) o Curso de Mestrado em Letras da UERN não havia ainda sido implantado. Embora não cite nenhuma atividade em específico, o orador se refere às atividades do Curso como oportunidades, significando, desse modo, que o Curso oferecia vida acadêmica.

Ao falar dessas oportunidades, o orador escolhe como auditório particular os alunos da habilitação de Língua Portuguesa. Dessa maneira, é a esse auditório (que também é visto como auditório do Curso) que o orador faz recair as vantagens do Curso e a finalidade do incentivo. Por defender tão bem a tese “Havia em sua época atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos?”, o orador dialoga também com as teorias, autores e discursos acadêmicos de sua época, além de dialogar com os próprios professores, de maneira que o *ethos* se fortalece e se define como o *ethos* que se reconhece professor, por atuar na sua área de formação, especificamente, o *ethos* de um professor de Língua Portuguesa.

Vejamos como o discurso do egresso 06G/2005 coloca-se diante deles no tocante à essa formação recebida no Curso de Letras.

Exemplo 32:

Egresso 06G//2005 - (Sim) - Mas apesar de todos os incentivos, às vezes, é necessário “esfriar a cabeça” para continuar. No meu caso, eu precisava de um tempo fora da universidade, mas sem pensar em deixá-la para trás.

Neste discurso também é travado um acordo em relação à tese inicial: o Curso estimula sim à continuidade. No entanto, as razões pessoais são apresentadas como justificativa de não continuar em formação. Vimos nas questões anteriores (3.2, 3.3) que o *ethos* desse egresso se constitui como um profissional que atua na educação, mas não na área de sua formação. Assim, embora ele fale em adaptação de uma área do conhecimento para outra, é notável agora o desestímulo. Para preservar sua imagem diante do auditório, especialmente diante dos pesquisadores, o orador, ao final, reelabora seu discurso no sentido de tentar afirmar que voltará à universidade.

Por meio de um discurso breve, vemos também o posicionamento de um egresso que também antes instituiu seu *ethos* como de um profissional que reconhece a importância de sua formação, mesmo sem atuar na área em que foi diplomado. Vejamos:

Exemplo 33:

Egresso 08G/2005 - (Sim) - Tivemos muitas atividades de pesquisas que estimularam muito a continuidade em nível de pós-graduação.

Vemos um discurso breve que concorda com a tese de que o Curso teria atividades que estimulavam à formação continuada. O orador conhece seu auditório e, sabe da importância

de se adaptar a ele, ao passo que pouco fala, preocupa-se em dá uma resposta que considera pertinente, pois sabe que o auditório é a fonte das questões (MEYER, 2007, p. 36). Assim, diz que as atividades eram muitas e que elas muito estimulavam a continuar os estudos, uma resposta ao auditório mais imediato, ou seja, aos pesquisadores. O diálogo também é com os colegas de classe e com os professores do Curso. A tese, portanto, é defendida.

Voltemos aos *ethos* dos “não-profissionais” da área, aqueles que construíram uma imagem de si como profissionais bem definidos dentro de outros campos de atuação.

Exemplo 34:

Egresso 03/2005 - (Sim) - Uma evidência altamente sentida na relação instituição (FALA) – professores, alunos, uma vez que o corpo docente instiga-nos a seguir ou dar continuidade aos estudos em pós-graduação.

O orador deixa claro, pela firmeza das afirmações, quem são seus interlocutores. Assim, elege, de imediato, professores e alunos que compõem a Faculdade de Letras (FALA), como um auditório que mantém entre si estreitos laços em nome do empenho e do incentivo aos estudos. Dessa forma, o orador valida a importância do Curso, assegurando-lhe a tese central, de modo a estabelecer um diálogo com a época em que cursou a Faculdade de Letras. Vemos, neste caso, o reconhecimento da qualidade do Curso, uma vez que este mesmo egresso manifesta em questões anteriores seu desinteresse por exercer a profissão de professor. Seu discurso estende-se a todos aqueles que, de alguma forma, venham a ter interesse pelo Curso de Letras, isto é, a seu auditório universal; menos aculturado na linguagem de Bakhtin (2002).

O discurso do egresso 04G/2005, que não atua na área de formação e que indefine sua atuação profissional, não questiona a credibilidade do Curso, antes argumenta em seu favor, conforme vemos:

Exemplo 35:

Egresso 04G/2005 - (Sim) - Os professores em todos os momentos procuravam nos estimular a apresentar trabalhos fora da nossa esfera (ENCOPE) sempre nos orientando.

Assim, há um acordo com a tese inicial e a defesa desta, um diálogo que se estende do auditório particular, constituído especialmente pelos pesquisadores, alunos e professores do Curso, a um auditório mais universal, constituído por uma esfera acadêmica maior, o

ENCOPE, evento que congrega pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Portanto, o valor do Curso, de sua formação, é reconhecido diante desses auditórios.

Em síntese, apresentamos também os posicionamentos dos egressos constituídos oradores no discurso em relação à tese que interrogava sobre a contribuição do Curso de Letras do CAMEAM para a atuação no mercado de trabalho: “Havia em sua época atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos?”. Dos casos mostrados, constatamos que os egressos de 2005, ao contrário de 2001, todos concordam com a tese levantada e todos a defendem, apostando características positivas ao Curso de Letras, apenas o discurso do egresso 06G/2005 manifesta um tom de desinteresse em continuar os estudos, mas reconhece que o Curso oferecia uma boa formação. Vemos, também, que dos cinco egressos, três deles constituem um auditório mais heterogêneo, pois se dirigem não apenas aos pesquisadores, aos professores e alunos de sua época, seu auditório particular, haja vista o conhecimento que esses egressos, pela duração do Curso, têm dos professores e ex-colegas, e dos pesquisadores, que em virtude da forma de aplicação e coleta dos questionários se deram a conhecer.

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Acordo Inicial	Qualidades e/ou valores atribuídos ao curso
01	GRAD.	01/2005	Particular: Alunos da habilitação de Língua portuguesa e professores. Universal: Outras instituições de ensino superior.	Sim	Incentivo (a cursar um mestrado).
06	GRAD.	06G/2005	Particular: Pesquisadores e o Curso da época, professores especialmente.	Sim	Incentivo (a continuar os estudos).
08	GRAD.	08G/2001	Particular: Pesquisadores, alunos da época.	Sim	Estímulo (a continuar os estudos).
03	GRAD.	03G/2005	Particular: alunos e professores. Universal: todos aqueles que tenham interesse pelo Curso.	Sim	Estímulo (a continuar os estudos).
04	GRAD.	04G/2005	Particular: Pesquisadores e alunos e professores do Curso. Universal: Menciona também o ENCOPE –		Estímulo (a continuar os estudos).

			encontro regional de estudantes, o que torna esse auditório universal.		
--	--	--	--	--	--

Quadro 31. Os discursos sobre a formação - egressos 2005/graduados.

3.2.4 O Curso de Letras pelos egressos da graduação de 2005: a influência do auditório”.

Analisamos também o posicionamento dos egressos sobre o Curso de Letras na questão 3.5, considerando a “presença” dos interlocutores.

Como você avalia o curso de graduação em Letras pelo qual foi diplomado no CAMEAM?

E o discurso de um orador cujo *ethos* se constitui por reconhecer sua atuação profissional diante da sociedade:

Exemplo 36:

Egresso 01G/2005- Considerando as condições salariais dos nossos professores e algumas dificuldades de infra-estrutura, considero bom. Afinal, o empenho do professor aliado à vontade do graduando tem feito a diferença.

Atentemos para o diálogo existente entre o *ethos* do orador (questões 3.2, 3.3) *ethos* de um professor que reconhece seu valor profissional, atuante na área de formação e em outras áreas, e os sentidos atribuídos ao Curso. Ele é considerado bom dentro das condições em que acontece, e por não ser colocado como o melhor, podemos dizer, que o lugar da qualidade aqui cede espaço ao lugar da ordem. Observamos, também, a referência ao discurso de que o professor no Brasil é mal remunerado, “um discurso é sempre uma resposta a outro” (BAKHTIN 2002). Assim, o orador dialoga com as condições sócio-históricas de sua formação, e ainda com as condições sócio-governamentais da instituição que ofereceu o Curso de Letras. Pela dimensão ideológica que tem seu discurso, o auditório construído pelo orador é muito amplo, alcança todos aqueles que, de um modo geral, compõem o cenário da educação. De modo particular dirige-se aos pesquisadores, e, ainda, aos professores e alunos do Curso.

Destacamos também o discurso de egressos que nas questões anteriores constituíram seu *ethos* como professores que atuam em outra área do conhecimento, em outras disciplinas.

O orador abaixo é aquele que, nas questões anteriores, se mostrou preocupado em adaptar o conhecimento de sua área de formação para área em que atua:

Exemplo 37:

Egresso 06G/2005- A se basear pelo próprio ENAD 2006, julgo o curso de muita qualidade e de fundamental importância nesta região, visto que tenho encontros com colegas e ex-alunos de Letras do CAMEAM nos nossos planejamentos e o discurso e ações desses são notáveis, ou seja, algo ficou em cada um.

Do ponto de vista argumentativo, encontramos um discurso muito bem fundamentado, a referência ao ENAD constitui-se um argumento de autoridade e os relatos de experiência contribuem também para a credibilidade das afirmações, são argumentos retirados do lugar da qualidade. Vemos, assim, um posicionamento compatível com aquele enunciado na questão anterior (3.4), quando o orador reconhece a existência de atividades que estimulavam a continuidade dos estudos, embora, em algum momento, o orador mostre um desestímulo em dá continuidade aos estudos na área (questão 3.4), por não atuar nela.

Além do auditório particular constituído pelos pesquisadores, o fato de dialogar com outros discursos, como por exemplo, com o discurso das políticas de avaliação nacional de cursos superiores, constroem uma resposta para um auditório constituído por um universo de estudantes, professores e coordenadores de cursos de ensino superior, assim como a referência aos colegas de trabalho, aos ex-alunos e alunos atuais do CAMEAM também constituem uma pluralidade de interlocutores. Desse modo, teríamos aqui “respostas” a vários interlocutores, os quais influenciam decisivamente na constituição dos sentidos. O Curso é bem avaliado.

Já no discurso seguinte, constatamos que o orador não se limita a avaliar o Curso com uma única palavra, é bom, mas com muitas fragilidades.

Exemplo 38:

Egresso 09G/2005 - Bom, apesar de várias vezes deixar a desejar o acesso de materiais didáticos para um melhor desempenho no estudo de uma segunda língua.

Podemos dizer que os argumentos para definir a qualidade do Curso partem do lugar da ordem, pois, com efeito, não é o melhor, é “bom”, mas é bom com ressalvas. Vimos nas questões anteriores que o *ethos* desse orador se constitui como um professor, que, mesmo atuante em outra área, admite a importância da formação em Letras, e a existência de atividades que estimulavam muito a continuidade dos estudos. Agora, o Curso é apresentado mediante suas limitações. Embora a resposta seja aos pesquisadores, há um diálogo com os

alunos de língua estrangeira, no sentido do orador reivindicar os direitos que lhes caberiam. Assim, é esse auditório heterogêneo que dá ao discurso um sentido, em parte, distanciado daquele que vinha sendo constituído ao longo do percurso (questões 3.2, 3.3, 3.4).

Já o *ethos* (egresso 03/2005) que se apresenta como profissional de outra área, temos:

Exemplo 39:

Egresso 03G/2005 - Eficaz, profícuo e instigante. Professores capazes com mínimas exceções

Importante notar que o *ethos* desse egresso, já enunciado como de um profissional atuante em outras áreas de trabalho, não impede a avaliação positiva sobre o Curso, sobre suas condições favoráveis para a formação de seus alunos. Se antes o orador deixava claro a pouca contribuição da formação em Letras para a atuação no mercado de trabalho, aqui ele reconhece a qualidade deste Curso, isto é, analisa-o isoladamente da realidade que ele, o orador, vivencia. Pela brevidade do discurso, o auditório eleito é praticamente os alunos e os professores do Curso de Letras do CAMEAM, de sua época, e o Curso é colocado no lugar da qualidade

Vejamos, ainda, a avaliação no discurso do egresso 04/2005, que não define sua atuação profissional no discurso:

Exemplo 40:

Egresso 04/2005 - Partindo do princípio que vivemos no interior, me orgulho muito de ter sido formado pelo Curso de Letras de Pau dos Ferros.

O que de início poderia ser visto como uma ressalva, o pressuposto de morar no interior, na verdade, funciona para atribuir qualidade ao Curso, pois o orador é enfático ao afirmar que tem orgulho de ser formado por ele, de tal maneira que especifica-o “o Curso de Letras de Pau dos Ferros”. Desse modo, a resposta no sentido bakhtiniano do termo, não é apenas aos pesquisadores, pois é um diálogo com os professores do Curso, com seus alunos, com a sociedade, e com outros cursos de Letras de outras instituições ou da mesma instituição. São estes interlocutores que influenciam o orador.

Em síntese, podemos falar da importância do auditório na construção dos discursos dos egressos de 2005 sobre o Curso de Letras. Como já dissemos, nesse trabalho, a natureza da

questão influencia na resposta, não só pelo conteúdo em si, mas pela relação que ela desempenha com o auditório particular, por não se tratar de uma questão que permita ao orador “fugir” desse auditório.

Dos casos mostrados, a exemplo do que ocorreu ao interrogamos sobre a importância da formação do Curso de Letras do CAMEAM, quando, quase todos os egressos falavam positivamente dessa formação, constatamos, aqui, que o Curso é bem avaliado pelos egressos de 2005, que na época da pesquisa (2007) eram apenas graduados. Todos os oradores dão respostas longas, isto é, justificam, diante do auditório, a avaliação que fazem. Dois deles (egresso01/G2005 e egresso 04G/2005) avaliam o Curso partindo da própria realidade de existência deste; um deles (egresso 06G/2005) busca seus argumentos nos resultados do ENAD, outro (egresso 08G/2005) salienta as dificuldades, mas o considera bom, e há ainda o caso de quem não atua na área (egresso 03g/2005) mas o considera muito bom. Há um auditório universal contemplado no discurso de três desses oradores.

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Processo argumentativo	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso
01	GRAD.	01/2005	Particular: Pesquisadores, professores da época Universal: As instâncias educativas e administrativas do CAMEAM.	Avalia considerando as dificuldades existentes: salários dos professores/problemas de infraestrutura.	“Bom”. Lugar da qualidade.
06	GRAD.	06G/2005	Particular: Colegas de trabalho, ex-alunos. Universal: Por falar do ENAD, constrói um auditório universal.	Baseia-se no resultado do ENAD para dizer que o Curso tem muita qualidade e é de fundamental importância para a região.	De “fundamental importância” Lugar da qualidade
08	GRAD.	08G/2001	Particular: Pesquisadores. Universal: As instâncias administrativas da UERN).	Considera o Curso bom, mas algumas vezes deixava a desejar, pela falta de material didático para estudo de uma segunda língua.	“Bom”. (com restrições) Lugar da ordem .
03	GRAD.	03G/2005	Particular: pesquisadores, professores.	Avalia o Curso considerando as qualidades e as dificuldades existentes (despreparo de poucos	“Eficaz, profícuo e instigante”. Lugar da qualidade.

				professores).	
04	GRAD.	04G/2005	<p>Particular: O Curso de Letras de Pau dos Ferros professores, gestores e alunos</p> <p>Universal: A população do interior do RN.</p>	Diz que, partindo do princípio que vive no interior, se sente orgulho de ter sido formado pelo Curso de Letras de Pau dos Ferros.	Bom. Lugar da ordem.

Quadro 32 - Os discursos sobre o Curso - egressos 2005/graduados

3.2.5 Os egressos de 2005 e sua formação: do *ethos* aos sentidos sobre o Curso

Na comparação *ethos*/sentidos sobre o Curso, constatamos mais similaridades do que distanciamentos. O discurso do primeiro orador considera que, mediante as dificuldades existentes (baixo salário dos professores, problemas de infraestrutura), o Curso de Letras do CAMEAM é bom e estimula o aluno a prosseguir estudando, sentidos compatíveis com o *ethos* de um profissional que reconhece a importância de sua formação diante da sociedade, e que atribui a si valores como esforço pessoal, dedicação e competência, os quais julga importantes diante de seu auditório.

O orador do discurso constituído pelo egresso 03G/2005 se apresenta com o *ethos* de um profissional de outra área, não atua na educação e recorre ao lugar da ordem ao falar de sua atuação profissional. Mesmo admitindo que a sua formação não contribui para a atuação profissional, reconhece que o Curso de Letras incentiva o aluno à pós-graduação, possui bons professores e, entre outras qualidades, é instigante.

Pelo discurso do egresso 06G/2005 constatamos que, na condição de orador, este se coloca como um profissional atuante em outras disciplinas e considera o Curso de fundamental importância, discurso coerente com seu *ethos*, uma vez que ele diz adaptar os conhecimentos da área de formação para sua realidade de sala de aula. O orador seguinte (egresso 08G/2005) considera que a sua formação lhe proporcionou conhecimentos que aperfeiçoam seu trabalho, no entanto reconhece a existência de algumas falhas devidas à falta de material didático.

Por último, constatamos que o orador que se apresenta diante de seu auditório, enfatizando a humanidade como um valor essencial à sua profissão, reconhece que o Curso estimula à formação continuada e que pode ser considerado de boa qualidade se considerada a realidade social da região.

Nº Ord.	Nív. \Form.	Cód. Egresso	Qualidade e/ou valores atribuídos a si	Ethos	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso	
01	GRAD.	01G/2005	Esforço pessoal/ dedicação/com petência da Lugar da qualidade.	Professor que reconhece seu valor profissional, atua na área e em outras.	Incentivo a pós-graduação (mestrado).	For.
					“Bom” - dentro das condições de existência (baixos salários dos professores, problemas de infraestrutura)	Av.
03	GRAD.	03G/2005	Lugar da ordem.	Profissional de outra área, aquele que não associa o Curso à sua atuação no mercado de trabalho.	Incentivo à pós-graduação.	For.
					Eficaz, profícuo, instigante. Professores capazes, com mínimas exceções.	Av.
04	GRAD.	04G/2005	Humanidade.	Considera-se um profissional mais humano (indefine sua atuação profissional).	Estímulo à pesquisa.	For.
					“Bom” (considera as questões sociais/regionais)	Av.
06	GRAD.	06G/2005	Dinamismo/flexibilidade (pois consegue adaptar a formação em L. Inglesa para outra área).	Professor formado em Língua Inglesa, atuante em outra área do conhecimento e que reconhece a importância da formação.	Incentivo à pós-graduação.	For.
					Muita qualidade, de fundamental importância	
08	GRAD.	08G/2001	Conhecimento/ busca de aperfeiçoamento.	Professor atuante em outra área, mas que reconhece a importância da formação.	Estímulo à pós-graduação.	Av.
					“Bom” (falta material didático para a habilitação de Língua Inglesa).	

Quadro 33. Do *ethos* aos sentidos sobre o Curso – Egressos 2005/graduados

**CAPÍTULO IV - OS PROFESSORES E SUA
FORMAÇÃO: O DISCURSO REVELADO
(A)PÓS AS LETRAS**

**CAPÍTULO IV - OS PROFESSORES E SUA FORMAÇÃO: O DISCURSO
REVELADO (A)PÓS AS LETRAS**

4.1 O discurso dos egressos de 2001 em formação: imagens e sentidos de quem/ por quem voltou à universidade

Esta etapa da pesquisa consiste em analisar os discursos dos egressos que, durante a coleta de dados, estavam cursando ou haviam cursado especialização *stricto e/ou lato/sensu*. O foco está no *ethos* desses egressos, com base na sua atuação no mercado de trabalho, relacionada à formação, bem como está nos sentidos sobre o Curso.

Nosso *corpus* revela que dos vinte e cinco (25) egressos do ano de 2001, durante a pesquisa (2005), apenas três (03) encontravam-se cursando uma pós-graduação. As categorias encontradas são duas: *Ethos* – Reconhece ser um professor, um profissional atuante e competente na área de formação (egressos 02CPG/2001 e 03CPG/2001) e *ethos* de um estudante em formação (egresso 01CPG/2001).

4.1.1- As imagens no discurso

Mostramos, aqui, o discurso do egresso 02CPG/2001, por está na categoria professor atuante e competente na área de formação, a mais recorrente em todos os níveis de formação (graduado, cursando pós-graduação, pós-graduação concluída).

A sua formação em nível superior (título), no curso de Letras, está contribuindo para a sua atuação no mercado de trabalho? () Sim () Não – justifique.

Em resposta:

Exemplo 41:

Egresso 02CPG/2001- (Sim) – Após o curso foi me ofertada vaga para atuar numa escola do município. Assim como ingresso numa escola estadual através de concurso público (ano passado).

O orador diretamente não atribui qualidades à sua pessoa, mas constitui-se por um discurso que revela sua provável competência diante do auditório. Assim, a relação causa/consequência (argumentos com base no real), pela qual o Curso causaria as oportunidades de trabalho, também revela que a essência do *ethos* está em um profissional que reconhece seu valor diante da sociedade, ocupando nela o lugar da ordem, haja vista a conquista do emprego através de concurso público, pois sabemos que o concurso reivindica a ideia de número, de classificação, de seleção, teoricamente dos melhores.

Além disso, o orador acredita que sua formação é reconhecida pela sociedade, foi-lhe “ofertada” oportunidade para atuar na área, estabelecendo, portanto, uma relação ato/pessoa,

em que seus atos justificam sua imagem. Seu auditório é constituído pelos pesquisadores, com quem estabelece um acordo prévio em relação à tese de que o Curso contribuiu para sua formação, mas seu discurso se estende também à sociedade.

4.1.2 Ainda sobre o *ethos*

Consideremos a questão 3.2:

As teorias e as experiências práticas adquiridas por ocasião do Curso de Letras/ CAMEAM contribuíram e/ou estão contribuindo para sua atuação no mercado de trabalho () Sim () Não – Comente.

E o discurso do orador:

Exemplo 42:

Egresso 02CPG/2001 - (Sim) - As teorias estudadas têm contribuído com a minha prática docente.

Vemos que embora o orador não negue a tese de que o Curso contribuiu para a atuação profissional, agora há a ressalva de que somente as teorias constituem uma premissa verdadeira, ou uma verdade para este orador diante de seu auditório. Assim, o acordo inicial é mantido com o auditório, mas os argumentos dão conta de que há uma ressalva na formação que fundamenta sua atuação profissional. Se antes (questão 3.2) o orador apresenta-se como o *ethos* de um profissional que reconhece sua importância diante da sociedade, aqui este *ethos* dá mostras da formação que recebeu durante o Curso, uma formação apenas teórica.

Em síntese, temos um discurso constitutivo de um *ethos* que reconhece a importância de sua atuação no mercado de trabalho, *ethos* de um professor, constituído por meio de uma argumentação com base no real, nas ligações de sucessão, pelas quais, inicialmente, o Curso de Letras (causa) ocasionou oportunidades de trabalho (consequência). Depois, são as ligações de coexistência ato/pessoa que permitem apreciar o *ethos* deste professor: em virtude de seus feitos, a ele foi ofertada oportunidade de trabalho, ele passou no concurso público.

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>

02	PG	O2CPG/2001	Reconhecimento profissional. Lugar da ordem.	Causa/consequência (argumentos com base no real).	Reconhece ser/como professor, considera que a sociedade o reconhece também.
----	----	------------	---	---	---

Quadro 34 – *Ethos* do egresso 02CPG/2001.

4.1.3 A influência do auditório no discurso sobre a formação: egressos de 2001 cursando pós-graduação

No diálogo sobre a formação oferecida pelo Curso de Letras, mediante a importância do auditório, interrogamos na questão 3.4:

Em formação de curso de nível superior, é pertinente que haja teorias, atividades práticas, atividades extensionistas, pesquisas (com iniciação científica), monografia, entre outras, que busquem formar e estimular o egresso da graduação para dar continuidade em sua formação, em nível de pós-graduação (lato e stricto sensu). Na graduação em letras que você cursou no CAMEAM existiam atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos em nível de pós-graduação? ()Sim ()Não . Comente.

E a constituição de sentidos pelo discurso do egresso:

Exemplo 43:

Egresso 02CPG/2001- (Sim) - Porém faltava mais estímulo por parte dos alunos; incentivo dos professores.

Como diz Abreu (1996), quando queremos convencer alguém, não devemos propor de imediato a tese que queremos defender. Nestes termos, age o orador desse discurso, pois firma com seu auditório o acordo em relação à tese por ele apresentada, mas, pela abrangência dos argumentos, não a defende. Seu discurso, de imediato, dirige-se aos pesquisadores, mas também alcança os alunos e professores do Curso de 2001, seu auditório particular, portanto. Com isso, vemos que este orador, embora defenda nas primeiras questões (3.2, 3.3) um *ethos* de um profissional que reconhece seu valor, aqui apresenta um posicionamento que questiona a qualidade do Curso que o formou. Portanto, a adaptação a este auditório está em concordar inicialmente sobre a formação oferecida no Curso de sua época, como forma de estabelecer um contato positivo, uma predisposição a ouvi-lo, para, em seguida, se posicionar “Não basta falar ou escrever, cumpre ainda ser ouvido” (PERELMAN E TYTECA, 1996, p. 19).

Em síntese:

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Acordo Inicial	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso

02	CPG	02CPG	Particular: Pesquisadores, alunos e professores do Curso da época.	Sim	Falta de incentivo à pós-graduação.
----	-----	-------	--	-----	-------------------------------------

Quadro 35. Os discursos sobre a formação - egressos 2001/cursando pós-graduação.

4.1.4 O Curso de Letras pelos egressos de 2001/cursando pós-graduação

Também interrogamos sobre os sentidos presentes nos discursos destes mesmos egressos, sobre o Curso de Letras do CAMEAM, mediante o diálogo estabelecido com os interlocutores, considerando os valores e/ou lugares da argumentação.

Eis a questão:

Como você avalia o curso de graduação em Letras pelo qual foi diplomado no CAMEAM?

E o discurso do egresso 02CPG/2001

Exemplo 44:

Egresso 07CPG/2001- Supriu todas as minhas expectativas. O melhor curso do CAMEAM na época.

A influência do auditório na construção dos sentidos é perceptível na voz desse orador. Ao dizer que o Curso de Letras do CAMEAM supriu todas as expectativas, contradiz o discurso proferido em relação à tese de que faltava incentivo dos professores para o aluno continuar estudando (questão 3.4). O que vemos é uma adaptação do orador ao auditório. Como já dissemos, a natureza da questão, por sua objetividade, influencia na resposta, mas é o auditório quem inibe ou não, quem escuta o que orador pronuncia, é a ele que a palavra é lançada. No caso desse discurso, vemos que não somente o auditório particular, os pesquisadores, são contemplados, mas também o auditório universal, constituído por alunos professores e instâncias administrativas de todos os cursos do mesmo *campus*. Influencia ao ponto de provocar uma comparação entre cursos “o melhor curso do CAMEAM” (lugar da qualidade), construindo, portanto, sentidos sobre o Curso de Letras da época em que o egresso foi formado, a partir dessa relação.

Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Processo argumentativo	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso
02	CPG	02CPG/2001	Particular: pesquisadores Universal: alunos e professores de todos os cursos do CAMEAM, de sua época.	Diz que o Curso supriu todas as expectativas.	“O melhor curso” Lugar da qualidade.

Quadro 36. Os discursos sobre o Curso - egressos 2001/cursando pós-graduação

4.1.5 Os egressos de 2001 em formação: do *ethos* aos sentidos sobre o Curso

Em síntese podemos visualizar o *ethos* e os sentidos constituídos sobre o Curso de Letras do CAMEAM na perspectiva do egresso 02CPG/2001. Constatamos que na condição de orador este egresso se apresenta por um discurso que o coloca como um profissional atuante na sua área de formação, considerando-se reconhecido na sociedade vigente devido suas conquistas. Constatamos, ainda, que ao falar do curso pelo qual foi diplomado, aponta deficiências na formação, na falta de incentivo à pós-graduação. No entanto, na questão para avaliar o Curso de Letras do CAMEAM, este orador visualiza um auditório amplo e afirma que o curso era o melhor de sua época, estabelecendo, portanto, uma comparação entre o Curso de Letras do CAMEAM e os outros do *campus*.

ANO		2001				
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	<i>Ethos</i>	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso	
02	CPG	02CPG/2001	Reconhecimento profissional. Lugar da ordem.	Reconhece ser/como professor, considera que a sociedade o reconhece também.	Falta de incentivo à pós-graduação.	For.
					“O melhor curso” (do CAMEAM na época)	Av.

Quadro 37. Do *ethos* aos sentidos sobre o Curso – Egressos 2001/cursando pós-graduação.

4.2 O discurso dos egressos de 2005 em formação: imagens e sentidos de quem/por quem voltou à universidade

Conforme o critério “Egressos que estavam cursando pós-graduação”, em 2007. Do universo de 2005, nossa pesquisa constata o maior número de egressos nesta condição. Do universo de 35 egressos, 26 deles, em 2007, durante a constituição do *corpus*, estavam

cursando especialização *lato-sensu*, sendo que um deles cursava ao mesmo tempo uma pós-graduação *stricto-sensu*, em nível de mestrado.

Conforme vemos no quadro, que se encontra no capítulo metodológico, os *ethos* constituídos nos discursos desses egressos compreendem cinco categorias: 1- Reconhece ser um professor, um profissional atuante e competente, a qual se divide em: a) Atua na área de formação, assume-se professor de Língua Portuguesa, b) Reconhece ser um professor, mas não faz a relação habilitação/área de atuação, c) Reconhece ser um professor, mas atua em outra área do conhecimento/disciplinas; 2- Considera-se professor, mas julga que a sociedade não reconhece seu valor; 3- Reconhece ser um profissional de outra área; 4- Pesquisador; e 5 – outros *ethos*. Serão mostrados os discursos dos egressos 06CPG/2005, 14CPG/2005, 17CPG/2005, 23CPG/2005 e 12CPG/2005, nesta ordem.

4.2.1. As imagens no discurso

Consideremos a questão apresentada:

A sua formação em nível superior (título), no Curso de Letras, está contribuindo para a sua atuação no mercado de trabalho? () Sim () Não – justifique.

E os *ethos* constituídos por estes egressos no discurso:

Exemplo 45:

Egresso 06CPG/2005 - (Sim) - Pois como sou professora de Língua Portuguesa e literatura, o curso é indispensável para minha atuação em sala de aula.

O discurso deste orador, além de constituir um *ethos* de profissional da área, assume-se professor de língua portuguesa e de literatura, demonstrando, portanto, uma segurança diante do seu auditório. Sendo assim, constrói sua imagem no discurso relacionando a importância do Curso de Letras do CAMEAM à atuação no mercado de trabalho, de maneira a demonstrar uma segurança que permite ao auditório confiar na tese que defende. Como diz Reboul (1998 p. 48), o *ethos* é o caráter que o orador deve assumir diante de seu auditório, pois sejam quais forem seus argumentos, eles nada obtêm sem essa segurança.

Essa relação entre a imagem do orador e o Curso se dá através de um vínculo causal (argumentos com base no real), em que este seria um meio com finalidade bem definida, ao contrário de tantos casos já constatados, em que o Curso funciona como um meio com finalidade “desviada”, isto é, quando o orador deixa claro que se utiliza dos conhecimentos de

sua formação para desempenhar outras atividades; ou em casos que o orador diz que o Curso contribuiu em parte para a atuação em sala de aula.

Observamos que esse orador, explicitamente, não se coloca no lugar da qualidade, mas ao assumir-se professor da área, ressaltando a importância de sua formação, se reconhece como um bom profissional e, ao mesmo tempo, denota seu lugar de ordem na sociedade, pois sabemos que na, sociedade atual, em virtude dos empregos gerados por concursos públicos, o lugar da ordem, dos números, é recorrente e constitui-se um valor. Este orador, portanto, faz parte de uma categoria de *ethos* que se apresentam como professores atuantes e competentes na sua área de formação; especificamente, apresenta-se como professor de Língua Portuguesa.

Também, por meio do discurso do egresso 14CPG/2005, vemos a constituição de um *ethos* de um profissional atuante na área, embora não se apresente como professor de uma ou de outra língua.

Exemplo 46:

Egresso 14CPG/2005 - (Sim) - Esta formação contribuiu e está contribuindo para meu amadurecimento como profissional como também para ser reconhecida como professora atuando com título na área.

Vemos que o *ethos* se constitui a partir do reconhecimento de que é um profissional da área. O orador constrói sua imagem, *ethos*, estabelecendo um vínculo por meio de argumentos com base no real, em que há uma causa (Curso) e as conseqüências desta (amadurecimento/reconhecimento profissional por parte da sociedade). Ao mesmo tempo em que podemos ver a relação ato/pessoa (argumentos com base no real), pois, com efeito, o auditório é levado a apreciar a imagem desse orador, que se coloca como alguém que está num processo contínuo de maturidade profissional (seus valores), e que se julga reconhecido diante da sociedade, de forma a ocupar o lugar da ordem, pois é professor atuante na área de formação.

Essa parte do *corpus* também nos permite encontrar casos em que o orador considera-se professor, mas julga que a sociedade não reconhece seu valor.

Exemplo 47:

Egresso 17CPG//2005 - (Não) - Até o momento não, pois a rede particular não trata um graduado com gratificação no salário.

O discurso desse orador não estabelece com seu auditório o acordo de que a sua formação contribui para a sua atuação no mercado de trabalho. O orador justifica sua tese com o argumento de que a rede de ensino particular não reconhece o valor de sua formação, profissional no exercício da profissão.

Assim, à medida que afirma ser professor de escola particular, admite que a sociedade não reconhece seu valor, antes dissocia formação e prática do exercício, como se fossem duas coisas diferentes. Vemos que, em momento algum, o orador diz que não é um bom profissional, que não se sente um professor, ao contrário disso, diz que é um “graduado”, ou seja, um profissional que foi formado por uma instituição de ensino superior e que, portanto, deveria ser visto dessa forma. Seu discurso é um diálogo com as questões sociais de sua época. Para ele, a contribuição da formação está ligada às questões salariais, e, dessa forma, ter a formação reconhecida na área somente se dá se esta estiver ligada à instância pública. É, portanto, um discurso de um profissional que não se sente recompensado atuando na sua área de formação. É provavelmente essa insatisfação que explica o fato deste egresso, na época, está cursando uma pós-graduação, em busca do lugar da ordem na sociedade.

Nos discursos de 2005 (egressos pós-graduados) vamos encontrar um caso diferente de todos que conhecemos até aqui. Trata-se de um egresso que constrói o *ethos* de um pesquisador, em detrimento do *ethos* de um profissional. Embora o egresso tenha deixado a questão em branco, optamos por manter a estrutura do trabalho.

Exemplo 48:

Egresso 23CPG/2005 - ().

Não houve resposta

Não há resposta, o orador cala-se diante de seu auditório. E isso irá se repetir na questão seguinte (3.3), pois a relação egresso/Curso se dá no âmbito da pesquisa. As questões seguintes nos permitirão enxergar melhor o discurso e a formação desse *ethos*.

Outros *ethos* encontramos nos discursos de egressos de 2005 em formação:

Exemplo 49:

Egresso 12CP/2005 - (Não) - Respondi que não, pelo menos até o momento. Acredito que toda e qualquer profissão e formação se torna mais útil e eficaz quando atuamos diretamente nela, o que não é o meu caso.

Na constituição desse *ethos*, o primeiro aspecto a observarmos é o cuidado do orador para com as palavras. Com efeito, ele não concorda com os pesquisadores em relação à tese de que o Curso de Letras do CAMEAM estaria contribuindo para sua formação, mas tem o cuidado de se mostrar sincero, de dar explicações “respondi que não, pelo menos até o momento”. E justifica sua discordância, argumentando que precisa haver umnexo causal entre a formação e a atuação profissional, entre o ato e a pessoa (argumento com base no real). Desse modo, se esse orador deixa-se marcar por uma indefinição profissional, o fato de tomar a palavra nos permite falar do seu *ethos*, pois todo e qualquer discurso implica na construção de uma imagem de quem fala. Assim, é que ele se coloca cauteloso, visando à sinceridade diante de seu auditório.

4.2.2 Ainda sobre o *ethos*

A questão colocada:

As teorias e as experiências práticas adquiridas por ocasião do Curso de Letras/ CAMEAM contribuíram e/ou estão contribuindo para sua atuação no mercado de trabalho()Sim () Não – Comente.

E a defesa da imagem no discurso:

Exemplo 50:

Egresso 06CPG/2005 - (Sim) - As teorias e as experiências adquiridas no decorrer do curso de Letras são fundamentais e importantíssimas para o meu trabalho como professora de língua materna, principalmente no que concerne ao estudo da gramática normativa, vista numa nova visão.

Conforme vemos, as colocações do orador reafirmam o *ethos* de um professor de Língua Portuguesa, não só pela clareza da afirmação, mas também porque dialoga com as teorias e/ou conhecimentos adquiridos no Curso “gramática normativa vista numa nova visão”. Mais uma vez, o orador reafirma seu valor com base nas ligações de sucessão causa/efeito (argumentos com base no real), pois o Curso proporcionou um efeito em sua atuação profissional. Assim, vemos o *ethos* de um professor que se reconhece profissional atuante e competente na sua área de formação, cujos argumentos recorrem ao lugar da qualidade.

Abaixo o discurso de mais um egresso que se reconhece professor, mas sem fazer a relação habilitação/ atuação.

Exemplo 51:

Egresso 14CPG/2005 - (Sim) - Estas teorias e experiências vem contribuindo como forma de refletir minha prática no dia-a-dia, como forma de refutar ou aceitar para um melhor processo ensino-aprendizagem.

Embora em termos textuais percebamos algumas lacunas, o que vemos é um discurso de reafirmação do *ethos* constituído como um profissional que se reconhece no seu campo de atuação. As teorias e experiências adquiridas no Curso são colocadas como meio cujos objetivos/finalidades deságuam na melhoria do processo de ensino-aprendizagem (meio/fim - argumentos com base no real).

O *ethos*, aqui constituído, passa por um processo em que o orador se coloca como um profissional capaz de selecionar, dentre os conhecimentos adquiridos na faculdade, aqueles que, segundo ele, podem ou devem ser aplicados ao seu campo de trabalho, à sala de aula. É essa autonomia que separa e une o profissional de sua formação, separa porque ele admite duas realidades: a da universidade e a da escola, em que a primeira (a universidade) oferece as bases, os fundamentos teóricos, que na prática (escola) funcionam em parte, constituindo-se uma dissociação de noções (teoria/prática, argumentos por dissociação de noções); une porque a escola é enxergada de dentro da universidade, que permite e autoriza a atuação legal desse profissional, separa porque a realidade da escola foge, em parte, ao que é teorizado na universidade. É, portanto, essa autonomia que dá vida ao *ethos* desse profissional.

Já no caso em que o *ethos* reclama o valor de sua formação perante a sociedade, colocando-se como um professor de escola particular, a progressão do seu discurso na constituição dessa imagem, diz:

Exemplo 52:

Egresso 17CPG/2005 - (Sim) – com as teorias e as práticas adquiridas no curso, melhoraram e muito a minha prática em sala de aula.

Na questão anterior (3.2), vimos o discurso de revolta desse orador que se colocava como um professor de escola particular, alegando a falta de reconhecimento ao licenciado por parte das instituições particulares de ensino. Aqui, vemos que ele, reconhece a importância de sua formação, tanto que, por meio de uma relação de causa/conseqüência (argumento com

base no real) ou pelo uso do argumento da superação (argumento quase-lógico), defende a tese de que o Curso de Letras do CAMEAM contribui para a melhoria de sua atuação profissional. Como dissemos, o fato é que, para este orador, o reconhecimento da formação está ligado ao fator financeiro, à conquista do lugar da ordem na sociedade.

Em se tratando do discurso que constitui o *ethos* de um pesquisador, ocorreu o mesmo silêncio quando este egresso foi interrogado sobre a contribuição do referido curso para a atuação profissional. Mantivemos a estrutura, mesmo sem a resposta do egresso.

Exemplo 53:

Egresso 23CPG/2005 ().

Não houve resposta.

Mais uma vez não há qualquer referência à importância da formação atrelada ao aspecto profissional, pois, como dissemos, é um *ethos* que se constitui como pesquisador, exclusivamente.

Por fim, o discurso do egresso 12CPG, da categoria outros *ethos*

Exemplo 54:

Egresso 12CPG/2005 - (Sim) - Não por completo, mas em parte facilitaram e ampliaram o meu conhecimento principalmente a minha habilitação Língua Inglesa, tão falada e exigida no mercado de trabalho atual.

O discurso desse orador continua indefinido em relação a sua área de atuação, fato pelo qual o situamos na categorização de outros *ethos*, apenas depreendemos que ele não se reconhece profissional da área, embora, por responder a parte objetiva da questão, admita que atua no mercado de trabalho. Ele reconhece, em parte, a importância de sua formação em Língua Inglesa, atribuindo ao idioma uma definição (argumento quase-lógico), que argumenta em prol da importância que tem essa língua na sociedade atual. Com isso, vemos que esse orador tem um certo orgulho de sua formação, pois confere à sua habilitação um lugar de destaque no seu discurso. É assim que ele cuida da sua imagem, *ethos*, no discurso perante seu auditório.

Em síntese:

1) *Ethos* – Reconhecem ser um professor, profissional atuante e competente

a) *Ethos* - Atua na sua área de formação, assume-se professor de Língua Portuguesa

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
06	CPG	06CPG/2005	Capacidade de enxergar a gramática numa nova visão. Lugar da ordem.	Meio/finalidade (argumentos com base no real).	Professor de língua portuguesa.

Quadro 38 – *Ethos* do egresso 06CPG/2005.

b) *Ethos* – Reconhece ser este professor, mas não faz a relação habilitação/área de atuação

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
14	CPG	14CPG/2005	Amadurecimento. Lugar da ordem.	Meio/finalidade (argumentos com base no real).	Reconhece ser/como professor da área (sem informar qual).

Quadro 39 – *Ethos* do egresso 14CPG/2005.

c) *Ethos* - Considera-se professor, mas julga que a sociedade não reconhece seu valor

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
17	CPG.	17CPG/2005	Melhoria na atuação em sala de aula.	Causa/conseqüência (argumentos com base no real)	Professor de escola particular. Julga que a sociedade não reconhece seu valor profissional.

Quadro 40 – *Ethos* do egresso 17CPG/2005.

2)- *Ethos* – Pesquisador

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
23	CPG	23CPG/2005	Não respondeu	Não respondeu	As questões 3.3 e 3.4 levam a constatação do <i>ethos</i> de um pesquisador.

Quadro 41 – *Ethos* do egresso 23CPG/2005.

3) *Ethos*: outros *ethos*

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
12	CPG.	12CPG/2005	Conhecimento	Ato/pessoa (argumento com base no real) Definição (argumento)	Reconhece sua formação Língua Inglesa, mas por não atuar no mercado de trabalho, não se reconhece profissional

Quadro 42 – *Ethos* do egresso 12CPG/2005.

4.2.3 A influência do auditório no discurso sobre a formação: egressos de 2005 cursando pós-graduação

Os discursos que seguem atribuem sentidos ao Curso de Letras do CAMEAM, à formação que ele oferece. O auditório é o foco de análise, considerando o acordo inicial, os lugares da argumentação, e os valores apresentados diante do(s) auditório(s). Eis a questão 3.4, que interroga sobre a formação oferecida pelo Curso.

Em formação de curso de nível superior, é pertinente que haja teorias, atividades práticas, atividades extensionistas, pesquisas (com iniciação científica), monografia, entre outras, que busquem formar e estimular o egresso da graduação para dar continuidade em sua formação, em nível de pós-graduação (lato e stricto sensu). Na graduação em letras que você cursou no CAMEAM existiam atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos em nível de pós-graduação? ()Sim ()Não . Comente.

E o discurso de um egresso que se coloca como um profissional atuante na área, reconhecendo seu valor diante da sociedade.

Exemplo 55:

Egresso 06CPG/2005 (Sim) - O CAMEAM sempre proporcionou e ainda propicia aos seus alunos atividades práticas (estágios, relatórios), práticas importantes para que o estudante possa praticar as teorias e concepções adquiridas no curso, mesmo sem estar em uma sala de aula-atuante. No que cabe às monitorias, atividades de pesquisas e extensão, estas são por demais indispensáveis, pois insere o aluno no universo acadêmico e extrapola a sala de aula. Ou seja, os universitários e também os egressos (em especial) necessitam dessas atividades para se sentirem úteis e importantes dentro do contexto acadêmico e também em relação ao fator formação profissional é importante que os egressos estejam participando dessas atividades, para não perderem contato com os novos estudos e teorias.

O orador concorda com a tese de que o Curso de Letras do CAMEAM oferece atividades teórico/práticas que contribuem para a atuação no mercado de trabalho e, seguidamente, apresenta uma defesa, argumentando a importância dessas atividades para o aluno que está em formação e para o egresso. Nisto, seu auditório se estende aos alunos e egressos do *campus*, do CAMEAM, e não apenas aos alunos e egressos do Curso de Letras, constituindo, assim, um auditório amplo. A influência do auditório particular está na preocupação do orador em detalhar cada parte da questão, ele fala de cada uma das atividades: estágio, relatório, monitoria, pesquisa, extensão, apontando a importância de cada uma para o aluno e para os ex-alunos. Assim, seu discurso longo dialoga com seus posicionamentos anteriores nos quais este orador falava da importância de sua formação, e, conseqüentemente, defendia sua imagem, *ethos*.

Em resposta a essa mesma questão posiciona-se o egresso 14CPG2005, que também constituiu, nas questões anteriores, o *ethos* de um profissional que reconhece, valoriza sua atuação profissional.

Exemplo 56:

Egresso 14CPG//2005 - (Sim) - Existiam atividades variadas que proporcionavam motivação aos alunos a darem continuidade a sua formação, assim como havia um incentivo de ter boas notas para o egresso entrar na pós-graduação, fazendo o aluno ter uma maior participação nas atividades do curso.

O acordo inicial em relação à tese de que o Curso de Letras tinha atividades que estimulavam a continuação dos estudos é firmado pelo orador desse discurso, cujo *ethos* nas questões anteriores (3.2, 3.3) se apresentou como um professor atuante, sentindo-se reconhecido na sua atividade profissional. Agora, ele fala de maneira mais direta ao seu auditório particular, constituído especialmente pelos pesquisadores, para quem faz uma afirmação global de que havia atividades variadas, e como argumento final menciona uma das causas de estímulo à continuidade dos estudos: o incentivo para tirar boas notas. Além dos pesquisadores, esse discurso é influenciado pela “presença” de seus ex-colegas da graduação que, em parte, supostamente, na época cursavam a especialização juntamente com ele, eles também são parte deste auditório particular.

Pelo discurso do egresso 17CPG, constatamos:

Exemplo 57:

Egresso 17CPG2005 - (Sim) - Uma atividade de extensão que foi muito positiva foi o inglês para crianças da comunidade e no nível de pós-graduação estou estimulada a buscar aprender mais sobre o processo de aprendizagem infantil.

O *ethos* desse egresso se constitui pela descrença da sociedade em sua formação, conforme questão 3.2; embora, por suas afirmações, ele mesmo se reconheça professor. Aqui, o acordo inicial em relação à tese colocada pelos pesquisadores é firmado e o orador desenvolve uma argumentação que o justifica, citando um fato específico que considerou importante durante a graduação. Assim, seu auditório, que seria basicamente constituído pelos pesquisadores, também se estende a extensão, um dos pilares da educação superior, pois, com efeito, a extensão na universidade elege um auditório amplo, já que se dá por projetos abertos à comunidade.

Vejam agora o discurso de um pesquisador sobre a formação ofertada pelo Curso de Letras.

Exemplo 58:

Egresso 23CPG/2005 - (Sim) - No decorrer da minha formação de curso de nível superior, tive a oportunidade de participar de atividades que me estimulavam a ingressar no curso de Especialização de Literatura e Estudos Culturais, visando um maior amadurecimento intelectual para, futuramente, frequentar um Mestrado na área de literatura.

Essa é a primeira vez que esse orador se pronuncia. Seu silêncio em relação às questões anteriores (3.2, 3.3) que interrogavam sobre a contribuição do Curso para a atuação profissional tem razões específicas, o orador constitui o *ethos* de um pesquisador, seu interesse é de avançar no campo da investigação científica. Dessa forma, o discurso aqui é de pesquisador para pesquisador. Seu diálogo também se estende aos professores e alunos do curso de especialização citado, bem como vislumbra um auditório de pesquisadores em nível *stricto sensu* (mestrado) e, em nenhum momento, se sente estimulado a falar sobre a formação continuada, ligando-a a uma atuação profissional. O acordo inicial travado é assegurado por esta argumentação.

O discurso do egresso 12CPG, que não se dá a conhecer por sua atuação profissional, revela:

Exemplo 59:

Egresso 12CPG/2005 - (Sim) - Acredito que de todos os cursos oferecidos pelo CAMEAM, o Curso de letras é o que mais estimula a continuidade na formação, tendo em vista que essa pós-graduação deve ser mais divulgada e atrativa.

De uma forma muito clara o orador estabelece seu auditório, universalizando quando se refere a todos os cursos do CAMEAM, do *campus* inteiro, e particularizando-o quando fala aos pesquisadores sobre seu posicionamento a respeito do Curso de Letras, pois considera que este, entre todos os cursos ofertados no CAMEAM, é o que mais estimula o aluno a continuar os estudos.

Dessa forma, é a este auditório constituído por professores e alunos de todos os cursos do *campus*, que ele dirige seu discurso. No entanto, como forma de reafirmar sua própria imagem diante dos auditórios, o orador tece considerações acerca da pós-graduação ofertada pelo Curso de Letras, afirmando que essa pós-graduação não é bem divulgada e não é atrativa.

Sendo assim, toma a pós-graduação ofertada pelo Departamento de Letras como sinônimo da formação oferecida pelo Curso, questionando a qualidade da formação em nível *lato-sensu*.

Em síntese podemos falar da influência do auditório no discurso dos egressos de 2001 que estavam cursando pós-graduação sobre a formação ofertada pelo Curso de Letras pelo qual foram diplomados.

O discurso do egresso 06CPG/2005 concorda e defende a tese de que havia atividades teórico-práticas que estimulavam a continuação dos estudos, seu auditório se estende ao “CAMEAM”, aos alunos e professores e ainda aos egressos e/ou profissionais atuantes na área. No discurso do egresso 14CPG/2005, vemos o acordo e a defesa da tese de que havia atividades que estimulavam o aluno à continuidade dos estudos, embora sejam afirmações muito gerais e seus interlocutores sejam mais particularizados.

No discurso do egresso 17CPG/2005 constatamos a presença do auditório universal quando o orador menciona uma das atividades de extensão, o inglês para crianças, que por ser uma atividade aberta à comunidade, o orador não tem controle sobre seus interlocutores; neste discurso, o acordo inicial também é firmado. Pelo discurso do egresso 23CPG/2005, constatamos o *ethos* de um pesquisador que fala de igual para igual com os pesquisadores, seu desejo é de avançar em busca de aperfeiçoamento.

Finalmente, o discurso do egresso 12CPG/2005 contempla um auditório constituído por todo o CAMEAM, ao comparar o Curso de Letras com os outros cursos ofertados pelo

campus, ainda, este orador, toma o Departamento de Letras como sinônimo do próprio Curso ou vice-versa para criticar a pós-graduação que é ofertada.

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Acordo inicial	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso
06	CPG	06CPG/2005	Particular: Pesquisadores, alunos e professores. Universal: Alunos, professores, egressos do CAMEAM e/ou profissionais atuantes.	Sim	Incentivo (à pós-graduação).
14	CPG	14CPG/2005	Particular: Pesquisadores, alunos, professores do Curso.	Sim	Motivação/ incentivo (à pós-graduação).
17	CPG.	17CPG/2005	Particular: Pesquisadores, alunos da especialização em Lit. Infantil. Universal: Alunos da extensão.	Sim	Apenas menciona uma atividade que considera interessante
23	CPG	23CPC/2005	Particular: Pesquisadores, alunos e professores do Curso de sua época. Universal: Pesquisadores em nível <i>stricto sensu</i>	Sim	Estímulo (à pós-graduação).
12	CPG.	12CPG/2005	Particular: Pesquisadores. Universal: Alunos e professores de todos os cursos do CAMEAM.	Sim	Estímulo (à pós-graduação).

Quadro 43 - Os discursos sobre a formação - egressos 2005/cursando pós-graduação.

4.2.4 O Curso de Letras pelos egressos de 2005 cursando pós-graduação

Também investigamos sobre os sentidos sobre o Curso de Letras do CAMEAM presentes nos discursos dos egressos pós-graduados de 2005, mediante o diálogo estabelecido com os interlocutores, os auditórios pressupostos. Eis a questão:

Como você avalia o curso de graduação em Letras pelo qual foi diplomado no CAMEAM?

E os discursos de oradores que inicialmente se constituíram como profissionais, que se reconhecem como professores atuantes em sua área de formação:

Exemplo 60:

Egresso 06CPG/2005 - O curso é de boa qualidade, os professores são de ótima qualidade e têm competência e demonstram que amam o que fazem – dar aulas e defendem o que estudam – suas teorias.

O orador coloca o Curso no lugar da qualidade, é bom e os professores são competentes. Embora, suas afirmações sejam positivas, percebemos que alguns sentidos escapam da superfície do discurso: “os professores são de ótima qualidade e tem competência [...] e defendem o que estudam – suas teorias”. Ao fazer esta afirmação, o orador restringe a atuação dos professores a dar aulas teóricas. Nisto, o discurso aqui estabelece certa incompatibilidade com o discurso enunciado na questão anterior, quando o orador concordava com a existência de atividades práticas no Curso de Letras, argumentando sobre a importância delas. Ao destacar esse aspecto mais teórico, acaba atribuindo uma qualidade ao próprio Curso, pois se trata de um vínculo indissociável.

Assim, se este orador recorre ao lugar da qualidade para adjetivar o Curso, não deixa de produzir outros sentidos que podem ser vistos muito além da superfície do discurso, considerando que no processo de interação verbal, conforme diz Bakhtin (2002, p. 36), “a palavra é fenômeno ideológico por excelência”. Somente no momento em que o falante/escritor a coloca no contexto da enunciação, ela reveste-se de ideologia e, o que antes era apenas forma linguística, passa a significar, a estabelecer relação com outras palavras. Desse modo, não podemos deixar de ver as relações estabelecidas entre o Curso e os professores que o fazem, pois os professores são parte de um todo (Curso).

O auditório imediato constituído pelos pesquisadores, professores, alunos e os que fazem o Curso são responsáveis por esses posicionamentos do orador, haja vista a tentativa de se adequar a eles, de dizer que o Curso é de boa qualidade, mesmo que os sentidos escapem do controle do orador, pois como dizem Perelman e Tyteca (1996) a ação do orador só é “mais ou menos consciente”, não há nela uma total liberdade, devido o caráter dialético da linguagem e a intersubjetividade deste orador enquanto sujeito na e pela linguagem.

Já no discurso do egresso 14CPG/2005, que também se reconhece profissional da área (*ethos*), a influência do auditório na construção dos sentidos construídos sobre o Curso ocorre considerando o discurso proferido na questão anterior (3.4), que interrogava sobre a formação oferecida.

Exemplo 61:

Egresso 14CPG2005 - O curso de graduação em Letras considero de boa qualidade, visto que há professores preocupados com sua formação e várias atividades de extensão que estimulam o aluno a se interagir ao curso.

Conforme vemos, o orador argumenta em favor da qualidade do Curso de Letras do CAMEAM e seu discurso dialoga com a questão anterior, pois reafirma a existência de atividades práticas. Pela seleção destes argumentos (professores preocupados com a formação, atividades de extensão), que são verossímeis diante do auditório imediato, dos pesquisadores e do auditório universal, constituído pela própria sociedade e pelos sujeitos envolvidos na extensão. O orador, sabe que esses fatos constituem-se verdades perante estes auditórios, de forma a acreditar que está dando uma resposta satisfatória a estes interlocutores.

Quanto ao discurso constitutivo de um *ethos* de profissional que se sente injustiçado pela sociedade, pela escola particular, observamos uma avaliação comparativa entre o que ele pressupõe sobre o Curso de Letras antes da época que o frequentou e o Curso de Letras de sua época:

Exemplo 62:

Egresso 17CPG/2005 - Se compararmos as turmas anteriores com as turmas de hoje, o curso melhorou muito.

Assim, constatamos que o discurso dirige-se aos pesquisadores, mas também as instâncias do CAMEAM na época em que o discurso foi produzido, quais sejam, as instâncias político/administrativas e ainda ao corpo docente no geral. O orador recorre ao lugar da qualidade para defender a tese de que o Curso evoluiu, de forma a superar as dificuldades existentes na época em que o egresso foi aluno. Há, portanto, um auditório menos específico e mais geral, dividido por uma linha do tempo, que produz sentidos sobre o Curso de Letras do CAMEAM.

Quanto ao discurso do pesquisador:

Exemplo 63:

Egresso 23CPG/2005 - o Curso de Letras apresentou teorias e atividades práticas eficientes na formação de profissionais aptos ao exercício do magistério no ensino fundamental e médio. Entretanto o referido curso restringiu o espaço necessário à formação de pesquisadores e produtores de conhecimento e investigação científica

Mais uma vez, vemos que o orador não se cala diante da questão “formação de pesquisador”. É deste ângulo que avalia o Curso, que na sua opinião deixou falhas, não atendeu suas expectativas. Assim, o lugar da qualidade é questionado por esse orador, cujos interesses centram-se na pesquisa e investigação científica. Seu auditório é constituído pelos próprios pesquisadores, pelos professores e alunos do Curso, bem como se dirige à comunidade científica de estudos da linguagem.

Por fim os sentidos para o Curso de Letras do CAMEAM no discurso do egresso de atuação profissional indefinida.

Exemplo 64:

Egresso 12CPG/2005 - Muito teórico, um bom profissional só se sente capacitado quando recebe bons ensinamentos práticos e essa prática deve ser exercida durante a formação profissional e não só em teorias.

O orador não se contradiz em relação ao discurso anterior, pois nele já colocava em questionamento a qualidade do Curso. Aqui a avaliação é feita e justificada. A resposta é direta aos pesquisadores, mas engloba também os professores do seu Curso e ainda os alunos de sua turma, por considerar que receberam uma formação insuficiente.

Em síntese podemos falar dos sentidos atribuídos ao Curso de Letras do CAMEAM pelos egressos de 2005, que em 2007 estavam cursando uma pós-graduação.

O discurso do egresso 06CPG/2005, embora reconheça a importância do Curso de Letras, especialmente no que se refere à continuidade dos estudos em nível de pós-graduação, faz uma menção a seu aspecto teórico ao relacionar os professores e conhecimento repassado. O auditório é basicamente particular constituído pelos pesquisadores, pelos egressos e professores do Curso da época. O discurso do egresso 14CPG/2005 contempla um auditório universal ao falar das atividades de extensão, e julga o Curso de boa qualidade, capaz de estimular o aluno a seguir estudando, a exemplo do primeiro orador, este também reconhece a qualidade dos professores do referido Curso.

No discurso do egresso 17CPG/2005, aquele cujo *ethos* é de um professor de escola particular, que se sente injustiçado pela sociedade, há também um auditório universal pressuposto, haja vista que estabelece uma comparação entre o Curso de Letras em épocas diferentes, considerando um avanço em termos de qualidade na época de sua graduação.

Pelo discurso do egresso 23CPG/2005, constatamos mais uma vez o *ethos* de um pesquisador, agora inconformado com a formação oferecida para o pesquisador, embora reconheça que o Curso oferece uma boa formação para os egressos que lecionam. O auditório é o mesmo contemplado na questão 3.4, isto é, pesquisadores, egressos e professores como auditório particular; e comunidade científica, que se constitui por um caráter universal. O discurso do egresso 12CPG/2005 contempla um auditório constituído pelos pesquisadores e pelos professores do seu Curso e ainda os alunos de sua turma, por considerar que receberam uma formação insuficiente. O Curso, para ele, foi apenas teórico.

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív.For m.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Processo argumentativo	Qualidades e/ou valores atribuídos ao curso
06	CPG	06CPG/2005	Particular: Pesquisadores, professores, alunos do Curso de sua época.	Curso de boa qualidade, com professores competentes, que defendem o que estudam – suas teorias.	“Boa qualidade”, ótimos professores. Lugar da qualidade.
04	CPG	14CPG/2005	Particular: Pesquisadores, alunos, professores. Universal: a sociedade.	Curso de boa qualidade, por ter professores preocupados com a formação própria e várias atividades de extensão.	“Boa qualidade”. Lugar da qualidade.
07	CPG	17CPG/2005	Particular: Pesquisadores, alunos e professores do Curso de sua época. Universal: Alunos e professores do Curso de anos anteriores.	Compara o Curso às turmas anteriores, apontado melhorias.	Melhoria. Lugar da ordem.

03	2 CPG	C23CPG/2005	Particular: Pesquisadores, professores, alunos da época. Universal: Comunidade científica.	Apresentou boa formação para professores, mas limitou a formação de pesquisadores.	“Bom” apenas para formação de professores
02	CPG.	12CPG/2005	Particular: Pesquisadores, alunos do Curso.	Curso muito teórico, acredita que um profissional necessita de bons ensinamentos práticos.	“Muito teórico”.

Quadro 44. Os discursos sobre o Curso - egressos 2005/cursando pós-graduação

4.2.5 Os egressos de 2005 em formação: do *ethos* aos sentidos sobre o Curso

Na comparação *ethos*/Curso, constatamos que o *ethos* e sentidos sobre o Curso, em quase todos os casos, apresentam similaridades. O discurso do primeiro orador, egresso 06CPG/2005 reconhece sua importância como profissional, colocando-se como professor de Língua Portuguesa e reconhecendo a variedade de atividades existentes no Curso, embora, em algum momento, deixe escapar que ele tinha um forte teor teórico. Mesmo assim, a avaliação é positiva. Obviamente, o auditório influencia no discurso deste orador, que tem a preocupação de detalhar todas as atividades desenvolvidas e ainda mencionar para que e para quem elas são importantes.

O discurso do egresso 14CPG/2005, constitutivo de um profissional atuante em sua área de formação, liga a qualidade do Curso ao corpo docente e afirma que as atividades que foram desenvolvidas neste Curso estimulavam a continuidade dos estudos em nível de pós-graduação. O egresso 17CPG /2005 opta por mencionar a atividade por ele desenvolvida durante o Curso, avaliando-a como positiva e, de certa forma, o estimulou a continuar estudando na área. O Curso também ganha uma avaliação positiva se comparado a turmas de anos anteriores.

Relativo ao discurso do egresso 23CPG/2005, constatamos que o orador admite à existência de atividades que o estimularam a pós-graduação, no entanto o Curso não investe na formação de pesquisadores, portanto, não é compatível com o *ethos* deste orador.

Por fim, o discurso do egresso 12CPG/2005 considera que o Curso é apenas teórico. Desde o início (questões 3.2, 3.3), este aspecto teórico e a pouca contribuição para o mercado de trabalho, por não atuar na área, vinham sendo enfatizados nas palavras desse egresso.

Nº Ord.	Nív. For m.	Cód. Egresso	Qualidade e/ou valores atribuídos a si	Ethos	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso	
06	CPG	06CPG/2005	Capacidade de enxergar a gramática numa nova visão.	Professor de língua portuguesa.	Incentivo (à pós-graduação).	For.
					“Boa qualidade” Ótimos professores. Lugar da qualidade.	Av.
04	CPG	14CPG/2005	Amadurecimento.	Reconhece ser/como professor de língua (sem informar qual delas).	Motivação/ incentivo (à pós-graduação).	For.
07	CPG	17CPG/2005	Melhoria na atuação em sala de aula.	Professor de escola particular, não se sente reconhecido pela sociedade.	Melhoria em relação a anos anteriores.	Av.
03	CPG	23CPG/2005	-----	Pesquisador.	Estímulo (à pós-graduação).	For.
					“Bom” apenas para formação de professores.	Av.
02	PG	12CPG/2005	Conhecimento.	Reconhece sua formação Língua Inglesa, mas por não atuar no mercado de trabalho, não se reconhece profissional.	O Curso do CAMEAM que mais estimula à pós-graduação.	For. F
					Muito teórico.	Av. A

Quadro 45. Do *ethos* aos sentidos sobre o Curso – Egressos 2005/cursando pós-graduação.

4.3 O *ethos* dos egressos de 2001 pós-graduados: imagens e sentidos de quem/por quem voltou à universidade

Por fim, chegamos aos discursos dos egressos que em 2007 haviam concluído alguma pós-graduação. Essa é uma realidade apenas dos egressos de 2001, haja vista que não havia durante a coleta de dados (fevereiro/agosto de 2007), egressos de 2005 com pós-graduação concluída. Do universo de vinte e cinco (25) egressos de 2001, nove (09) se encontravam nessa condição. Pela regularidade nos discursos, constatamos apenas duas categorias de *ethos*: 1 – Reconhece ser professor, profissional atuante e competente, que se divide em: a) Atua na

sua área de formação, b) Reconhece ser este professor, mas atua em outra área do conhecimento/disciplinas; 2- Outros *ethos*. Mostraremos os discursos dos egressos 01PG/2001, 03PG/2001, 06PG/2001 e 04PG/2001.

4.3.1 – As imagens no discurso

Eis a questão:

A sua formação em nível superior (título), no curso de Letras, está contribuindo para a sua atuação no mercado de trabalho? () Sim () Não justifique.

Em resposta, os discursos pelos quais chegamos ao *ethos*:

Exemplo 65:

Egresso - 01PG/2001 - (Sim) - Com certeza, a minha formação em Letras me possibilitou o ingresso na área, assim como subsídios para uma boa atuação.

O orador estabelece de imediato um acordo inicial com os pesquisadores, bem como os professores e os alunos de Letras, seu auditório particular, admitindo com segurança a tese de que a formação em Letras contribuiu para a atuação no mercado de trabalho. Seu *ethos* consiste em se fazer um profissional atuante e competente na área de sua formação. Seus argumentos estabelecem uma relação causal (argumento com base no real) entre o Curso (causa) e os benefícios proporcionados (consequências). Ao falar em boa atuação, vemos que o orador defende sua imagem, colocando-se no lugar da qualidade, pois ele diz ser um bom professor, ter uma boa atuação, características que se tornam valores diante do seu auditório, especialmente composto pelos pesquisadores.

Essa parte do *corpus* de 2001 nos permitiu encontrar casos em que o *ethos* se constitui por se reconhecer professor, mas um professor atuante em outra área do conhecimento/disciplina⁷, conforme podemos ver:

Exemplo 66:

Egresso 03PG/2001- (Sim) - Foi através do meu curso que consegui passar em um concurso público.

⁷ Na questão seguinte, o orador vai afirmar que leciona História.

Constatamos, neste discurso, o *ethos* de um profissional que reconhece as ligações entre a sua formação e a sua atuação profissional, através de uma relação de causa/consequência (argumentos com base no real) em que, à medida que o orador deixa clara a utilidade do Curso, atribui a si o lugar da ordem diante de seus interlocutores imediatos (pesquisadores) e principalmente diante da sociedade, pois, na sociedade em que vivemos, passar num concurso público significa conquistar um direito e ainda ser respeitado, a conquista de um emprego passa a ser, diante desta sociedade e na instância do discurso, um valor apresentado ao(s) auditório(s). Pela natureza das afirmações, o orador atribui a si esforço, conquistas.

Nosso *corpus* de 2001, dos egressos que no ano de 2007 haviam cursado especialização, não vai nos permitir encontrar categorias de *ethos* de egressos que claramente se reconheçam profissionais de outra área, isto é, fora da educação, conforme encontramos nos egressos de 2001 e de 2005 que não estavam cursando especialização nem haviam cursando, mas permite encontrar *ethos* que se constituem por um discurso que não deixa claro a atuação profissional, são os “outros *ethos*”, conforme já explicamos. Eis os exemplos:

Exemplo 67:

Egresso 04PG/2001 - (Sim) - No desempenho oral; falar melhor, argumentar é importante em qualquer função.

Constatamos que o orador (o próprio egresso) não se define profissionalmente, mas também não nega a utilidade de sua formação, podemos dizer que há, aqui, um discurso metalinguístico, uma vez que todo ato de tomar a palavra implica numa imagem do orador, e que o orador desse discurso defende a tese de que é preciso falar, argumentar. Assim sendo, o *ethos* se constitui mediante a imagem que ele apresenta diante do auditório que, em suma, é a própria tese que defende. Seu diálogo é especialmente com os pesquisadores, pois acredita que estes valorizem a habilidade de falar, haja vista que esta é uma das habilidades linguísticas, que o orador, seguramente, acredita que seu auditório tem por valor.

Da mesma maneira se constitui o *ethos* no discurso abaixo:

Exemplo 68:

Egresso 06PG/2001- (Sim) - É preciso saber se comunicar bem. E para isso o curso me possibilitou a fazer uso com segurança.

O orador em questão busca seus argumentos no acordo de que o Curso tem sua importância para a atuação no mercado de trabalho. Trata-se de eleger uma finalidade para o Curso (meio/fim – argumento com base no real), de maneira a constituir um *ethos* que se diz seguro no que faz, embora não diga que atividade seja essa. Ao afirmar que é “preciso saber se comunicar bem”, há uma recorrência ao lugar da qualidade, o orador coloca-se nele emitindo um discurso que deixa entender que nem todas as pessoas conseguem se comunicar bem, não conseguem ligar esse ato a si. É, portanto, na instância do discurso, um *ethos* que, pela competência que acredita ter, pretende uma imagem de um bom orador (segundo suas afirmações). Seu diálogo é especialmente com os pesquisadores, pois acredita que estes valorizem a habilidade de falar, constituindo-se um valor.

4.3.2 Ainda sobre o *ethos*

Atentemos para a questão de número 3.3 que, favorece a constituição do *ethos* dos egressos.

As teorias e as experiências práticas adquiridas por ocasião do Curso de Letras/ CAMEAM contribuíram e/ou estão contribuindo para sua atuação no mercado de trabalho () Sim () Não – Comente.

Em resposta, observemos o posicionamento do orador cujo *ethos* anteriormente (questão 3.2) se apresenta como um profissional atuante e competente na área de sua formação.

Exemplo 69:

Egresso 01PG/2001- (Sim) - Com certeza, hoje eu me sobressaio na minha atuação com base nas experiências adquiridas tanto nas disciplinas, quanto nos estágios oferecidos.

Como podemos ver, mais uma vez o orador firma um acordo com seu auditório em relação à tese apresentada, o Curso contribuiu sim para sua atuação profissional. A firmeza das palavras do orador confere-lhe um tom de segurança diante de seu auditório. Embora explicitamente não se compare a outros profissionais, julga ser um diferencial na sua área de atuação, de maneira que há, na constituição do *ethos*, uma relação ato/pessoa (argumentos

com base no real), pois, à medida que o orador reconhece a formação teórica e prática adquirida no Curso de Letras como sendo a causa de sua boa atuação profissional, também atribui mérito à sua pessoa. Dessa forma, reafirma o *ethos* constituído na questão 3.2, isto, é o *ethos* de um professor que se considera bom profissional, diante de seu auditório particular, constituído especialmente pelos pesquisadores e, de forma mais indireta, por seus colegas de profissão, haja vista a “comparação” pretendida no discurso.

Em relação ao *ethos* que se reconhece professor, mas atuante em outras disciplinas, observamos:

Exemplo 70:

Egresso 03PG/2001 - (Sim) - Apesar de não lecionar Língua Portuguesa e sim História, as teorias e práticas são e serão de suma importância na minha vida profissional.

Assim como na questão anterior (3.2), o orador estabelece, com seus interlocutores, o acordo em relação à tese de que o Curso contribuiria para a atuação profissional. Ele reconhece a validade de toda a tese, teoria e prática são importantes para a atuação. Com isso, vemos que aqui o orador diz transpor os conhecimentos de sua área de formação para sua área de atuação, numa relação de meio/finalidade (argumentos com base no real), em que o Curso, as experiências adquiridas nele (meio) servem a determinadas finalidades. Portanto, este discurso, revela o *ethos* de um orador que se define e/ou se reconhece professor de outra área do conhecimento, mas que não despreza sua formação.

Voltemos ao *ethos* do egresso 06PG/2001, que não deixa clara sua área de atuação, defendendo no discurso a importância de saber se comunicar, de ser um bom orador.

Exemplo 71:

Egresso 04PG/2001 - De forma geral diria que sim, pois é através da língua que nos fazemos compreender, porém algumas teorias se perderam no tempo e no espaço.

A primeira coisa a observar é que o orador, ao contrário de todos os casos examinados até aqui, não responde a parte objetiva da pergunta, limita-se aos comentários. Como estamos falando de discurso, de interação social, esta lacuna é constituinte do próprio discurso, basta observarmos que as palavras do orador “de uma forma geral diria que sim [...], porém”, deixa claro que a tese apresentada pelos pesquisadores para ele só é verdadeira em parte, daí o cuidado de não admiti-la por completo, de imediato. O *ethos* continua indefinido em relação à atuação profissional, mas permanece o mesmo da questão 3.3, pois o orador defende a mesma

tese, que é a necessidade de falar bem, de maneira que o Curso é colocado como um meio que permitiu certas finalidades (meio/fim – argumento com base no real).

O outro caso de *ethos* também constituído anteriormente como um bom orador (questão 3.3), destaca:

Exemplo 72:

Egresso 06PG/2001 - (Sim) - Apesar de não atuar na área de minha formação, me sinto privilegiada em ter uma graduação que me permite comunicação e interação.

O que vemos, neste discurso, é a reafirmação de um *ethos* que por um lado se constitui por uma indefinição profissional, pois não há marcas do que seria sua atuação profissional e por outro lado um *ethos* que se constitui pelo desejo de ser visto como alguém que sabe usar a palavra, que diz se destacar exatamente pelas qualidades que julga ter. Dessa forma, há uma argumentação com base no real que consiste num vínculo causal entre realidades diferentes, o Curso (o meio) e os benefícios que são a contribuição dele para a outra realidade, para a atuação em outro universo de trabalho e para o desempenho pessoal (fins).

Após as discussões feitas, conforme nossos objetivos e pressupostos teóricos, vejamos, em síntese, as imagens (*ethos*) construídas pelos oradores (egressos pós-graduados 2001) nas questões 3.2 e 3.3, bem como o processo argumentativo que constituem esses *ethos*.

1) *Ethos* – Reconhecem-se como professores, profissionais atuantes competentes na área de formação.

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
01	PG	01PG/2001	Boa atuação profissional. Lugar da qualidade.	Causa/consequência (argumento com base no real).	Reconhece ser/como profissional bem formado e atuante na área.

Quadro 46 – *Ethos* do egresso 01PG/2001

ANO	2001
-----	------

Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
07	PG	07PG/2001	Lugar da ordem.	Causa/conseqüência (argumento com base no real).	Reconhece ser/como professor da área, considera que a sociedade o reconhece também.

Quadro 47 – *Ethos* do egresso 07PG/2001

2) *Ethos* – Reconhece ser este professor, mas atua em outra área do conhecimento.

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
03	PG	03PG/2001	Profissionalismo	Causa/conseqüência (argumentos com base no real)	Professor de história

Quadro 48 – *Ethos* do egresso 03PG/2001

5) *Ethos* – Outros *ethos*

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
04	PG	05PG/2001	Um bom orador (diz que fala bem).	Meio/ finalidade (a língua é o meio usado com a finalidade de se fazer entender).	Um bom orador.

Quadro 49 – *Ethos* do egresso 04PG/2001

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Qualidade e valores atribuídos a si	Tipo(s) de argumento utilizado(s)	Imagem de si – o <i>ethos</i>
06	PG	06PG/2001	Segurança.	Meio/finalidade – o curso possibilitou falar bem.	Bom orador (diz que se comunica bem).

Quadro 50 – *Ethos* do egresso 06PG/2001

4.3.3 O discurso sobre a formação pelos egressos da graduação de 2001 pós-graduados

Conforme critérios estabelecidos, investigamos, aqui, a constituição de sentidos atribuídos ao Curso de Letras, pelos egressos pós-graduados de 2001, considerando o papel dos interlocutores (auditórios) a quem esses discursos são dirigidos conforme a questão 3.4:

Em formação de curso de nível superior, é pertinente que haja teorias, atividades práticas, atividades extensionistas, pesquisas (com iniciação científica), monografia, entre outras, que busquem formar e estimular o egresso da graduação para dar continuidade em sua formação, em nível de pós-graduação (lato e stricto sensu). Na graduação em letras que você cursou no CAMEAM existiam atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos em nível de pós-graduação? () Sim () Não. Comente.

E a constituição de sentidos pelo discurso do egresso 01PG/2001, cujo *ethos* se dá pelo reconhecimento de que é um professor atuante e competente na área de formação.

Exemplo 73:

Egresso 01PG-2001 - (Sim) - Foram realizadas bastantes oficinas e os professores eram muito incentivadores.

Constatamos no discurso desse orador, o acordo inicial em relação à tese “Havia em sua época atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos?” o orador não só concorda, mas também defende essa tese, descrevendo as atividades que foram realizadas. Seu discurso é curto e se constitui uma resposta ao auditório formado pelos pesquisadores, todavia o diálogo também se estende a todos os alunos de sua época e aos profissionais que faziam o referido Curso, uma vez que a estes professores são atribuídas qualidades. Constatamos, ainda, que o discurso desse egresso continua compatível com o *ethos* anteriormente estabelecido (questões 3.2 e 3.3), uma vez que não reconhecer a formação, nesta questão, contradiria suas afirmações anteriores, as quais defendem veementemente a formação ligada à atuação profissional, constituindo, portanto, o *ethos* de um profissional que reconhece seu valor.

No que se refere ao caso em que o *ethos* se constitui como um professor que atua em outra área/disciplina, mas reconhece a importância de sua formação, constatamos:

Exemplo 74:

Egresso 03G/2001 - (Sim) - Foi muito importante o conhecimento de cada matéria e ao passar dos anos na universidade, os horizontes vão se abrindo, com isso, a vontade de galgar passos a frente em busca de mais e mais conhecimento. Tenho na minha concepção que é de fundamental importância a necessidade de estarmos nos reciclando sempre.

Esse discurso confirma o que antes foi enunciado, o orador reconhece diante de seu auditório a contribuição do Curso para sua atuação profissional. Mais do que isso, aqui ele procura demonstrar maturidade diante deste auditório. Assim, não só o acordo inicial foi firmado, como também foi defendida a tese principal, fortalecida por uma nova tese, a de que a formação continuada é importante. O *ethos*, portanto, permanece sem entrar em contradição com os sentidos atribuídos à formação oferecida pelo Curso ou *vice-versa*. Embora a resposta seja muito direcionada aos pesquisadores, vemos que há também um diálogo com os profissionais da educação, pois, com efeito, o orador assume um discurso contemporâneo sobre formação continuada, um discurso de uma classe, portanto.

Voltemos “aos outros *ethos*”, aqueles que denominamos de bom orador. Vejamos

Exemplo 75:

Egresso 04PG/2001 - (Sim) - Existia sim, a SELLP, o curso de línguas, cursos em outras cidades, minicursos e outros...

Este discurso além de concordar com a tese “Havia em sua época atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos?”, defende-a por meio de exemplos, que são argumentos muito eficientes, pois funcionam como provas e/ou fatos, mediante o auditório. Assim sendo, pelo fato do auditório imediato ser constituído por pesquisadores, um público da instância acadêmica, os exemplos citados, pela sua condição de verossímeis, funcionam como verdades, haja vista que são atividades oferecidas pelo próprio Curso. O diálogo se estende a todos que faziam o Curso de Letras na época, e de forma universal à sociedade, pois há um público constituído por pessoas beneficiadas com as atividades descritas.

O egresso que também defende a tese (*ethos*) de ser um bom orador argumenta:

Exemplo 76:

Egresso 06PG/2001- () - Quando concluí , este tipo de atividade estava sendo iniciada. Nossa turma não foi tão explorada neste aspecto.

Neste caso não encontramos o acordo inicial (a parte objetiva da questão não foi respondida). A lacuna deixada também é constitutiva do discurso, haja vista a argumentação desenvolvida em seguida pelo orador para negar a tese de que a formação oferecida pelo Curso apresentava atividades que estimulavam à formação continuada.

Assim, se inicialmente o *ethos* desse orador (questões 3.2 e 3.3) se apresenta por definir suas qualidades, ao falar sobre a formação oferecida pelo Curso, agora elabora um discurso que defende a si (*ethos*) e justifica sua discordância em relação à tese colocada pelos pesquisadores. Seu discurso também elege seus ex-colegas de Curso como auditório, pois fala em nome deles “nossa turma”. Ao Curso faltou, portanto, atividades que visassem ao incentivo de continuar estudando.

Em síntese, podemos falar também da influência do auditório no discurso desses egressos sobre a formação oferecida pelo Curso de Letras do CAMEAM. Os discursos revelam diferentes posicionamentos desses egressos acerca do assunto, em virtude dos auditórios vislumbrados.

Desse modo, a tese “Havia em sua época atividades teórico-práticas que o estimulassem a dar continuidade aos estudos?” para o primeiro orador (egresso 01), cujo *ethos*, nas questões anteriores, se apresenta como um professor atuante na área de formação (egresso 01PG/2001), é defendida já no acordo inicial e confirmada pelas afirmações de que havia sim estas atividades e que os professores do Curso incentivavam a continuação dos estudos.

Pelo discurso do egresso 03PG/2001, constatamos que os sentidos são positivos para a formação oferecida na época, com ênfase para a tese de que ele mesmo (o egresso) já avançou em conhecimento, uma forma de reafirmar o *ethos* de um professor que, mesmo atuando no ensino de outras disciplinas, reconhece a importância de sua formação. É também neste discurso que encontramos uma menção a um auditório mais amplo auditório universal, ao defender a tese de que é necessário continuar em formação.

O discurso do egresso 04PG/2001, consiste em admitir a existência de atividades que estimulavam a continuação, bem como em listar essas atividades para o seu auditório particular, constituído pelos pesquisadores, alunos e professores da época.

Diferentemente, o discurso do egresso 06PG/2001 constitui sentidos sobre o Curso: não firma o acordo com o auditório, conseqüentemente, não defende a tese proposta.

Em todos os casos, é a natureza da própria tese que, em parte, constitui esses discursos. No entanto, o papel do auditório influencia nos posicionamentos. Com efeito, os oradores dão respostas mais curtas ou mais longas dependendo do que pensam sobre este auditório, firmam ou não um acordo prévio com eles e se posicionam depois, algumas vezes contrariando esse acordo. Nos casos analisados, a ênfase está no auditório particular.

ANO		2005			
Nº Ord.	Nív. Form.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Acordo inicial	Qualidades e/ou valores atribuídos ao curso
01	PG	01PG/2001	Particular: Pesquisadores, professores da época.	Sim	Incentivo dos professores (à pós-graduação)
03	PG	03PG/2001	Particular: Pesquisadores Universal: Todos os profissionais da educação	Sim	Muito importante.
04	PÓS	04PG/2001	Particular: Pesquisadores, alunos, professores do Curso.	Sim	Apenas descreve as atividades oferecidas.
06	PG	06PG/2001	Particular: Pesquisadores, colegas de sala.	Não	Poucas atividades práticas.

Quadro 51. Os discursos sobre a formação - egressos 2005/graduados.

4.3.4 O Curso de Letras pelos egressos da graduação de 2001 pós-graduados

Também interrogamos sobre os sentidos presentes nos discursos dos egressos pós-graduados de 2001, para o Curso de Letras do CAMEAM, mediante o diálogo estabelecido com os interlocutores, considerando os lugares da argumentação, a existência ou não valores.

Eis a questão:

Como você avalia o curso de graduação em Letras pelo qual foi diplomado no CAMEAM?

E o discurso constitutivo do *ethos* do egresso 01PG/2001.

Exemplo 77:

Egresso 01PG/2005 - O curso foi bastante enriquecedor, uma vez que proporcionou o contato com as teorias mais significativas da área. Acredito que se eu não tivesse no mercado de trabalho, eu tinha condições de ingressar num mestrado de imediato, graças aos conhecimentos adquiridos na graduação.

O orador considera o Curso de Letras de qualidade, e não se limita a responder aos pesquisadores com uma única palavra, o que seria possível tratando-se da objetividade da pergunta. Nisto, percebemos que sua argumentação fortalece o *ethos* apresentado nas primeiras questões (3.2, 3.3), quando o orador se coloca como um profissional que atua, com competência, na sua área de formação. Vemos que ele faz menção somente aos conhecimentos teóricos adquiridos no Curso, porém por estabelecer um vínculo causal entre esses conhecimentos e a sua atuação profissional, considerando até mesmo a possibilidade de cursar um mestrado, não atribui um sentido negativo ao Curso. O auditório particular é constituído, especialmente, pelos pesquisadores, mas há um diálogo também com os professores da época, por serem eles os responsáveis por trabalhar os conhecimentos que o orador diz ter adquirido durante o Curso.

Em relação aos sentidos sobre o Curso pelo egresso cujo *ethos* é de um profissional que se reconhece professor, reconhece a importância de sua formação mesmo atuando em outras disciplinas, temos um discurso que continua coerente com tudo que este orador já disse até aqui.

Exemplo 78

Egresso 03PG/2001 - O curso foi de uma boa qualidade, mas a nova grade melhorou bastante, tornando-o mais interessante, ou seja, tínhamos limitações, mas a cada ano o CAMEAM está inovando e buscando melhorias, tanto na parte do seu corpo docente como também na sua estrutura física.

Assim como reconhece a importância da formação continuada (questão 3.4), o orador também reconhece a evolução do próprio Curso pelo qual foi diplomado. Na verdade, ele profere um discurso que se reporta a todo o *campus*, destacando os avanços, a superação das dificuldades que não eram concernentes somente ao próprio Curso. Dessa forma, o orador, além do auditório formado pelos pesquisadores, dialoga especialmente com as instâncias administrativas atuais do *campus*, com seu diretor; e ainda com os professores e alunos atuais (2007). Portanto é esse auditório heterogêneo, sobre o qual ele não tem de tudo controle, que

impulsiona sua avaliação sobre o Curso. Como diz Meyer (2007) o auditório é a fonte dos questionamentos e o *ethos* a fonte das respostas a esses questionamentos.

Em *outros ethos*, através do discurso do egresso 04PG2001, constatamos:

Exemplo 79

Egresso 04PG/2001- maravilhoso, professores em sua maioria preparados, capacitados e muito competentes, entre eles maura, medianeira, Marcos Nonato, Rosângela, Manoel Freire, Leontino.

Um discurso que recorre, logo de início, ao lugar da qualidade, colocando o Curso de Letras do CAMEAM num alto grau de contemplação “maravilhoso”. Logo após, esse lugar é justificado por uma série de nomes de professores, vistos como bons profissionais. No discurso todos eles funcionam como exemplo, ao passo que também constituem parte do auditório visualizado. Assim, ao contrário dos discursos dos últimos oradores, aqui o auditório elege nomes, fala deles, fala para eles, deixando muito claro quem é o auditório particular e sem a preocupação de vislumbrar um auditório universal.

Há ainda o caso do egresso 06PG/2001:

Exemplo 80:

Egresso 06PG/2001- Bom. Acredito que hoje pelo que escuto pelas transformações ocorridas no espaço físico do campus e a graduação dos mestres em exercício (a maioria com doutorado)

Embora do ponto de vista textual, encontremos algumas dificuldades de compressão, o discurso trata-se de uma resposta que vai além dos pesquisadores, pois dirige-se também a um auditório universal constituído por professores e instâncias político/administrativas da época em que o orador elaborou o discurso (2007), objetivando uma comparação ao Curso de Letras da época em que o egresso o frequentou. O acordo inicial também foi feito, recorrendo ao lugar da qualidade, para defender a tese de que o Curso evoluiu, deixando entrever, consequentemente, que antes ele apresentava fragilidades.

Em síntese, podemos dizer falar sobre os sentidos para o Curso de Letras pelos egressos de 2001 que, em 2007, eram pós-graduado. O discurso constitutivo do *ethos* do egresso 01CP/2001 permanece fiel a tudo que já vinha falando, isto é, o Curso está ligado a própria imagem, *ethos*, desse egresso/orador. Em nenhum momento há uma contradição, seus interlocutores são os pesquisadores, mas ao falar das teorias, claramente, seu discurso se reporta a outros interlocutores. O discurso do orador seguinte (egresso 03PG/2201) elege um

auditório bastante amplo, há também uma linha do tempo separando a avaliação do Curso: melhorou, era bom, mas tinha limitações. Semelhante discurso tem o orador egresso (06 CPG/2001). Já o discurso do egresso 04PC/2001 enaltece, sem pudor, o Curso de Letras, colocando seus professores como modelos no discurso e elegendo-os como auditório.

ANO		2001			
Nº Ord.	Nív.For m.	Cód. Egresso	Auditório(s)	Processo argumentativo	Qualidades e/ou valores atribuídos ao Curso
01	PG	01PG/2001	Particular: Pesquisadores Universal: As teorias (autores) que Circulam no curso	Enaltece o curso, enfatizando seu aspecto teórico e os reflexos na sua atuação profissional.	Enriquecedor Lugar da qualidade
03	PG	03PG/2001	Particular: alunos e professores da época Universal: alunos e professores atuais (2007) o CAMEAM em suas instâncias pedagógicas e administrativas	Reconhece a importância da qualidade do curso, enfatizando sua melhoria nos dias atuais.	“Foi muito bom” Tinha limitações Está superando
05	PG	04PG/2001	Particular: pesquisadores Alguns professores e alunos do seu tempo.	Elogia o Curso, cita exemplos (nomes) de bons professores	Maravilhoso Lugar da qualidade
06	PÓS	06P G/2001	Particular: pesquisadores, Universal: professores, alunos, administradores do CAMEAM na atualidade (2007)	Considera que o curso evoluiu, superou as dificuldades do seu tempo de graduando.	Bom Lugar da qualidade

Quadro 52 -. Os discursos sobre o Curso - egressos 2005/graduados

4.3.5 Os egressos de 2001 já pós-graduados: do *ethos* aos sentidos sobre o Curso

Os discursos dos egressos de 2001, pós-graduados, sobre o Curso de Letras revelam diferentes sentidos, mas no geral, o consideram bom. O egresso 01PG/ 2001, com o *ethos* de um profissional atuante, atribui qualidades: havia incentivo dos professores para continuar os estudos, o Curso é enriquecedor. O orador constituído pelo egresso 03PG/2001 elabora um discurso coerente com o seu *ethos*, ele atua como professor de História, mas reconhece a

importância de sua formação, admite as falhas do Curso, e vê a importância da formação continuada. O orador constituído pelo egressos 04PG/2001 cita atividades que eram desenvolvidas durante o Curso e o qualifica como maravilhoso. Já o orador constituído pelo egresso 06PG/200 considera a pouca existência das atividades que estimulavam a continuidade dos estudos e avalia o Curso como bom, sem se prolongar nos argumentos. Em síntese, há diferentes *ethos* e as opiniões sobre o Curso se subdividem.

ANO		2001				
Nº Ord.	Nív. Form	Cód. Egresso	Qualidade e/ou valores atribuídos a si	<i>Ethos</i>	Qualidades e/ou valores atribuídos ao curso	
01	PG.	01PG/2001	Boa atuação profissional Lugar da qualidade	Reconhece ser/como profissional bem formado e atuante na área.	Incentivo (por parte dos professores)	For .
					Enriquecedor	Av.
03	PG	03PG/2001	Profissionalismo	Professor em formação	Muito importante	For .
					“Foi muito bom” Tinha limitações Está superando	Av .
04	PG	04PG/2001	Segurança	Bom orador (diz que se comunica bem)	Apenas descreve as atividades	For .
					Maravilhoso	Av.
06	PG	06PG/2001	Um bom orador (diz que fala bem)	Um bom orador	Faltavam atividades práticas	For .
					Bom	Av.

Quadro 53. Do *ethos* aos sentidos para o Curso – Egressos 2001/graduados

CAPÍTULO V
QUEM SOU EU COM ESSA FORMAÇÃO?
RASTROS DE DISCURSOS SOBRE A
FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ÁREA DE
LETRAS

CAPÍTULO V
QUEM SOU EU COM ESSA FORMAÇÃO?
RASTROS DE DISCURSOS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES
NA ÁREA DE LETRAS

5.1 As imagens no/pelo discurso: aproximações e distanciamentos

A última etapa do nosso trabalho propõe uma reflexão sobre a formação dos professores do Curso de Letras, considerando as diferenças e/ou aproximações entre os *ethos* e os sentidos constituídos nos discursos dos egressos de 2001 e de 2005.

“A palavra está sempre carregada de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2002, p. 95). Esta célebre afirmação de Bakhtin se aplica a todas as constatações evidenciadas neste trabalho. Com efeito, as diferenças e as aproximações entre os discursos dos egressos dos anos que constituíram nossa pesquisa são oriundas da ideologia que envolve a própria formação dos professores pelas razões sociais e culturais que criam uma imagem social do professor e que preparam um cenário para ele atuar, para o exercício da profissão. A vivência permeia os discursos destes ex-alunos ou profissionais em exercício provocando, ao mesmo tempo, uma imagem de si no discurso e múltiplos sentidos para o Curso de Letras pelo qual se formaram.

Neste sentido, os discursos dos egressos perpassam o limite do dizível, do puramente perceptível, e produzem sentidos diante dos interlocutores, especialmente dos pesquisadores, mas ainda, e quase sempre, dos professores e alunos da época do Curso (2001); dos pesquisadores, alunos, professores da época do Curso e de outras épocas e de um auditório sob o qual não tem domínio (2005). Enfim, temos nestes discursos:

a) Profissionais que se apresentam valorizando-se diante de seu auditório, assumindo-se professores de línguas, se autodiferenciando dos demais colegas professores, por acreditar que manejam bem o trabalho com a língua. Estas imagens são próprias dos discursos dos egressos de 2001, que garantiram seu lugar no mercado de trabalho, com uma formação apenas em nível de graduação. (Egressos 02G/2001, 04G/2001). Entre os egressos de 2005, cursando pós-graduação, há quem se assuma professor de língua, no entanto com um discurso mais ponderado (06CPG/2005).

O princípio do dialogismo, da palavra carregada de vivência, rege esses discursos no sentido que eles funcionam como uma resposta à sociedade em que estes sujeitos vivem, uma sociedade competitiva e com poucas oportunidades de trabalho, uma resposta também carregada da própria ideologia do que seja um professor de línguas, pois, se por um lado, a profissão de professor carrega as marcas da desvalorização, por outro lado, há sentidos construídos para o profissional formado em Letras, pois a sociedade insiste em valorizar a norma padrão, em ver com bons olhos o professor de gramática ou o professor que sabe ensinar uma língua estrangeira. Portanto, o princípio da interação social, da palavra ideológica

rege estes discursos de maneira tal que os sentidos não estão totalmente na vontade de quem fala, antes se constituem com base nas relações entre os sujeitos sociais, na própria história. Como dizem Perelman e Tyteca (1996), a ação do orador, daquele que fala, só é mais ou menos consciente devido o caráter dialético da linguagem;

b) os discursos de ambos os anos e dos diferentes níveis, quais sejam, graduação, cursando pós-graduação e ainda dos egressos pós-graduados de 2001, também mostram que há no discurso e pelo discurso profissionais atuantes e, que, na instância da enunciação, não tiveram a preocupação de se fazerem professores de uma ou de outra língua, bastou-lhes aparecer como profissionais da área (Egressos graduados 07 e 12/2001; Egressos graduados 03, 05, 07/2005; Egressos em formação 02, 03/2001; Egressos em formação 01, 02, 04, 05, 07, 10, 11, 13, 14, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27/2005; Egressos pós-graduados 01, 02, 05, 07, 08, 09/2001. Assim, como muitos dos egressos de 2005 tiveram o cuidado de se fazerem profissionais da educação, de reconhecerem a importância de sua formação, mesmo sem atuarem na área, afirmando o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento/disciplinas (Egressos graduados 06, 08/2005; egressos em formação 08, 09, 15, 20/2005);

c) Há casos em que o egresso atua na educação, mas, no discurso, quem fala não é um professor, é apenas um sujeito, que por alguma razão, ocupa o posto de professor (egressos graduados 03, 06, 09, 10/2001). Vemos, nesse sentido, discursos inflamados contra a sociedade que não reconhece o valor da formação, que não reconhece a importância do exercício do magistério na área de formação. Como bem sabemos, mais uma vez, são discursos que estabelecem um diálogo com a sociedade atual, seja por permitir que um professor trabalhe numa área diferente da sua área de formação, realidade de muitas escolas, mesmo contrariando o direito do aluno de receber uma educação com profissionais formados em cada área do conhecimento e a própria política de formação dos cursos superiores, no caso dos professores que atuam em áreas diferentes; seja pelo fato dos profissionais se sentirem injustiçados no exercício da profissão, em virtude dos salários que ganham, considerando que vivem numa sociedade consumista.

No caso do professor de escola particular (Egresso 17CPG2005) a chamada desvalorização, hoje, se faz muito mais notória em decorrência dos concursos públicos que, oferecem aos profissionais da educação, planos de carreira e salários, algumas vezes, liberação para cursar pós-graduação, entre outras vantagens que podem variar de instância para instância (federal, estadual, municipal);

c) Se como diz Amossy (2005), eu me construo na relação com o outro, o discurso de alguns egressos faz deles não profissionais da educação e sim profissionais de outras áreas.

São oradores, na linguagem da argumentação, que se definem pelas afirmações que fazem, pelas escolhas linguísticas utilizadas (Egressos graduados 08, 09/2001; Egressos graduados 04, 06/2005; Egressos em formação 03, 16/2005), quando a palavra deixa de ser unicamente forma e passa significar, a produzir sentidos.

d) Há discursos que mostram a preocupação, naquele momento (momento histórico e a própria instância enunciativa imediata) em não se fazer professor, mas em afirmar que é um pesquisador, em dizer que os interesses estão na busca pelo conhecimento científico (egresso 23CPG/2005), e casos em que a busca pelo conhecimento deve-se ao reconhecimento de que se faz necessário voltar à universidade, que não se deve parar de estudar, parar de investir na formação (egresso 01G/2001).

Todas essas imagens dão mostras da realidade, da vivência, do ex-aluno, do profissional formado pelo Curso de Letras do CAMEAM. Nesses retratos tirados no/pelo discurso dos egressos dos anos de 2001 e de 2005, constatamos:

5.1.1 Em nível de graduação

Pelo discurso, os egressos de 2001, em sua maioria, (08 egressos de um universo de 13, conforme gráfico no capítulo metodológico) atuavam na educação, porém há uma pluralidade de discursos, e/ou de *ethos*, visto que alguns assumem-se professores de língua estrangeira e se fazem orgulhosos disso, outros assumem-se professores, mas sem essa preocupação de dizer se são professores de uma ou de outra língua e outros elaboram um discurso constitutivo de um *ethos* que se define por atuar na profissão, mas não se reconhecem professores, as causas variam entre o fato dessa atuação não ser legitimada, ser apenas um estágio, e o fato deste profissional lecionar uma disciplina que não é de sua competência, não é da sua área de formação, são discursos que desacreditam na contribuição da formação oferecida pelo Curso de Letras, especialmente nos casos em que estes professores atuam em áreas diferentes da sua de formação.

Casos como esses de egressos que atuam na educação, mas não se reconhecem professores, é uma constatação apenas nos discursos dos egressos de 2001 (graduados), pois os discursos dos egressos de 2005 (graduados) cujos professores lecionam em área diferente da sua de formação constroem um *ethos* de professor, eles se sentem professores e reconhecem a importância dos ensinamentos recebidos no Curso.

Assim sendo, o que constatamos de dialógico, aqui, é que essas imagens, *ethos*, se dão em consonância com a época em que estes egressos fizeram o Curso de Letras,

consequentemente, com a sociedade destas mesmas épocas. Muitos professores que ainda hoje atuam na educação, fora de sua área de formação, fazem parte de uma realidade em que mesmo, através de concurso, eram conduzidos a lecionar outras disciplinas por falta de professores habilitados nessas outras áreas do conhecimento. Os egressos de 2005, já contam com uma realidade diferente, a busca pela estabilidade ocasionada pelos concursos públicos provoca, a cada dia, a demanda de profissionais de diferentes áreas de diferentes regiões do país. Vemos que até mesmo esses distanciamentos entre as imagens de 2001 e 2005, são discursos que se reconhecem, refletem e refratam uma realidade em oposição a outra. Como diz Bakhtin (2002), os enunciados (discursos) não são indiferentes uns aos outros.

Constatamos também nos discursos dos egressos de 2001, apenas com graduação, que, desses egressos que eram professores, há os que se assumem professores de uma dada língua. Os discursos de egressos de 2005, apenas graduados, não permitem essa constatação, esses ex-alunos assumem que são professores da área, dizem que atuam na mesma área em que foram formados, mas não se fazem professores de uma ou de outra língua, se dizem apenas professores atuantes na área de formação. Em concordância, estão os discursos dos egressos de 2001, graduados, e de 2005, graduados, que se constituem professores, mas não fazem nenhuma menção à habilitação cursada e nem se preocupam em dizer que atuam na área de formação, apenas se fazem professores, reconhecem a importância de sua formação para a atuação profissional na educação.

Também da pluralidade de *ethos* apresentados no/pelo discurso dos egressos desses dois anos encontramos semelhanças entre aqueles que se constituem, se apresentam como profissionais de outras áreas, seja pelas afirmações feitas, seja pelas escolhas linguísticas constitutivas de um discurso peculiar, em outras palavras, pela seleção dos argumentos, pela relação que estes oradores estabelecem com o próprio auditório, com os interlocutores. São discursos que se constituem pela oposição discurso de professor/discurso de não-professor, são palavras lançadas como uma ponte entre um e outro discurso, constituindo uma verdadeira separação de significados.

Há também nestes dois anos discursos indefinidos, como bem dissemos, *ethos* indefinidos, que não se constituem como professores, não deixam claro em que esses egressos atuam, embora pressuponham que estão no mercado de trabalho. Foram essas causas que impuseram a condição de “outros *ethos*”.

5.1.2 Cursando pós-graduação

Em relação aos discursos dos egressos em formação temos que, durante a pesquisa, apenas três (03) egressos de 2001 estavam cursando uma especialização, ao passo que de 2005, vinte e sete (27) egressos de um universo de trinta e cinco (35) estavam cursando pós-graduação, estes dados já constituem um distanciamento bastante acentuado entre egressos de 2005 e 2001, se considerarmos que, futuramente, eles estariam pós-graduados, ocasionando um “desequilíbrio” entre o número de egressos pós-graduados e os que apenas teriam graduação (até o momento da pesquisa 08, de um universo de 35), os egressos de 2001, mesmo 05 anos após a conclusão da graduação, apenas 08 deles eram pós-graduados (de um universo de 25).

Como semelhanças entre os egressos em formação, contatamos que entre esses profissionais a maioria exerce o magistério (02 em 2001, 22 em 2005), embora os *ethos* constituídos nos discursos dos egressos de 2005 não se constituam por afirmar, explicitamente, se atuam na área de formação, a exemplo dos *ethos* constituídos pelos dois egressos de 2001, que se constituem como professores atuantes na área de formação, mesmo sem citar se seriam professores de uma ou de outra língua. Os *ethos* de 2005 se constituem professores por meio de um discurso que “os fazem professores”, ao afirmarem que o Curso influi na sua atuação pedagógica ou ao afirmarem que lecionam outras disciplinas, mas fazem a transposição dos conhecimentos adquiridos na sua formação para a atuação em sala de aula. Apenas um dos egressos de 2005, se assume no discurso como professor de uma língua em específico.

Constatamos também, até certo ponto, uma aproximação entre os egressos desses dois anos que estavam em formação, falamos de *ethos* de dois (02) egressos que se desenham mais solitariamente, um de 2001 como *ethos* de um estudante, que retornou à universidade pela necessidade de continuar estudando, mesmo sem atuar como professor (E01CPG/2001), e um *ethos* de 2005, que se constitui como um pesquisador (E23CPG/2005), resistindo à ideia de exercício do magistério, conforme podemos ver no seu discurso que se encontra analisado no quarto capítulo deste trabalho. Dizemos uma aproximação até certo ponto, porque os dois egressos se encontravam em formação, não atuavam como professores e ambicionavam essa formação, o distanciamento está na definição do *ethos* de pesquisador, que fala para pesquisadores, que faz questão de separar a formação professor-pesquisador, ao passo que o estudante de 2001 não faz essa distinção, resultando em objetivos diferentes.

Os *ethos* constituídos nos discursos dos egressos de 2005 apresentam uma pluralidade de imagens, há um diálogo com o tempo, isto é, com a necessidade de buscar profissionais

habilitados para o exercício da profissão, e com a preocupação de conquistar um lugar na sociedade por meio de concursos públicos, pois sabemos que há discursos que circulam socialmente nesse sentido. Há também indefinições “Outros *ethos*” , em 2005, pois são discursos de egressos que não deixam claro em que atuam, embora estejam cursando uma pós-graduação na área ou em áreas afins. Há ainda discursos que apresentam um *ethos* de um profissional de outra área, como dissemos, se constituem pelas afirmações feitas, pelos argumentos empregados para construir essa imagem, (a exemplo do que ocorre com os egressos graduados de 2001 e de 2005), e há ainda *ethos* de professor que atua na educação, mas se julga injustiçado pela sociedade, por ela não reconhecer o valor da sua formação, por não ser devidamente recompensado financeiramente.

5.1.3 Em nível de pós-graduação

No que se refere aos *ethos* constituídos por egressos pós-graduados, essa é uma realidade apenas de 2001. Na época da pesquisa, que ocorreu entre os meses de fevereiro e agosto de 2007, não havia egressos de 2005 com uma pós-graduação concluída. Constatamos nas imagens de 2001 que, na maioria, são imagens de profissionais no exercício da profissão (06 de 08), que inclusive deixam claro, no discurso, que atuam na área de formação mesmo sem especificar se atuam na área de língua portuguesa ou de língua inglesa, são discursos que afirmam a estabilidade profissional. As outras imagens no discurso aparecem apenas por uma indefinição (02 egressos), “outros *ethos*”, por não deixarem claro o que fazem em termos profissionais e por afirmarem a pouca contribuição do Curso de Letras para a atuação no mercado de trabalho.

5.1.4 Algumas reflexões

Conforme constatamos, há pluralidades de imagens, *ethos*, dos egressos dos anos que constituem a nossa pesquisa. Há aproximações e há distanciamentos entre os discursos desses egressos, o que constitui aquilo que, em parte, corresponde à própria noção de dialogismo, um diálogo que leva em conta não apenas os interlocutores da situação, mas as condições

históricas/sociais de produção desses discursos. O leitor pode até questionar onde estaria a diferença em dizer que alguns discursos constituem o *ethos* de um professor que se assume professor de uma dada língua, o *ethos* de um professor que diz que atua na área de formação, mas não especifica esta área e o *ethos* de um professor que se faz professor sem dizer pelo menos se atua na área de formação. Ocorre que estas diferenças são marcas do próprio discurso, provocando sentidos, argumentando pelas relações de causa/consequência, meio/finalidade, ato/pessoa, bem como atribuindo a si umas ou outras qualidades e/ou valores. Como dissemos no início dessa discussão, os sentidos aqui construídos estão ligados a vivência desses egressos, a palavra adquire o *status* de palavra ideológica e passa a significar em função da realidade existente para esses egressos.

Com efeito, constatamos em todos os discursos que o egresso, na condição de orador, procura zelar por sua imagem ali na instância de produção, alguns se colocam como bons professores, dizem ter o conhecimento necessário para o exercício da profissão, destacam que conseguiram passar em concursos públicos (aqueles que reconhecem a ligação existente entre o curso e a atuação no mercado de trabalho), muitas das vezes utilizando-se dos argumentos ato/pessoa, que consistem em destacar o valor de uma pessoa em virtude de seus atos, ou dos argumentos meio/finalidade, causa/consequência, que embora tentem estabelecer a ligação entre os benefícios do curso para a atuação profissional, também fortalecem o *ethos*, pois, é uma forma deste orador defender sua imagem; outros, embora não se constituam professores no e pelo discurso, assumem um “caráter” diante desses interlocutores, seja porque acreditam que estão sendo sinceros, seja porque falam somente o que julgam necessário (discursos curtos, algumas vezes fechados).

Em todos os casos são discursos de um orador que procura uma adequação aos seus interlocutores, portanto, uma palavra em parte subjetiva, como diz Bakthin, ideológica por está sendo lançada no contexto da enunciação, mas nunca neutra, pois constitui o objeto de interação entre esses egressos e seus auditórios.

5.2 “Os cursos” nos/pelos discursos

5.2.1 A formação oferecida

Assim, como fizemos uma reflexão sobre as imagens, *ethos*, constituídos nos discursos dos egressos dos anos de 2001 e de 2005, merecem destaque também os sentidos constituídos para o sobre de Letras do CAMEAM, na perspectiva desses egressos.

Neste sentido, constatamos principalmente distanciamentos entre os discursos desses egressos. Assim como ocorre ao *ethos*, o contexto de produção desses discursos também produzem uma pluralidade de sentidos (não de imagens, pois não se trata de *ethos*, estes estão ligados à pessoa). Para chegarmos a essas constatações, percorremos o caminho do processo argumentativo, observando se estes egressos, na condição de oradores, concordavam e defendiam as teses apresentadas pelos pesquisadores em relação ao Curso de Letras. Tese essa formulada na pergunta sobre a qualidade ou mesmo importância da formação oferecida pelo Curso de Letras.

Conforme vimos no capítulo metodológico, dos treze (13) egressos de 2001 apenas graduados, os discursos de seis (06) deles firmam o acordo com os interlocutores sobre a qualidade do Curso no que se refere à existência das atividades oferecidas e sua contribuição para a formação continuada, mas apenas três (03) desse total defendem essa tese com argumentos. Os outros sete (07), obviamente, não firmam este acordo, somando-se um total de dez (10) egressos que não defendem a tese em apreciação.

Se considerarmos que desse universo de egressos quatro (04) deles constroem um *ethos* de um professor competente, como afirmam no discurso, pelo menos um (01) deles mesmo se reconhecendo professor, provoca uma distanciamento entre o *ethos* e o que pensa sobre o Curso.

Já em relação a 2005, egressos apenas graduados, as constatações são diferentes. Com efeito, todos os oito (08) oradores firmam um acordo inicial com os pesquisadores e todos defendem a importância da formação oferecida pelo Curso de Letras, mesmo aqueles que não atuam na área (02 deles). Com isso, vimos que estes discursos, especialmente os de 2001, sofrem a influência do auditório no sentido de firmar um acordo e não defender a tese, isso faria parte do próprio processo argumentativo, que permite esse acordo, como forma de estabelecer um contato positivo entre as partes do discurso, orador/auditório. Como diz Abreu (1999) para não entregar a tese principal logo de imediato, e ainda porque os egressos de 2001, geralmente, falam a um auditório mais específico, particular, na linguagem de Perelman e Tyteca (1996), ou social como diz Bakhtin (2002).

Diferentemente, na sua maioria, os oradores de 2005, desse nível de formação, elegem um auditório menos específico, falam a instâncias político-administrativas da instituição, e/ou à própria sociedade. Como bem sabemos, as condições histórico-sociais desses discursos e as

condições de existência do próprio Curso são também responsáveis pelos posicionamentos dos egressos a respeito do Curso de Letras. No entanto, é a própria forma de argumentar que chama a atenção, constatamos que, especialmente, os egressos de 2001 procuram um caminho para falar dessa formação, uma parte deles inibe-se diante do auditório, pressupondo um acordo em relação à tese, acordo este que alguns não conseguiram cumprir, pois não a defenderam. Assim, como a menção a um auditório universal é pouco sentida. Os oradores de 2005 não se contradizem entre acordo e defesa e, ainda, em grande parte, visualizam um auditório muito mais amplo.

Em se tratando dos egressos cursando pós-graduação, os discursos revelam que dos três (03) de 2001, um (01) deles não concorda e não defende a tese, e do universo de vinte e sete (27) de 2005, embora todos firmem o acordo inicial, somente 19 defendem essa tese com argumentos. Dessa forma, vemos que alguns dos egressos de 2005 (08 egressos) também argumentam pelo processo acordo *versus* defesa/aceitação da tese. Sendo assim, a formação oferecida pelo Curso de Letras, para estes egressos, em algum momento, é questionada. Obviamente, isso tem a ver com as próprias imagens construídas no discurso, com o *ethos*, uma vez que desse número de egressos há também aqueles que se constituem, no discurso, profissionais de outras áreas (02 egressos) ou aqueles que se colocam indefinidamente (02 deles).

O auditório pressupostos por estes egressos de 2005 também é importante na construção desses sentidos, apenas dez (10) desses egressos pressupõem um auditório universal, de forma que a maioria fala aos pesquisadores e aos alunos e professores do Curso de Letras da época em que foram diplomados, portanto, é para eles que argumentam, assim como ocorreu aos egressos apenas graduados de 2001. Constatamos que quando se fala a um auditório mais particularizado, há uma divergência entre acordo e defesa da tese, isto se deve, em parte, ao próprio processo argumentativo que, para a boa interação entre orador/auditório, permite a efetivação de alguns acordos para só então defender a tese pretendida. No caso dos discursos desses egressos, seria não defender a tese apresentada pelos pesquisadores.

Por fim, do universo de nove (09) egressos pós-graduados de 2001, seis (06) deles firmam o acordo em relação à tese e apenas um (01) destes não defende essa tese. Três (03) deles não firmam o acordo, conseqüentemente, não a defendem. O auditório universal é pressuposto por apenas dois desses oradores.

Todas esses resultados conduzem-nos às constatações já colocadas, são as condições histórico-sociais do próprio Curso de Letras que levam o ex-aluno a tomar um posicionamento em relação à formação oferecida, bem como é a própria imagem que esses

egressos têm de si que provoca esses sentidos, pois é muito mais fácil para um egresso que atua na área de formação ou como professor de outra disciplina defender a tese da importância da formação em Letras do que para aqueles que não atuam na educação. Como dissemos, no início, ao refletirmos sobre os *ethos*, é a vivência que determina esses discursos, fazendo com que alguém que admita (acordo inicial) diante dos interlocutores a importância dessa formação, logo em seguida desenvolva uma contra-argumentação à tese que, supostamente, defenderia, é a própria realidade histórico/social desses egressos que impõem determinados posicionamentos.

Além disso, a instância de produção dos discursos são complexas, no caso de uma pesquisa como essa, o entrevistado (por meio de questionário) considera uma série de fatores antes de responder as questões, ele imagina para quem está escrevendo, e fala para esses interlocutores tentando se adequar ao contexto, só por isso já se explicaria muitas dessas discrepâncias entre acordo e defesa, pois é o papel do auditório no contexto do discurso.

5.2.2 A avaliação sobre o Curso

Se até aqui as constatações sobre o Curso, considerando a formação, mostram que há distanciamentos e aproximações nos sentidos construídos pelos egressos dos dois anos da pesquisa, constatamos também que, ao solicitarmos uma avaliação sobre ele, os discursos dos egressos apresentam distanciamentos não apenas de um ano para outro, mas até mesmo em relação aos discursos sobre a formação oferecida (questão 3.4). Com efeito, a avaliação dos egressos de 2001 (graduados), na sua maioria, foi positiva, apenas um (01) dos egressos considera o Curso de Letras do CAMEAM ruim e três (03) deles o consideram regular. Os demais (09) avaliam como bom ou muito bom, contrariando até mesmo os discursos sobre a formação, quando sete (07) desses egressos, na condição de oradores, não defendiam a tese da qualidade da formação desse mesmo Curso. Diferentemente se posicionaram os egressos de 2005 (nível graduação). O diálogo foi mantido com o que pensam sobre a formação, de forma que os oito (08) egressos, avaliaram o Curso positivamente (07 – bom; 01 – muito bom).

E o auditório pressuposto, qual a influência dele nestes posicionamentos? Observamos que os egressos de 2001, apenas graduados, recorrem timidamente ao auditório universal (apenas 02 egressos) e os de 2005, em sua totalidade, fazem menção a esse auditório. No entanto, mesmo diante de um auditório particular uma questão como a que foi colocada “Como você avalia o Curso de Letras pelo qual foi diplomado? requer um contato muito direto do orador com esse auditório, daí que ao invés de utilizar argumentos longos esse

orador tem a possibilidade de responder com uma única palavra: bom, ruim, regular, muito bom, etc., podendo, até mesmo, contrariar o seu próprio discurso (sobre a formação). Na maioria os egressos de 2001 (graduados) optaram pela brevidade desses discursos, sem justificar as razões de sua avaliação. Os de 2005 foram menos econômicos com as palavras, e, como dissemos, pronunciaram um discurso coerente com o que afirmaram sobre a qualidade da formação recebida.

No que concerne aos egressos de 2001 em formação, isto é, que em 2007 encontravam-se numa pós-graduação até mesmo o orador que não defendeu a tese da qualidade da formação oferecida avalia o Curso positivamente diante de um auditório particular e de outros interlocutores (auditório universal), os outros dois também falam a um auditório universal. Quantos aos egressos de 2005, em formação, alguns deles (03) dizem que o Curso é regular e todos os outros o julgam no mínimo bom. Nisto, vemos que os egressos de 2005, em formação, talvez pelo seu grande número, vêm sempre apresentando pluralidade de sentidos para o Curso de Letras, ao contrário dos que ainda não haviam retornado a formação continuada, os quais sempre se mantêm unívocos em relação aos sentidos atribuídos ao Curso. Obviamente, a diferença numérica entre eles também contribui para essas divergências. A exemplo dos egressos apenas graduados, há, nestes discursos, sempre uma justificativa dessa avaliação, uma influência bastante acentuada do auditório no discurso dos egressos em formação do ano de 2005, dos quais doze (12) deles pressupõem um auditório universal.

Em relação aos discursos dos egressos pós-graduados, uma realidade somente de 2001, na época da pesquisa, há divergências também em relação ao que afirmam sobre a qualidade da formação e avaliação sobre o Curso. Aqui apenas um (01) julga o Curso ruim e todos os outros o avaliam como sendo, no mínimo, bom. A influência do auditório universal é pouca, apenas três (03) desses egressos vislumbram essa pluralidade de interlocutores. Como vemos, atribuir uma avaliação negativa ao Curso de Letras pelos egressos desse nível de formação seria contraditório aos *ethos* construídos no discurso, uma vez que muitos desses egressos se dizem professores.

O que podemos então concluir sobre tudo isso? Esta pergunta já vem sendo respondida durante toda essa discussão, são os contextos de produção desses discursos que fazem do Curso de Letras do CAMEAM de diferentes épocas “outros cursos” e, principalmente é a vivência desses egressos que determinam os posicionamentos no discurso, na sua maioria esses egressos vivem a realidade de uma sala de aula, lidam com a prática que, supostamente, deveria ser amparada pela teoria, além disso, vivem em uma sociedade que condiciona o professor a determinadas ações, sejam elas de caráter pedagógico, sejam as exigências das

políticas do magistério, que preveem a necessidade, e quase obrigatoriedade, do profissional da educação em investir na sua formação continuada, muitas das vezes sem delegar a estes profissionais tempo para estudar, seja a intensa movimentação da sociedade atual em busca de um lugar no mercado de trabalho, seja, até mesmo o preparo ou despreparo destes profissionais para lidar com a prática da formação recebida.

De toda maneira, a pesquisa revela que o Curso de Letras na região em que está situado tem colocado seus egressos no mercado de trabalho. Com efeito, se observarmos, dos vinte e sete (27) egressos de 2005 que se encontravam em formação, pelo menos vinte e dois (22) deles, já em 2007, se encontravam em exercício do magistério, quer na área de formação, quer em outras áreas/disciplinas. Também os egressos pós-graduados de 2001, em sua maioria, estavam exercendo o magistério. Além disso, os discursos nos provam que estes egressos, em grande parte, afirmam ter passado em concursos públicos .

Salientamos ainda que a instância imediata de produção desses discursos interfere na própria produção deles, no sentido que o egresso fala a um grupo de pesquisadores, e que são levados a falar sobre sua própria formação. Mediante tudo isso, constatamos o quanto esses egressos tentaram responder aos seus auditórios, seja pela imagem com que se apresentaram, seja pelo esforço de tentarem definir o curso de Letras pelo qual foram diplomados. Em todos os casos, são realidades do e no discurso.

CONCLUSÃO

Este trabalho partiu da necessidade de conhecermos como os egressos do Curso de Letras do CAMEAM, anos 2001 e 2005, se veem diante de seus possíveis interlocutores e, ao mesmo tempo, como enxergam o Curso pelo qual foram diplomados. Para tanto, formulamos nossa questão central em “Que imagem ou imagens os egressos do Curso de Letras do CAMEAM fazem de si como ex-alunos e/ou como profissionais formados por esse Curso?”, a qual se desdobrou em outra interrogação: “Como esses egressos constituem sentidos sobre o Curso de Letras?”

Mediante tais questionamentos, desenvolvemos a pesquisa elegendo como *corpus* os discursos dos egressos dos anos de 2001 e de 2005, e estabelecendo como critérios o nível de formação que estes egressos tinham ou que estavam cursando no ano de 2007, uma vez que a coleta do *corpus* se deu entre o período de fevereiro a agosto de 2007, antes mesmo de ingressarmos no Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. O referido *corpus* é um recorte dos dados arquivados no banco de dados do Grupo de pesquisa em Produção e Ensino do Texto – GPET, do qual participamos, como membro, das discussões e envolvemo-nos com pesquisas.

Desse modo, coube a nossa pesquisa agrupar os discursos em: a) discursos de egressos destes dois anos, que em 2007, durante a coleta de dados, haviam concluído a graduação e ainda não haviam voltado à universidade para dar continuidade à formação (egressos graduados); b) discursos de egressos que estavam cursando pós-graduação (ou em formação), independente de ser uma pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*; e c) discursos dos egressos que já haviam concluído uma pós-graduação. Ao todo trabalhamos com um universo de discursos de sessenta (60) egressos, divididos em vinte e cinco (25) do ano de 2001 e trinta e cinco (35) do ano de 2005, que correspondem a todos os questionários devolvidos pelos egressos destes dois anos. Apresentamos os resultados de uma forma macro no capítulo metodológico e nos capítulos de análises trabalhamos, por amostragem, com discursos de vinte (20) desses egressos, dez (10) de cada ano.

Os nossos objetivos específicos (Introdução) orientaram-nos nas etapas de desenvolvimento deste trabalho, as quais determinaram, primeiro, na interpretação do *corpus* referente aos anos de 2001 e 2005, conforme o nível de formação, a busca pela imagem (*ethos*) dos egressos com base em suas colocações sobre a contribuição da formação em nível superior (Curso de Letras) para a atuação no mercado. Nestes termos, consideramos como inerentes à construção das imagens no discurso (*ethos*) os aspectos do processo argumentativo do próprio discurso: os lugares da argumentação, os valores apresentados diante do auditório, e a utilização das técnicas argumentativas, além da própria noção de *ethos*, que, neste

trabalho, vem da Nova Retórica ou Teoria da Argumentação, que ver o *ethos* como a adaptação do orador ao auditório, por isso a efetivação ou não de um acordo em relação à tese proposta pelos pesquisadores.

Assim sendo, os resultados mostram que os discursos dos egressos dos anos supracitados constroem uma pluralidade de imagens, (as quais mantêm entre um ano e outro aproximações, mas, principalmente, distanciamentos, sobre o que refletimos na última etapa do trabalho). São discursos que construíram *ethos* de egressos que se consideraram: 01) PROFESSORES, PROFISSIONAIS COMPETENTES, os quais se dividem em: a) atuantes na área de formação, assumindo-se professores de línguas, b) professores que não fazem a relação habilitação cursada/ área de atuação; 2) TRABALHAM NA EDUCAÇÃO, MAS NÃO CONSTROEM UM *ETHOS* DE UM PROFESSOR/EDUCADOR; 03) RECONHECEM SER PROFISSIONAIS DE OUTRA ÁREA; 4) OUTROS *ETHOS*. Estas imagens, ou *ethos*, foram apresentadas pelos discursos dos egressos de 2001, que na época da pesquisa, possuíam apenas o diploma de graduação e não estavam cursando uma pós-graduação.

Como resultados, encontramos nos discursos dos egressos de 2005, que também na época da pesquisa não estavam cursando nem haviam cursado uma pós-graduação, *ethos* de: 1) PROFESSORES, PROFISSIONAIS COMPETENTES, divididos em a) na área de formação, b) em outras áreas do conhecimento/disciplinas, c) professores que não deixam claro se atuam na área de formação; 2) PROFISSIONAIS DE OUTRAS ÁREAS; 3) OUTROS *ETHOS*. Os discursos compreendidos pelos egressos com esse nível de formação encontram-se discutidos no terceiro capítulo do trabalho.

Relativo aos *ethos* constituídos nos discursos dos egressos cursando pós-graduação, em 2007, durante a pesquisa, constatamos: 1) PROFESSORES, PROFISSIONAIS COMPETENTES ATUANTES NA ÁREA DE FORMAÇÃO; 2) CONSTROEM O *ETHOS* DE UM ESTUDANTE EM FORMAÇÃO (apenas um caso). Esses são *ethos* mostrados nos discursos dos egressos do ano de 2001. Já do ano de 2005 (egressos cursando pós-graduação) há uma pluralidade de imagens que, em parte, se deve ao grande número de egressos nesta condição, mas, principalmente, às condições histórico-sociais que determinam uma nova ordem na sociedade, em termos de trabalho e/ou atuação profissional, especialmente em relação ao magistério. Temos então: 1) PROFESSORES, PROFISSIONAIS COMPETENTES: a) na sua área de formação, assumindo-se professores de Língua(s), b) reconhecem ser professores, mas não fazem a relação habilitação/área de atuação, c) em outras áreas do conhecimento/disciplinas; 2) CONSIDERAM-SE PROFESSORES, MAS

JULGAM QUE A SOCIEDADE NÃO RECONHCE SEU VALOR (apenas um caso); 03) RECONHECEM SER PROFISSIONAIS DE OUTRA ÁREA; 4) PESQUISADOR; 5) OUTROS *ETHOS*.

Concernente aos discursos de egressos pós-graduados, em 2007, essa era uma realidade apenas dos egressos do ano de 2001. Estes discursos apresentaram uma menor pluralidade de imagens, de maneira que, em grande parte, na condição de oradores, apresentaram-se como professores em exercício da profissão: 1) RECONHECEM SER PROFESSORES, PROFISSIONAIS COMPETENTES ATUANTES NA ÁREA DE FORMAÇÃO; 2) OUTROS *ETHOS*.

A segunda etapa da pesquisa considerou dois dos objetivos específicos. Nesta, as constatações são respostas à questão que se desdobrou da primeira “Como esses egressos constituem sentidos sobre o Curso de Letras?”, que em outras palavras significa que sentidos são atribuídos ao referido curso. Sendo assim, os resultados foram obtidos mediante o posicionamento que esses egressos tomaram diante de seus possíveis interlocutores, na influência do auditório na/para a construção desses sentidos. Esta etapa foi desenvolvida observando a defesa ou não da tese sobre a qualidade do Curso de Letras do CAMEAM, no que se refere à formação oferecida, e, ainda, a avaliação que estes egressos, na condição de oradores, faziam do referido Curso. Novamente, obedecemos ao critério nível de formação estabelecido e o ano de formação.

Foi nesta etapa que as maiores discrepâncias apareceram entre os discursos dos egressos dos dois anos da pesquisa. Constatamos que, na sua maioria, os discursos dos egressos apenas graduados de 2001, sobre a formação oferecida pelo Curso de Letras (questão 3.4) estabelecem um acordo inicial com o auditório sobre a importância ou qualidade dessa formação (na questão objetiva) e não defendem esta tese, ou seja, o egresso assinala a parte objetiva da questão, que afirma sobre a qualidade/importância da formação do Curso, em seguida, na questão dissertativa, usa de argumentos que afirmam o contrário. Nisto, constata-se a influência do auditório, que quase sempre é imediato (pesquisadores, alunos e professores do Curso da época), constituindo-se, portanto, numa adequação do orador ao auditório, pois o orador concorda inicialmente para só então revelar seu ponto de vista. Não foram assim os posicionamentos dos egressos de 2005 com o mesmo nível de formação, todos estabeleceram um acordo inicial em relação à tese apresentada e argumentaram sobre ela, alguns elegendo um auditório amplo.

Já os discursos dos egressos em formação revelam que havia em 2007 um número muito pequeno de egressos de 2001 cursando uma pós-graduação (apenas 03). Destes apenas

um (01) não defendeu a tese sobre a importância da formação, mas também não firmou um acordo inicial em relação a ela. Já os discursos dos egressos de 2005, em parte, desenvolveram uma “não defesa” da tese, argumentando pelo processo acordo x defesa/aceitação da tese, uma vez que todos estabeleceram o acordo inicial. A maioria deles também fala aos pesquisadores e aos alunos e professores do Curso de Letras da época em que foram diplomados.

Por fim, os discursos revelam que os egressos pós-graduados de 2001, em sua maioria, firmam o acordo em relação à tese e a defendem com argumentos, uma pequena parte, firma e não defende e outra parte não firma o acordo, conseqüentemente, não defende a tese em apreciação.

Todos esses discursos sobre a formação oferecida pelo Curso revelam que quando estes egressos falam a um auditório mais particularizado, há uma divergência entre acordo e defesa da tese, isto se deve, em parte, ao próprio processo argumentativo, que, para a boa interação entre orador/auditório, permite a efetivação de alguns acordos para, só então, defender a tese pretendida. No caso dos discursos desses egressos seria não defender a tese apresentada pelos pesquisadores. Assim, como esses discursos estão ligados à instância ampla da enunciação, ao contexto sócio/histórico do próprio Curso de Letras de cada época e aos discursos circundantes na sociedade, como já dissemos, especialmente em relação à própria política de formação e atuação de professores.

Ainda nesta mesma etapa, investigamos sobre os sentidos atribuídos ao Curso de Letras do CAMEAM mediante uma avaliação do mesmo. Assim, constatamos que a avaliação dos egressos de 2001 (graduados), na sua maioria, foi positiva, contrariando até mesmo os discursos que esses mesmos oradores proferiram sobre a formação oferecida por este Curso, quando em sua maioria não defendiam a tese da qualidade da formação desse mesmo Curso. Os discursos dos egressos de 2005 (nível graduação) mantiveram o mesmo “tom” da questão anterior, todos os oradores avaliaram o Curso positivamente, assim como vislumbraram um auditório menos específico, mais universal. Em sua maioria, os discursos de 2001 de egressos graduados são curtos, breves ao avaliarem o Curso, omitindo, muitas das vezes, a justificativa dessa avaliação. Os de 2005 quase sempre são longos e cheios de argumentos, coerentes com as afirmações sobre a qualidade da formação recebida.

No que concerne aos egressos de 2001, em formação, até mesmo o orador que não defendeu a tese da qualidade da formação oferecida avalia o Curso positivamente diante de um auditório particular e de outros interlocutores (auditório universal). Quantos aos discursos de egressos de 2005, em parte, eles avaliam o Curso mostrando suas fragilidades, os outros o

julgam, no mínimo, bom. Nisto, vemos que os egressos de 2005, em formação, talvez pelo seu grande número, vêm sempre apresentando pluralidade de sentidos para o Curso de Letras, ao contrário dos que ainda não haviam retornado à formação continuada, os quais sempre se mantêm unívocos em relação aos sentidos atribuídos ao Curso. Obviamente, a diferença numérica entre eles também contribui para essas divergências. Há também sempre nestes discursos de 2005, uma justificativa dessa avaliação, uma influência visível do auditório, da forma como o egresso visualiza seu interlocutor no discurso.

Em relação aos egressos pós-graduados, uma realidade somente de 2001 na época da pesquisa, há divergências também em relação ao que afirmam sobre a qualidade da formação e avaliação sobre o Curso. Quase todos os discursos (com exceção de um) avaliam o Curso como sendo, no mínimo, bom diante de um auditório quase sempre particular. Partimos do pressuposto que atribuir uma avaliação negativa ao Curso de Letras pelos egressos de 2001 desse nível de formação seria contraditório às imagens construídas no discurso, já que, em sua maioria, estes egressos se dizem professores.

A terceira e última etapa de nosso trabalho reflete sobre os *ethos* constituídos nos discursos por esses egressos, bem como sobre os sentidos atribuídos ao curso, considerando, claro, os anos de formação e a situação em que se encontravam, isto é, o nível de formação. Nisto, nossas considerações estão respaldadas no princípio dialógico da linguagem, que nos orienta a ver com os olhos da interação social a ocorrência destes discursos. Eles são discursos que interagem com a própria instância imediata de sua produção, os interlocutores “presentes”, mas são discursos que se reportam às questões sociais de uma época, por isto há tanta discrepância entre o que se dizem ser os egressos de 2001 (*ethos*) e o que dizem ser os egressos de 2005.

Somente pelo discurso se explicam as diferenças entre aqueles que se dizem professores competentes atuantes e que se assumem professores de uma dada língua, e aqueles que se dizem atuantes/competentes na área de formação, mas sem especificar esta área e ainda aqueles que se fazem professores sem dizer pelo menos se atuam na área de formação. Ocorre que estas diferenças são marcas do próprio discurso, provocando sentidos também diferentes, argumentando por razões diferentes, bem como atribuindo a si umas ou outras qualidades e/ou valores. Geralmente, os professores que se assumem professores de uma língua em específico utilizam-se dos argumentos ato/pessoa para afirmarem que são bons professores e/ou que se destacam em meio aos colegas de profissão. Os que atuam na área de formação sem fazer menção à habilitação cursada, geralmente utilizam-se dos argumentos causa/conseqüência/efeito, para justificar sua atuação como professor, e aqueles que se dizem

professores, independente de dizerem se atuam na área, confirmam sua atuação por meio de argumentos causa/conseqüência/efeito e, especialmente, dos argumentos meio/finalidade.

Como dissemos, são os contextos de produção desses discursos que fazem tanto desses profissionais múltiplos profissionais, como fazem do Curso de Letras do CAMEAM de diferentes épocas “outros cursos” e, principalmente, é a vivência desses egressos que determinam os posicionamentos no discurso, na sua maioria esses egressos vivem a realidade de uma sala de aula, numa sociedade que condiciona o professor a determinadas ações de caráter pedagógico, às exigências das políticas do magistério, que preveem a necessidade, e quase obrigatoriedade, do profissional da educação em investir na sua formação continuada, e à intensa movimentação da sociedade atual em busca de um lugar no mercado de trabalho, entre outras razões.

Acreditamos que a contribuição deste trabalho esteja nos “retratos” tirados nos e pelos discursos desses egressos, tendo em vista que os resultados aqui encontrados nos proporcionam refletir sobre o ensino oferecido por um curso superior de formação de professores, constatando que, especificamente no Curso de Letras sobre o qual interrogamos, ocorreram mudanças relativas à formação desses profissionais cuja conclusão de curso se deu em períodos diferentes (anos 2001 e 2005), haja vista as afirmações, as teses defendidas ou não defendidas pelos egressos em relação a essa formação. E, ainda, a forma como se veem mediante a sua atuação profissional, seja ela na condição de professor ou em outras atividades (há inclusive professores que atuam como professores, mas não se sentem professores).

Mediante tudo isso, constatamos o quanto esses egressos tentaram responder aos seus auditórios, seja pela imagem com que se apresentaram, seja pelo esforço de tentarem definir o Curso de Letras pelo qual foram diplomados. Em todos os casos, são realidades do e no discurso, mas que refletem e refratam uma realidade muito específica.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução de A.P. de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 199-, [395^a.]

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. tradução de M. LAHUD; Y. F. VIEIRA. São Paulo: HUCITEC, 2002.

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BRETON, P. **Argumentação na comunicação**. Trad. Viviane Ribeiro, 2. Ed. São Paulo: EDUSC, 2003.

COSTA, R. L. **Os sentidos da canção**: uma análise do discurso na obra de Chico Buarque de Hollanda, Pau dos Ferros, 2005 (Monografia de final de curso).

COSTA, R. L; SOUZA, G. S. de. **O egresso de Letras e seu discurso**: a constituição do *ethos* acadêmico. VI Congresso Internacional de Lingüística da ABRALIN. João Pessoa: Idéia, 2009.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução de E. GUIMARÃES. São Paulo: Pontes, 1987.

FARACO, C.A. **Linguagem e diálogo**: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

LYONS, J. **Linguagem e lingüística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LOIZOS, P. Vídeo, filmes e fotografias como documentos de pesquisa IN: BAUER W.M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução Guaraschi, P. A, Petrópolis, Rio de janeiro: Vozes, 2004.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

MEYER, M. **A unidade da retórica e seus componentes**: éthos, páthos, logos. In: **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MONTEIRO, J. L. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

MORATO, E. O interacionismo no campo lingüístico. In MUSSALIM, F; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Bagaço, 2005

OSAKABE, H. **Argumentação e discurso político**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 10 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

PERELMAN, C. **O império retórico**: retórica e argumentação. Tradução de F. TRINDADE; R. A. GRÁCIO. Porto: Ed. ASA, 1993.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação**: a nova retórica. Tradução M. E. GALVÃO. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. Tradução de I. C. BENEDETTI. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOBRAL, A. Ético e estético na vida, na arte e na pesquisa em ciências humanas. In: BRAIT, B. **Bakhtin conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUZA, A. **A persuasão**: estratégias da comunicação influente. Rio de janeiro: Nórdica, 2003.

SOUZA, G. S. de. **O nordeste na mídia**: um (de)sencontro de sentidos. Araraquara, 2003. 403p. Tese (Doutoramento em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”.

_____. **Argumentação no discurso**: questões conceituais. In: FREITAS, Alessandra Cardozo de; RODRIGUES, Lílian de Oliveira; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa (Orgs.). **Linguagem, discurso e cultura**: múltiplos objetos e abordagens. Pau dos Ferros: Queima Bucha, 2008.

_____. (Coord.). **Relatório técnico final de atividades**: Pesquisa “O perfil dos egressos do Curso de Letras do CAMEAM/UERN”. Departamento de Letras do Campus Avançado “Profª Mª Elisa de Albuquerque Maia”, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2007.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. 2004. Tradução de: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN. **Projeto Pedagógico do Curso de Letras**. 169p. Departamento de Letras do CAMEAM/UERN. Pau dos Ferros: UERN, 2008.